



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

OSMILDE AUGUSTO MIRANDA

FLUXOS E ORIGENS DA MIGRAÇÃO: um estudo sobre trajetória e modos de vida
de roboteiros em Luanda/Angola (2002-2021)

São Luís

2022

OSMILDE AUGUSTO MIRANDA

FLUXOS E ORIGENS DA MIGRAÇÃO: um estudo sobre trajetória e modos de vida de roboteiros em Luanda/Angola (2002-2021)

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Doutor em Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Sousa de Araújo.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Movimentos Sociais

Linha de Pesquisa: Estado, Cultura e Políticas Públicas

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Miranda, Osmilde Augusto.

FLUXOS E ORIGENS DA MIGRAÇÃO: um estudo sobre trajetória e modos de vida de roboteiros em Luanda/Angola 2002-2021 / Osmilde Augusto Miranda. - 2022. 171 f.

Orientador(a): Maria do Socorro Sousa de Araújo Araújo. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas/ccso, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2022.

1. Luanda. 2. Migração. 3. Modos de Vida. 4. Roboteiro. 5. Trabalho. I. Araújo, Maria do Socorro Sousa de.

OSMILDE AUGUSTO MIRANDA

FLUXOS E ORIGENS DA MIGRAÇÃO: um estudo sobre trajetória e modos de vida
de roboteiros em Luanda/Angola (2002-2021)

Aprovada ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Flávia de Almeida Moura

Prof^a. Dr^a. Juliana Carvalho Miranda Teixeira

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Sousa de Araújo

Prof. Dr. Antônio Evaldo Almeida Barros

Prof. Dr. Tiago Caungo Mutombo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores informais (roboteiro, zungueira, kinguilas, kandogueiros e outros) que lutam diariamente para reverter as suas condições econômicas, sociais, políticas e culturais, tendo em conta o espectro do mercado capitalista que dia e noite se retroalimentam das suas almas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que todo trajeto se constrói através das relações que estabelecemos durante a construção de um projeto. Primeiramente, agradeço à Universidade Federal do Maranhão, em particular ao Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP), pela recepção e carinho que pude receber durante o percurso acadêmico.

Agradeço a minha orientadora, professora Doutora Maria do Socorro Sousa de Araújo, pela paciência e muita inteligência no endereçamento desta pesquisa. Ela me possibilitou entender como a produção de conhecimento científico exige do pesquisador dedicação e tempo, uma vez que a pandemia da Covid-19 nos usurpou essa experiência face a face, mas não tirou nenhum brilho em cada encontro virtual partilhado.

Agradeço também a classe de todos os professores do PPGPP, pela dedicação e mestria no processo da minha formação. O programa me fez perceber, a partir do professor Doutor Flávio Faria, a complexidade do Estado, tendo em conta a sua natureza e funcionalidade. Com as professoras Doutoradas Maria Eunice e Valéria Lima, pude aprender as abordagens teóricas e metodológicas sobre avaliação das políticas públicas e os seus respectivos contextos históricos e sociais.

Durante a caminhada a professora Doutora Cristiane Lima, pude entender que vale a pena pensar as necessidades radicais, enquanto mecanismos estratégicos para superar as crises do capitalismo na sociedade contemporânea cujos desafios estão na erradicação da pobreza estrutural. Portanto, a ela agradeço.

Agradeço ao professor Doutor José de Ribamar da Silva, por me proporcionar a sua carreira profissional como exemplo de resiliência e muita sabedoria, pela luta diária em prol de um Brasil que respeita a diversidade humana, de um Brasil antirracista, antifacista, que respeita as mulheres, resultado de todo um ganho histórico no processo da formação deste lindo país.

Agradeço ao professor Doutor António Evaldo pela sua contribuição durante a disciplina de metodologia e por outros momentos indispensáveis de debate sobre África, africanos e suas narrativas contemporâneas. As leituras me possibilitaram

enxergar outras possibilidades de estudos e estratégias de apreender as assimetrias histórias sobre o continente dentro desta relação Sul- Sul.

Agradeço também à professora Doutora Flávia Moura pelos ensinamentos constantes e contínuos, sem medo de errar, afirmo que sou seu produto e que tudo me tornei e tenho me tornado hoje é resultado dos nossos encontros acadêmicos, desde o período da graduação no curso de Comunicação Social-Habilitação Jornalismo, Mestrado em Ciências Sociais até o Doutorado em Políticas Públicas. Atualmente, tenho-a como mestre e professora eterna da vida e da academia.

Não posso esquecer o professor, que pela primeira reuniu os africanos dentro da Universidade Federal do Maranhão para discutir uma África a partir da perspectiva dos africanos – rompendo com todo preconceito epistemológico e todas barreiras que os estudantes africanos enfrentam na diáspora. A você agradeço, professor Doutor Josenildo Pereira.

Às vezes pensamos que fazer academia é compactuar somente com as coisas e pessoas da academia, mas a vivência nos terreiros, no Centro de Cultura Africana (CCN), nos eventos culturais da cidade de São Luís-Maranhão, me proporcionaram momentos de inspiração, principalmente, em época de pandemia, em que a crise existencial se tornara um fato real para milhares e milhares de famílias, por isso agradeço a todos esses grupos que resistiram e continuam a resistir.

Agradeço a minha turma querida de PPGPP de 2020 pelo compartilhamento das experiências interdisciplinares e pela confiança depositada durante o nosso percurso de aprendizagem. Quero, outrossim, agradecer os meus amigos e companheiros de luta que há anos, nos colocamos nesta empreitada e desenvolvemos habilidades para responder às demandas da África e dos Africanos, a vocês agradeço, Anacleto Aníbal Xavier Domingos, Nuhu Ayuba, Anso da Silva, Celeste Djassi, Deolindo Deolindo, Aivainda Menout, António Alézio, Siaca Dabó, Joseph Osei, Cossi Yves, Adriano Kilala, Fiston e outros.

Não posso também esquecer os grupos de estudantes e pesquisadores que me ajudaram durante 8 meses na exploração de campo e os trabalhadores que aceitaram, mesmo durante as suas atividades laborais, cederam um tempo para atender essa pesquisa.

Não menos importante nesta trajetória, quero agradecer à minha amiga e cunhada Cirila Serra, pela amizade e pelas conversas abertas sobre a questão da negritude no Brasil-África, e espero que continues a ser a tia querida de Lueji Tukayana e João Kyari. Quero também agradecer à família da minha companheira Elizabeth Serra, pelo acolhimento fraterno, ao meu sogro João Batista, à minha sogra Maria Teresa, ao meu cunhado Bruno, e às minhas cunhadas Débora Serra e Monique Serra.

Por último, quero agradecer ao meu professor Bernardo Miguel e o Jaider da Silva por terem me acolhido na Universidade Metodista de Angola (UMA) para participar no projeto acadêmico nacional. Assim feito, agradeço a minha família por terem me aturado depois de quase 9 anos distante de vocês, as minhas mães, Eva Damião e Carlota Damião, ao meu pai João Kilala Nguxi, ao meu tio João Ngonga, e todos meus irmãos e irmãs, que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ngasakidila (Obrigado)!

“A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade. Criou cidades enormes, aumentou imensamente a população urbana em relação à rural e arrancou, assim, uma parte considerável da população do embrutecimento da vida rural. Assim, subordinou o campo à cidade [...] os povos camponeses aos povos burgueses [...]”

Karl Marx, 1848, em Manifesto do Partido Comunista

LISTA DE SIGLAS

ADRA	Associação para o Desenvolvimento Rural e Ambiental de Angola
FMI	Fundo Monetário Internacional
FNLA	Frente Nacional para Libertação de Angola
IAFDR	Inquéritos aos Agregados Familiares sobre Despesas e Receitas Produzidas no Ministério do Planeamento
INE	Instituto Nacional de Estatística
MPLA	Movimento Popular para Libertação de Angola
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PEC-G	Programa Estudante-Convênio de Graduação
PPGCSoc	Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
PREI	Programa de Reversão da Economia informal
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNITA	União Nacional para Independência Total de Angola
UMA	Universidade Metodista de Angola

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Idade, Regiões de origem, destino e motivo da migração dos trabalhadores Roboteiros do Mercado dos Kwanzas.....	pag. 67
Quadro 2 - Idade, Regiões de origem, destino e motivo da migração dos trabalhadores Roboteiros do Mercado dos Kwanzas.....	pag.70
Quadro 3 - Grau de escolaridade e profissão na região de origem do mercado dos Kwanzas.....	pag.73
Quadro 4 - Grau de escolaridade e profissão na região de origem do mercado dos Armazéns.....	pag.73
Quadro 5 - Condições dos trabalhadores migrantes em Luanda.....	pag.75-77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Projeto Anual da população total de Benguela, Huambo e Luanda no período do primeiro Pós-independência de Angola.....	Pag.60
Tabela 2- Projeção Anual da População Total de Benguela, Huambo e Luanda no período das primeiras eleições pluripartidárias até o fim da guerra civil em Angola.....	Pag.63
Tabela 3- Causas de Migração em Angola.....	Pag.64

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Localização da cidade de Luanda no mapa de Angola	pag.54
Imagem 2 - Divisão Administrativa de Luanda	pag.57
Imagem 3 - Divisão do setor urbano e suburbano em Luanda.....	pag.58
Imagem 4 - Divisão das comunas do município do Cazenga.....	pag.66
Imagem 5 – Migração de trabalhadores a Luanda na zona de Kwanzas	pag.68
Imagem 6 – Migração de trabalhadores a Luanda da zona dos Armazéns	pag.71
Imagem 7 – Estrutura da força de Trabalho Nacional (%) Angola, 1990	pag.104
Imagem 8 – População ocupada por setores de atividade econômica 2018-2019..	pag.105
Imagem 9 – Ocupação dos entrevistados na economia informal.....	pag.106
Imagem 10 – Produção e Reprodução da Pobreza.....	pag. 123

RESUMO

A questão da migração, dos seus fluxos e origens, sempre despertou minha atenção, dado que, durante a minha trajetória de vida, no meu município de origem, presenciei a constante migração de famílias vindas do interior do país. Nesta tese, tive como propósito analisar os fluxos migratórios em Angola, adotando como referência empírica o deslocamento dos trabalhadores das comunidades rurais e os seus modos de vida como roboteiros, durante o período pós-guerra civil, 2002-2021, em Luanda, no município de Cazenga. Investigar os modos de vida dos trabalhadores roboteiros, possibilitou-me empreender as trajetórias destes sujeitos, com relação as formas de organização das suas escolhas antes e depois de migrarem, como também os engendramentos culturais, políticos e sociais, através da realidade que eles têm construído e reconstroem enquanto grupo ou classe de uma determinada sociedade. Contudo, entendo que o fluxo migratório a Luanda de trabalhadores roboteiros está relacionado às estratégias de sobrevivências e manutenção de um modo específico de acumulação de bens materiais e simbólicas que faltam nas suas respectivas localidades ou regiões de origem.

Palavras-chave: Migração.Trabalho. Roboteiro.Modos de vida. Luanda.

ABSTRACT

The issue of migration, its flows and origins, has always attracted my attention, given that, during my life in Kazenga, my hometown, I witnessed the constant migration of families from the interior of the country. In this research, I intend to analyze migratory flows in Angola, adopting as an empirical reference the displacement of workers from rural communities and their ways of life as roboteiros, during the post-civil war period, 2002-2021, in Luanda, in the municipality of Cazenga. Investigating the ways of life of roboteiros allowed me to apprehend the trajectories of these subjects, regarding the forms of organization of their choices before and after migrating, as well as their cultural, political and social conceptions, through the reality they have built and rebuild as a group or class of a given society. However, I understand that the migratory flow of roboteiros to Luanda is related to survival strategies and maintenance of a specific way of accumulating material and symbolic goods that are lacking in their respective localities or regions of origin.

Keywords: Migration; Labor; Roboteiros; Way of Life; Luanda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: POR UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA DAS DISPOSIÇÕES SOCIAIS SOBRE A TRAJETÓRIA E NARRATIVA DOS TRABALHADORES ROBOTEIROS EM LUANDA (MERCADO DOS KWANZAS E ARMAZÉNS)	33
1.1. Para uma teoria sociológica sobre a trajetória e modos de vida como abordagem metodológica.....	33
1.2. O indivíduo como meio sociológico e de reflexão da pesquisa no campo	40
1.3. A construção epistemológica da entrevista enquanto abordagem teórica e metodológica.....	47
CAPÍTULO II – CONTEXTO E CONFIGURAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES À LUANDA DESDE O PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA ATÉ O FIM DA GUERRA CIVIL EM ANGOLA (1975-2002)	52
2.1. Formação sócio-histórica da configuração do contexto geográfico e demográfico da cidade de Luanda	52
2.2. Um projeto de trabalho a caminho de Luanda no período pós-independência	58
2.3. O itinerário para a cidade de Luanda e de Cazenga para o mercado dos Kwanzas e do Armazéns	65
CAPÍTULO III – A IDENTIDADE DOS TRABALHADORES ROBOTEIROS NO MUNICÍPIO DE CAZENGA	78
3.1. Quem são os trabalhadores roboteiros?	78
3.2. Muito além da identidade étnica, existem trabalhadores em crise identitária ..	85
3.3. Narrativas identitárias de trabalhadores roboteiros em Luanda (Mercado dos Kwanzas e Armazéns, Cazenga)	90
CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-TEÓRICAS SOBRE O SETOR FORMAL E INFORMAL	94
4.1. Um conceito e as diferentes perspectivas sobre a informalidade	94

4.2. A formação do mercado informal em Angola	98
4.3. Uma caracterização da informalidade em Angola.....	101
4.4. Experiência dos trabalhadores roboteiros no mercado de trabalho desde os seus lugares de origens à Luanda (Kwanza e Armazéns).....	107
CAPÍTULO V – PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA PRECARIIDADE: MODOS DE VIDA DOS TRABALHADORES ROBOTEIROS COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA EM LUANDA	112
5.1. Conceitos e contextos sobre a questão social	112
5.3. Risco no trabalho: experiências de roboteiros nos mercados do kwanzas e Armazéns.....	118
5.4. Representação e reprodução da pobreza: experiências dos roboteiros no mercado dos Kwanza e dos Armazéns.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	129
APÊNDICES.....	135
APÊNDICE A - Relatório de pesquisa: Observação e exploração de Campo	135
APÊNDICE B – Entrevistas.....	138
APÊNDICE C - Observação e exploração de campo dos Armazéns (26 de Fevereiro de 2022).....	145
APÊNDICE D - Relatório de Pesquisa	147
APÊNDICE E - Relatório de pesquisa (26 de Março de 2022)	150
APÊNDICE F - Entrevistas no mercado dos armazéns	153
ANEXOS	164

INTRODUÇÃO

A questão da migração, quanto aos seus fluxos e origens, sempre despertou minha atenção, dado que, durante a minha trajetória de vida, no meu município de origem, presenciei a constante migração de famílias vindas do interior do país.

Nasci e cresci nos musseques¹ de Luanda, município de Cazenga, que conta com mais de 1 milhão de habitantes e é o quinto maior em termos de população (INE, 2019). Os bairros foram se construindo a partir do deslocamento pessoas vindas de várias regiões, durante o período pós-independência, que decorreu no ano de 1975, fruto da luta de libertação nacional, em prol da emancipação da colônia portuguesa, e, posteriormente, o país vivenciou a guerra civil – resultado da não integração e compreensão política entre os três movimentos de libertação nacional, tornando, assim, a capital mais populosa de Angola (SAMBA, 2018).

A minha trajetória enquanto morador de Cazenga se deu na ausência frequente das políticas públicas de educação, saúde de qualidade, saneamento básico, assim como da oferta de grande parte de bens e serviços. Entre o período de 1990 a 2000, havia a questão da guerra civil e o sonho de uma realidade melhor no pós-guerra. Essa esperança foi se tornando cada vez mais próxima em 2002, quando foi decretado o acordo de Luena, em Moxico, marcando o fim da guerra civil, resultado da morte de Jonas Malheiro Savimbi – então líder político de um dos maiores partidos da oposição.

Mas a realidade não mudou, pois as mesmas estruturas vivenciadas no período da guerra civil permaneceram em situação de pobreza. A maior parte das famílias em Cazenga continuam submetidas à fome extrema, aos altos índices de violência urbana, ao tempo em que a população aumentava cada vez mais em decorrência da migração de pessoas e de famílias vindas do interior do país (INE, 2019).

Sou da geração dos filhos que já nasceram na capital, fruto da ocupação e da formação do êxodo rural que crescera nas margens dos centros urbanos de Luanda.

¹ A palavra musseque é originário da kimbundu do povo Ambundu que tem o significado de periferia ou zona suburbana.

Em decorrência da falta de uma infraestrutura de qualidade, no que tange à oferta de ensino superior nas áreas de ciências sociais e humanas, migrei para o Brasil no ano de 2013, por meio do Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na qual cursei durante (4) anos a graduação em Comunicação Social-Habilitação Jornalismo. Posteriormente, ingressei no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais (PPGCSoc) na mesma Universidade, cursando o Mestrado durante dois anos (de 2017 a 2020).

Durante o período de graduação, participei do grupo de pesquisa sobre trabalho escravo contemporâneo que me proporcionou as primeiras experiências de iniciação científica, resultando em vários trabalhos sobre a realidade dos trabalhadores rurais e a experiência midiática no Maranhão, tendo, inclusive, publicado artigos em periódicos. Essa experiência levou-me a pensar a minha trajetória e a minha realidade em Angola, uma vez que a vida dos trabalhadores em situação análoga à escravidão no Maranhão, resguardada a devida proporção relativas às especificidades do trabalho assalariado, não se distanciava daquilo que era o dia a dia de cada trabalhador autônomo em Luanda, no que concerne ao desconhecimento e violação de direitos.

Em termos de estudos e pesquisas acerca da realidade em Angola e Brasil, participei em 2018, de uma pesquisa no campo da comunicação social e direitos humanos, através da realização de um estudo comparativo entre a realidade das comunidades rurais de Angola e do Brasil, especificamente no Maranhão, em relação às condições trabalhistas de cada país. Assim sendo, o projeto ora apresentado, é um desdobramento da pesquisa, particularmente do trabalho de campo feito em agosto de 2018 na República Democrática de Angola², dirigido pela professora doutora Flávia de Almeida Moura³, realizado no sul do país, nas respectivas províncias: Huambo (município de Huambo, comuna de Catata – aldeia Sakaliñga), Benguela (município de Ganda, comuna Casseque – aldeia Ndende Sede) e Huila (município de Cacula, comuna de Chiqueia – aldeia Cavissi II).

³ Flávia de Almeida Moura é jornalista, mestre em ciências sociais e doutora em comunicação. Professora do Departamento de comunicação social da Universidade Federal do Maranhão, pesquisadora da temática comunicação, Direitos Humanos e trabalho.

O trabalho foi mediado pela Organização Não Governamental Associação para o Desenvolvimento Rural e Ambiental de Angola⁴ (ADRA), que nos ajudou a ter acesso às três comunidades rurais. Durante o contato, tivemos vários e diferentes relatos sobre a constante migração para a capital de Angola, Luanda, o que nos instigou a entender melhor os fluxos migratórios das localidades pesquisadas. Através do próprio campo, do contato e das relações estabelecidas com as comunidades, originou o questionamento que me conduziu na elaboração do presente objeto de pesquisa (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2015).

Na província do Huambo, onde foi feito o primeiro trabalho, ouvimos um grupo de vinte e um moradores da comunidade da comuna Catata/aldeia Sakaliña, em que mais da metade já tinha migrado para outras províncias. Em Benguela, no município de Ganda, comuna Casseque/aldeia Ndende Sede não foi diferente, dos poucos jovens que puderam falar de suas experiências na sua maioria já haviam migrado também. Em Huila, a última província do Sul, fomos ao município de Cacula, comuna de Chiqueia/aldeia Cavissi II, no qual pudemos ouvir um número maior de moradores, porém havia relativamente poucas pessoas que já tinham migrado, comparando com as duas primeiras.

Entendo que o exercício epistemológico e interpretativo da realidade dada durante a experiência de campo nas províncias de Angola, em 2018, me possibilitou apreender como os fatos não falam por si, o que me levou a pensar numa teoria para construir o meu ponto de vista sobre a realidade da ausência daqueles trabalhadores que não se faziam presente na aldeia (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2015).

A minha experiência nos musseques aliadas às vivências no âmbito da referida, direcionaram o meu olhar para Luanda, e para os seus fluxos migratórios a partir das narrativas dos trabalhadores roboteiros, que fazem parte também daquele ambiente.

Os roboteiros são os indivíduos que trabalham com o transporte de mercadorias a curta ou longa distância, fazendo uso de um carro de mão de madeira.

⁴ ADRA é uma organização não governamental que tem como finalidade contribuir para o desenvolvimento rural democrático e sustentável, social e ambientalmente justo, e para o processo de reconciliação nacional e paz em Angola.

A prática é normalmente feita por homens e usada cotidianamente pelas pessoas que não detêm capital suficiente para utilizar outro meio de transporte de mercadorias.

Entendo que a escolha de Luanda como campo de pesquisa está relacionada a um contexto no qual se produz determinados fenômenos voltado a migração. A palavra “contexto” é empregada aqui para designar que, “um mesmo ponto de vista construtivista (ou nominalista) permite ver que o “interno” e o “externo” (as leituras interna e externa) de um fato social são fundamentalmente um trabalho de construção do objeto e não são definidos de uma vez por todas (BERNARD LAHIRE, 2017, p.327).

Nesse sentido, a escolha da capital como campo ideal de pesquisa emana justamente dos depoimentos colhidos durante os trabalhos anteriores nas províncias de Benguela, Huambo e Huila, em que a maioria dos entrevistados reportaram que Luanda tem sido o destino dos trabalhadores rurais (FLÁVIA, 2022), outrossim por ser também a capital econômica do país (SAMBA, 2018).

Não pude encontrar trabalhos específicos que desenvolveram pesquisas na área, a não ser manuais e artigos teorizando os principais conceitos sobre a migração⁵ que não necessariamente estudam mudança do período pós-partido único ou as principais causas da migração no primeiro governo “democrático”. Contudo, é pertinente também contextualizar e considerar estes estudos, tendo em conta os dados governamentais levantados que possa ajudar na contextualização do período da guerra civil em Angola, e a constante mobilidade a Luanda.

Nesse sentido, realizei um estudo que visou analisar os fluxos migratórios em Angola adotando como referência empírica o deslocamento dos trabalhadores das comunidades rurais e os seus modos de vida como roboteiros, durante o período pós-guerra civil, 2002-2021, em Luanda, cujos resultados serão aqui apresentados.

O trabalho do sociólogo Paulo de Carvalho (2016), *Exclusão Social em Angola: o caso dos deficientes físicos de Luanda*, que apresentara a partir de uma análise etnológica dados sobre a situação dos excluídos, através das pessoas que residem em Luanda e o livro de Simão Milagres e Lutina Santos (2018), *Fluxos Migratórios em Angola: novos contextos e desafios*, que não deixam de contribuir naquilo que é a experiência de Angola, porém com seus limites, no que tange à

⁵⁵ Nos referimos ao manual de Manuel Felix, intitulado *Manual Prático de Demografia*, publicado no ano de 2015.

necessidade de um campo mais aprofundado que englobasse as experiências dos pesquisadores e pesquisados.

Vale destacar este segundo trabalho, uma vez que aponta para o crescimento do êxodo de vários países africanos para Angola, tendo em conta o período pré-colonial, no qual eles destacam das experiências dos primeiros povos a habitarem em Angola – *Khoi-san* tal como outros grupos étnicos da proto-história, consideradas nômadas, ou seja, mais uma vez eles demonstram aquilo que Marilda Menezes e Maria Silva afirmam, ou seja, que também reforçam a visão das primeiras relações diplomáticas entre os reinos e os portugueses, com a chegada do navegador Diogo Cão.

Quanto à fase colonial, eles destacam a questão da migração forçada como a primeira experiência interna em Angola, isto é, retirando milhares de angolanos durante o processo do comércio triangular. Desta feita, a pesquisa se restringiu em destacar a migração de europeus em Angola e a realidade internacional, que não é o nosso foco, por isso nos limitamos entender mais a dinâmica organizacional ou estrutural do pensamento que do conteúdo como um todo, porém para ter uma ideia daquilo que é a pesquisa (MILAGRES; SANTOS, 2018).

Pensar a migração em Angola implica em atravessar as fronteiras históricas, geográficas, sociais e culturais de grupos antagônicos que partilham o mesmo espaço territorial bem antes da construção do Estado-nação. Isso exige de mim o exercício epistêmico sobre a realidade de Angola no continente africano e dos africanos enquanto parte da experiência regional pré e pós-colonial para entendermos as conjunturas culturais africanas e os modos de produção tanto na perspectiva tradicionalista (etno-filosofia⁶) como modernistas (HOUNTODJI, 2010; KAPHAGAWANI, 2002; MALHERBE, 2002).

Entendo que o exercício de pensar a migração em Angola enquanto objeto de pesquisa está na elaboração de uma abordagem teórica que engloba as duas experiências, a tradicionalista e a moderna, a partir das suas disposições. Contudo, isso não reduz as instâncias como separadas, mas possibilita o diálogo constante

⁶ A abordagem da etnofilosofia se refere a um modo de produção intelectual da filosofia africana cuja unanimidade se tem como base de concordância da produção- ilusão unanime (HOUNTODJI, 2010). Em outras palavras, pode-se dizer que etnofilosofia dedica-se a examinar recursos da cultura como linguagem e cerimônias religiosas, para obter pistas sobre os sistemas filosóficos, e também sobre a epistemologia (KAPHAGAWANI; MALHERBE, 2002).

entre as perspectivas tradicionais e modernas, uma vez que a maneira que cada racionalidade epistêmica e os conceitos relacionados são instanciados, preenchidos, por assim dizer, o conteúdo concreto que é dado em termos de descrição linguística e costumes sociais, varia muito de um contexto cultural para outro (KAPHAGAWAINI; MALHERBE, 2002, p.7).

Por isso, é indispensável discutir teoricamente a questão da migração em Angola, considerando os percursos sócio-históricos, através de diferentes perspectivas teóricas, buscando apreender as variações e mutações contextuais do país em análise.

A partir dessa compreensão, dimensiono a migração na África como um fenômeno corriqueiro entre os povos, dada a necessidade da permuta de bens e interesses diferentes presente entre os grupos étnicos de regiões diversas, como bem afirma Jean-Loup Anselme (2017), sobre os espaços pré-coloniais como lugares de trocas e de produção, espaços estatais e políticos, espaços linguísticos, culturais e religiosos.

Por outro lado, a pesquisadora Marilda Menezes (2012) destaca que diferentes autores⁷, ao estudarem esse mesmo fenômeno no Brasil, demonstraram que as migrações resultavam de fatores de expulsão e de atração, isto é, mobilizando grupos sociais de uma determinada região ou lugares economicamente mais estáveis.

Pude perceber que, em Angola, com a invasão colonial e com a expansão da exploração territorial, outras práticas migratórias foram se desenvolvendo por meio dos colonos, mas o grande fluxo se deu somente depois da metade do século XX, ou seja, entre o período de 1960 e 1970 (MENEZES, 2000), atraindo novos investidores à colônia.

Segundo Solival Menezes (2000, p.141), “em vinte anos, de 1940 a 1960, a população portuguesa no território de Angola passou de 44 mil para 172 mil pessoas”. Com a organização dos movimentos sociais em prol de uma libertação nacional e a

⁷ Autores, como, J.R.B.Lopes (1971) no seu livro: “A sociedade Industrial no Brasil” e “Desenvolvimento e Mudança Social” (1976); o artigo de grande destaque de Paul Singer (1976) “Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo” e o livro de E. Durhan (1978): “A caminho da cidade” (MENEZES, 2012).

pressão internacional contra exploração colonial em África, o regime português teve seu fim, por meio de revoltas populares durante os anos de 1960 a 1970.

Com o advento do fim da guerra colonial e implementação do governo de transição que falhara, levando os três movimentos políticos de libertação nacional a conflitos internos, apenas o Movimento Popular para Libertação Nacional Angola (MPLA) deteve o poder, proclamando unilateralmente a independência, que culminou, posteriormente, numa guerra civil que durou mais de duas décadas, sendo que, naquele período, houve uma migração em massa das comunidades das zonas rurais ou dos musseques na ocupação de abrigos deixadas pelos colonizadores (SOLIVAL MENEZES, 2000).

Marilda Menezes (2012) apresenta um segundo grupo de pensadores no Brasil⁸ que relacionou a migração de pessoas das zonas periféricas ou menos desenvolvidas não só as questões de inviabilidade de suas condições de existência, mas sim de práticas de reprodução social.

Esta nova prática me fez pensar os diferentes modos de migração que tem acontecido depois da guerra civil em Luanda. Com isso, o conceito de migrações múltiplas, que vai estar no cerne das origens e destino das pessoas, fará mais sentido para entender este fenômeno (MENEZES, 2012), ou seja, a constante mobilidade de pessoas fez-nos repensar também esse novo paradigma.

Nessa perspectiva, apresento dois aspectos que são destacados para repensar a migração. Um deles está atrelado à concepção de fixação, em que o migrante, por mais que esteja em constante transição, tem sempre um lugar fixo ou uma referência de fixação. A migração em construção identitária, no qual o sujeito vai se construindo a partir dos espaços de socialização durante a transição. Se de um lado se pensa em uma essencialização do espaço e o sujeito migrante ou lugar do migrante, de outro se apresenta uma perspectiva construtivista do migrante com o espaço (MENEZES, 2012).

Essas duas situações, por exemplo, têm acontecido quando estes conseguem um emprego fixo com um bom salário, casa própria, mulher ou mesmo quando se encontram numa situação de dependência química, seja essa por alcoolismo ou

⁸ Segundo grupo de pensadores no Brasil, como, Garcia Junior (1990); Woortmann (1990), Scott (1995) e própria Menezes (1985) (MENEZES, 2012).

drogas ilícitas – principalmente para as camadas mais jovens. Assim, procuro entender também o vazio da pessoa que migra. “O sentimento de ausência, muitas vezes, expressa-se na representação dos lugares onde moram os indivíduos como ‘de transição’, ‘provisórios’ “(MENEZES, 2012).

Eduardo Marandola Jr. e Priscila Dal Gallo (2010) observaram três dimensões importantes para entender a relação do migrante com o espaço, tais como: a territorial, a existencial e a geográfica. A dimensão territorial está mais relacionada com a organização espacial ou com a dimensão legislativa de transição. A existencial está voltada para uma perspectiva antropológica, histórica, psicossocial ou psicanalítica; e a dimensão propriamente geográfica, que tem sido pouca explorada, uma vez que ela aborda os processos de territorialização e desterritorialização e não necessariamente neste viés existencialista.

O que Gallo e Marandola Jr. (2010) estão propondo é pensar a migração através das experiências dos próprios migrantes. Isso faz com que percebamos os fenômenos migratórios através dos modos de vida desses sujeitos no lugar de transição (destino) como também apreendamos os seus lugares de origem, ou seja, “exploremos alguns elementos que ligam ser-lugar enquanto relação fenomenológica originária, buscando, a partir desta perspectiva, compreender as implicações territoriais e existenciais da migração” (MENEZES, 2010, p.409).

A dimensão territorial, neste âmbito, constituirá o ser enquanto área de controle, seja ela na dimensão simbólica ou material, na medida que os migrantes acionam as memórias para falar dos seus lugares de origem ou destino. Por outro lado, a dimensão existencial está em relação constante com o espaço. O migrante só é existente a partir de um determinado lugar, ou a existência do emigrante coexiste a partir de algum lugar específico dessa simbiose ou interdependência entre ser-lugar que acontece, normalmente, quando se deslocam para outro lugar novo, no qual tem que recriar ou reinventar uma nova identidade de acordo com o espaço, seja, cultural, econômica e social. Assim:

[...] a relação de somatização ser-lugar se estabelece quando há uma identificação entre eles. Não encontrando tal identificação de forma clara, o imigrante tende a recriar seus lugares na expectativa de preservar sua forma de ser, bem como para reafirmar sua identidade territorial (MARANDOLA JR.; GALLO, 2010, p.411-412).

Demonstro como o espaço e o sujeito perpassam por um processo de reinvenção constante na construção de uma identidade a partir da sua experiência ou modo de vida.

Pierre Bourdieu (2008) vai designar como *habitus* esse conjunto de práticas incorporados nos indivíduos ou grupos sociais, que os permite estabelecer uma relação inteligível em uma dada situação ou momento por meio de uma experiência vivida, permitindo, desse modo, um tipo específico de apreciação e de percepção com uma determinada durabilidade.

Delimitar o *habitus* dos roboteiros, possibilitou empreender os modos destes sujeitos, com relação às formas de organização das suas escolhas antes e depois de migrarem, como também os engendramentos culturais, políticos e sociais, através da realidade que eles têm construído e reconstroem enquanto grupo ou classe de uma determinada sociedade.

Como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que eles impõem; portanto, construir a classe objetiva, como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, às vezes, garantidas juridicamente (BOURDIEU, 2008, p.97).

Conforme nos reforça Bourdieu (2011), os modos de vidas são, nesse sentido, sistemas de disposições que possam ser transponíveis dentro de um determinado indivíduo ou grupo social, por meio de regras que formam e organizam as práticas e as representações, seja ela objetivada de forma intencional ou não.

É através da vida social de roboteiros que procuro entender os *habitus* de classes, por meio das posições ocupadas por estes trabalhadores de acordo com o volume de bens e de outros capitais que eles detêm em um determinado espaço social ou simbólico. Conforme mostram Gilson Pereira e Afrânio Catani (2002), a posição dos agentes no espaço social, é determinada pelo volume do capital global (social, cultural e econômico) possuído e pelo peso relativo dos bens particulares na posição total do capital, cuja implicância se dá em maior ou menor dominação ou subordinação em relação às demais posições ou condições.

Nesse sentido, levantei, inicialmente, as seguintes questões: quais os fluxos migratórios, locais de origem e os determinantes da migração dos trabalhadores das

zonas rurais que atualmente trabalham como roboteiros em Luanda? Quais dinâmicas do trabalho presentes na prática de robotar ou robotagem? Quais as possíveis identidades (individuais e coletivas) de roboteiros e os espaços sociais por eles ocupados? Quais as configurações sociais e os modos de vida de roboteiros em Luanda?

Começo por afirmar que uma pesquisa é resultado da organização de um conjunto de escolhas a ser tomado pelo pesquisador durante o processo de elaboração. Assim, justifico que a razão da escolha de Luanda para o desenvolvimento da pesquisa de campo (uma vez que poderia ser feito em outras regiões ou províncias de Angola) está relativamente no crescimento de migrantes, e por conter o maior número populacional do país com cerca de 6 542 944, cujo território tem uma área de 2 418 km², sendo a menor de todas de acordo com o último censo de 2014 do Instituto Nacional de Estatística -INE. Nesses termos:

Dados obtidos pelo Inquérito de Bem-estar da população (IBEP), realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 2008/2009, aponta que, dentre as províncias do país, Luanda foi a que apresentou maior taxa de migração, na ordem dos 30%. Essa explosão demográfica veio exigir também a melhoria de infraestruturas básicas, o aumento de serviços sociais [...]apesar de serem projetos contemplados no programa de reconstrução nacional em curso no país, ainda estão longe de atender a toda a população, principalmente a residente nas zonas periféricas da cidade (SIMÃO SAMBA, 2018, p.38).

Procuro, nesse sentido, compreender os modos de vida dos trabalhadores roboteiros através do método de observação direta e de entrevista semi-estruturadas, com base nos procedimentos como conversa, comparações de realidades, informações precisas durante o processo de interação (MYLÈNE JACCOUD; ROBERT MAYER, 2017).

Mas antes fez-se uma revisão bibliográfica e documental da questão da migração em Angola desde o período da primeira República até o fim da guerra civil. Partiu-se do pressuposto de que a história de roboteiros não está separada da estrutura do país como um todo. Assim, é através da leitura de livros, teses, dissertações e relatórios governamental e de organizações não governamentais que buscou-se apreender o fenômeno da migração.

A escolha pela observação direta e do uso das entrevistas semiestruturadas está relacionado com a forma pela qual procurei conhecer a realidade dos trabalhadores e os espaços de atuação destes. Foi por meio da

observação, num primeiro momento, que se identifiquei os ambientes de atuação dos roboteiros, tomando a posição estratégica aberta com os pesquisados.

As observações diretas foram feitas em Luanda, especificamente em dois mercados diferentes, o mercado dos Kwanzas e o mercado do Hoje-Ya-Henda, mais conhecido como Arreou ou Armazéns (relativo ao baixo custo dos produtos), ambos localizados no município de Cazenga.

Esse exercício da observação direta ajudou no mapeamento dos espaços de atuação de roboteiros como também a ter os primeiros contatos. Isso, todavia, durou pelos menos dois a três mês, considerando a realidade pandêmica da corona vírus⁹ que tem assolado o país.

Como faz muito tempo que andei fora do país, respectivamente no Brasil-Maranhão, busquei trabalhar com um grupo de estudantes do Mestrado da Universidade Agostinho Neto (UMA) e da Universidade Católica de Angola- João Paulo II, do curso de psicologia social e serviço social, residentes do município do município de Cazenga, que frequentam os espaços e conhecem a dinâmica dos trabalhadores nos mercados pesquisados.

A observação durou três meses e duas semanas. Ela foi realizada uma vez por semana, durante o horário das 9 às 12 horas, cujo objetivo estava em identificar a origem dos trabalhadores que atuam no mercado dos Kwanzas e dos Armazéns, no município de Cazenga, Luanda.

Utilizei a entrevista como técnica e método de apreensão da realidade dos roboteiros, os princípios positivistas de endereçamento no processo de apreensão de um determinado empreendimento científico. Conforme destaca Bourdieu (2012), a pesquisa é justamente um tipo de relação social que se estabelece quando um pesquisador se propõe a fazer junto a outros grupos sociais, sejam eles pertencentes da mesma realidade social ou não.

Isso, todavia, exigiu-me um conjunto de formação ou conhecimento para que se pudesse endereçar de forma não violenta a realidade objetiva e subjetiva desse

⁹ Segundo o boletim epidemiológico da Direção Nacional de Saúde Pública, os casos (184 do sexo masculino e 156 do sexo feminino) têm idades compreendidas entre 7 meses e 98 anos, sendo 283 registados na província de Luanda, 19 da Huíla, 15 do Uíge, sete de Cabinda e Zaire, cinco de Benguela e quatro do Namibe (OBSERVADOR, 2021).

grupo. Por essa via, observei que o exercício da reflexividade¹⁰ enquanto sinônimo de método é indispensável no processo da construção do objeto, uma vez que ajudou no monitoramento do campo, isto é, na produção, na condução e na recepção dos efeitos significativos no percurso das relações interativas entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.

A escolha da quantidade de entrevistados e a definição dos roboteiros, foi resultado de um trabalho etnográfico junto a eles, no mercado dos Kwanzas e no mercado do Hoje-Ya-Henda ou Armazéns. Para tal, procurei identificar a quantidade de migrantes advindos das comunidades rurais de Angola que atualmente trabalham como roboteiros nos respectivos mercados de Luanda, e verifiquei a disponibilidade daqueles que puderam conceder as entrevistas.

Dos 14 entrevistados, o critério de escolha, a priori, foi o lugar de origem dos trabalhadores roboteiros encontrados nos mercados dos Kwanzas e dos Armazéns, oriundos do sul do país. O uso da língua portuguesa também foi um dos critérios indispensáveis na seleção destes entrevistados, e o tempo de frequência na capital, tendo em conta o recorte temporal da pesquisa que vai do período pós guerra civil até os dias de atuais (2002-2021), doutro lado, é importante frisar também que dos selecionados os seus nomes foram usados não são os seus verdadeiros, ou seja, foram elaborados pelo autor como mecanismo para preservar a identidade verdadeira dos entrevistados.

¹⁰ Pensamos a questão da reflexividade nesta pesquisa a partir da discussão que Bourdieu (2017, p.144-146) faz em *Meditações Pascalinas*. Para ele, em vez de ficar simplesmente na intencionalidade do pesquisador em apresentar teoricamente que é o seu objetivo maior, a reflexividade crítica vem de uma inspiração de duas convicções necessárias: 1) a validade da experiência a qual o pesquisador busca apreender que envolve leis voltadas para os erros ou das ilusões mais graves do pensamento antropológico (e de outros pensadores), e em particular, a visão do agente como indivíduo (sujeito pesquisado) consciente e racional que não está condicionado às estruturas ou funcionamento dos campos. Doutro, a necessidade da construção de um pensamento livre das condições sociais que esteja capaz de engendrar ao próprio pensamento sobre a realidade da situação das condições em construção. Assim, a reflexividade é nada mais do que um exercício epistemológico do pesquisador engajado no processo de edificação de um pensamento racional. “Praticar a reflexividade é colocar em questão o privilégio de um sujeito conhecedor arbitrariamente excluído do trabalho de objetivação. É trabalhar para dar conta do ‘sujeito’ empírico da prática científica nos próprios termos da objetividade construída pelo ‘sujeito’ científico- sobretudo situando-o num ponto determinado do espaço-tempo social- e lograr então uma consciência mais aguda e um domínio mais completo das constrições que podem se exercer sobre o ‘sujeito’ científico por meio de todos liames que o vinculam ‘ao sujeito’ empírico, a seus interesses, pulsões, pressupostos, e com os quais ele precisa romper para se construir.” De tal modo, continua Bourdieu que, “é preciso buscar no objeto construído pela ciência (espaço social ou de campo) as condições sociais de possibilidades do ‘sujeito’ e sua atividade de construção do objeto (de onde a *skholé* e toda a herança de problemas, conceitos, métodos, etc.), trazendo assim à luz do dia os limites sociais de seus atos de objetivação.

A maior preocupação enquanto pesquisador estava em lidar com o modo treinado de observar, tratar, refletir, evidenciar, descrever o mundo social – cunhado pelas pesquisadoras Pâmela Marques e Maria Genro (2016), como “Pesquisa cuidadosa”, que ajuda a compreender melhor a objetivação das disposições sociais sem, no entanto, deixar de olhar as molduras ou estruturas sociais as quais os sujeitos pesquisados estão inseridos, mas sim refletir em torno dos descuidados que muitas vezes servem como dadas em certas realidades “próximas” ou “familiar”.

O que Bourdieu (2012) designou como uma pesquisa não-violenta, a forma pela qual o sujeito pesquisado é tratado, isto é, desde a apresentação da pesquisa, a condução, até os fins propostos pelo pesquisador, os quais envolvem um jogo constante de troca de linguagens que o pesquisador propõe como abordagem interativa no processo de nivelamento dos códigos da linguagem social e os seus contextos, dominar os efeitos sem poder anulá-las, e nas escolhas dos entrevistados grau de a proximidade (pode garantir ameaças no que tange à redução das subjetividades ou pode ajudar na produção de conteúdo nas formas de comunicação) ou não necessariamente.

O cuidado ou comunicação não violenta com os pesquisados está no aprofundamento que busco desenvolver no processo interativo, com fins de entender de perto as organizações das suas famílias, as relações com os amigos, dentro das suas próprias residências ou nos locais de trabalho.

Nesse contexto, Bourdieu (2012) afirma que as aproximações têm as suas limitações também no ato interativo, porque pode acontecer uma situação na qual o pesquisado que se encontra distante socialmente do pesquisador possa ter mais empatia em termos de pensamento, por isso que o exercício do auto monitoramento no processo da condução da entrevista é constante e contínua. Isso implica que um exercício espiritual de engajamento não está somente relacionado ao esforço de se prever um distanciamento ou aproximação, mas ao domínio das ferramentas teóricas ou práticas da realidade social das quais estes fazem parte, necessário para compreender e explicar todo um conjunto de signos objetivos e subjetivos de uma determinada realidade social. Assim:

Esta compreensão não se reduz a um estado de alma benevolente. Ela é exercida de maneira ao mesmo tempo inteligível, tranquilizadora e atraente de apresentar a entrevista e de conduzi-la, de fazer de tal modo que a interrogação e a própria situação tenham sentido para o

pesquisado e também, e sobretudo, na problemática proposta: esta, como as respostas prováveis que ela provoca, será deduzida de uma representação verificada das condições nas quais o pesquisado está colocado e daqueles das quais ele é o produto (Pierre Bourdieu, 2012, p.700).

A discussão sobre o cuidado no processo interativo entre o pesquisador e o pesquisado pode, todavia, apresentar outros obstáculos externos e que podem surtir efeitos significativos na própria pesquisa que não necessariamente estão entranhadas as questões de reflexividade, como por exemplo, ela pode transparecer no ato da minha gravação (problemas com o gravador), na relação com o ambiente escolhido, no uso de máquina de fotografar, e outros mais que escapam do domínio do pesquisador.

A construção realista de acordo com o próprio autor está no domínio prático da lógica social na evidenciação do processo da construção da pesquisa, ou seja, é a partir da realidade vigente que o sujeito desenvolve habilidades estratégicas de apreensão nas experiências subjetivas e objetivas de modo a torná-las compreensível nos olhos de quem às lê.

Portanto, é, neste âmbito, que a neutralidade se encontra justamente na construção realista de um determinado objeto estudado ou de uma realidade em análise – em um dado tempo histórico de produção.

Dada a realidade, o sociólogo deve acompanhar e monitorar a entrevista e os efeitos sociais sobre a mesma durante as trocas simbólicas [...] baseando em consideração as suas posições e disposições (Pierre Bourdieu, 2012, p.708).

Jean-Claude Kaufmann (2013), por meio da entrevista compreensiva enquanto meio e fim de uma pesquisa, procura desenvolver uma abordagem baseada no espírito de um artesão intelectual, de Wright Mills¹¹, que defende o domínio e a personalização dos instrumentos de pesquisa, tal como o método e a teoria, destacando a adaptabilidade constante no processo da construção.

¹¹ Wright Mills é um dos nomes mais conhecidos na Sociologia norte-americana e mundial, foi professor de Sociologia da Universidade de Colúmbia, até a data de seu falecimento, ocorrido em 1964. Na sua discussão teórica e metodológica sobre o papel do intelectual na sociedade- artesanato intelectual, ele busca equiparar a vida do intelectual concomitantemente com a vida pessoal no projeto do mundo acadêmico e das pesquisas científicas. Como afirma ele (1965, p.212), “ a erudição é uma escolha de como viver e ao mesmo tempo uma escolha de carreira [...], o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição de seu ofício”.

É importante destacar que o construtivismo inverso usado pelo autor como ponto de partida não é o caminho percorrido nesta pesquisa, uma vez que não busco, nesta pesquisa, começar por meio da realidade empírica para entender como as dimensões estruturais estão presentes na forma objetiva da pesquisa, pelo contrário, optamos por fazer o exercício de uma leitura teórica antecipada que possa ajudar no confronto com o mundo social em objetivação.

Considerar que a leitura sobre o objeto em análise é indispensável, ajuda a preparar a lança antes que sejamos surpreendidos durante o embate ou a caça, isto é, fazer uma leitura necessária sobre os instrumentos a serem usados e dominá-los ao ponto de ter conhecimento sobre os mesmos no processo interativo com o sujeito entrevistado. De tal modo que Kaufmann afirma que o objeto é construído gradualmente, através de uma elaboração teórica que progride diariamente, a partir de hipóteses forjadas no campo.

O processo compreensivo apoia-se na convicção de que os homens não são simples agentes portadores de estruturas, mas produtores ativos do social, portanto depositários de um saber importante que deve ser assumido do interior, através do sistema de valores dos indivíduos; ele começa, portanto, pela intropatia (Jean-Claude Kaufmann, 2013, p.47).

É, portanto, nesta perspectiva que entendo que o grau de importância deste autor está na sua percepção relativa à função do método e da teoria. Segundo ele, deve ser flexível, variável e evolutivo durante o processo da construção ou da interação junto o sujeito pesquisado. Considero relevante construir teoricamente o objeto de pesquisa tendo em conta a ordem metodológica de forma “imaginária”, através de um modelo de entrevistas semiestruturadas.

Nesse ínterim, foi por meio da entrevista compreensiva, como parte do dispositivo metodológico e teórico, que realizei uma série de entrevistas prolongadas com os trabalhadores roboteiros sobre as suas práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios enquanto mecanismo de apreensão dos *habitus* (LAHIRE, 2004), concernente às temáticas como migração, família, mercado, trabalho e modos de vidas, através de questões precisas e contextualizadas, em vez de gerais e abstratas, que, no entanto, dão origem às memórias significativas, sem deixar de compreender os jogos complexos da possível ativação e vigília das disposições incorporadas.

No primeiro capítulo, elaboro uma discussão metodológica que ajuda não só a compreender as abordagens e os instrumentos (teoria e prática) a serem utilizados durante o percurso da pesquisa, como também a exercitar a imaginação reflexiva, por meio do objeto ou sujeito em análise (Trabalhadores migrantes). Empreendo, de forma teórica, os métodos de estudos sobre a trajetória dos trabalhadores rurais, tendo como ponto de partida as narrativas de vida, em Luanda. Essa discussão me permitiu demonstrar as opções necessárias de uma pesquisa em andamento, a partir de uma leitura crítica às mediações entre os sujeitos da pesquisa, no contexto da sociologia da ação social, isto é, em determinado tempo-espacial na construção do conhecimento científico.

No segundo capítulo, procuro identificar os fluxos migratórios de trabalhadores das diferentes províncias de Angola à cidade de Luanda. Para tanto, entendo a formação histórica e social da cidade de Luanda e a sua organização geográfica e demográfica. Num segundo momento, trabalho a questão da migração de trabalhadores rurais à capital, considerando os diferentes contextos conjunturais que o país enfrentara desde o período da independência até o fim da guerra civil. Por último, apresento, por meio de entrevistas junto aos trabalhadores roboteiros do município de Cazenga (Mercados dos Kwanzas e dos Armazéns ou Arreiou), as regiões de origem e os motivos que os levaram a Luanda.

No terceiro capítulo, problematizo as diferentes formas que os trabalhadores constroem as suas identidades, considerando o espaço de atuação, ou melhor, o local de origem e a região de moradia a trabalho. Nesse sentido, procuro, num primeiro momento, entender “quem são os trabalhadores roboteiros?” “Como eles se constroem enquanto grupo social?” “E como eles se diferenciam de outros trabalhadores não roboteiros?”. Para isso, percebo que este processo de construção de identidade perpassa por uma relação constante de diferença e que não se reproduz em todos lugares e que atravessa sonhos, desejos e estratégias de superação de uma lógica estrutural de uma atividade estigmatizada.

Já no quarto capítulo, procuro analisar e contextualizar a dinâmica histórica do mercado informal em Angola, considerando a especificidade dos trabalhadores roboteiros do Cazenga. Analiso também as narrativas e as experiências laborais destes agentes sociais no mercado dos armazéns e dos kwanzas, tendo em vista os desafios diários que eles enfrentam. Portanto, demonstro como as relações

trabalhistas perpassam por uma estratégia ou racionalidade cujo propósito está numa lógica de produção de bens e serviços ainda muito precários.

Neste último capítulo, faço uma discussão voltada para as questões sociais, levando em consideração as representações da precariedade, risco e pobreza na vida dos trabalhadores roboteiros, a partir das diferentes estratégias de organização e sobrevivência que estes desenvolvem em Luanda. Assim, apresento um panorama conceitual sobre as questões sociais, considerando a sua historicidade e as mutações sofridas em diferentes sociedades. Por outro lado, procuro empreender a representação da precariedade, riscos e da pobreza, no âmbito da atividade laboral dos roboteiros, considerando as relações sociais e as constantes contradições objetivas e subjetivas dos modos de produção e reprodução de bens simbólicos e matérias nos mercados dos Kwanzas e dos Armazéns. Considero que não é possível entender as lógicas da produção e reprodução das vidas em situação de precariedade, risco ou pobreza sem apreender os modos estruturais e estratégicos de resistência e sobrevivência socialmente estabelecidos por meio de uma experiência prática.

CAPÍTULO I: POR UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA DAS DISPOSIÇÕES SOCIAIS SOBRE A TRAJETÓRIA E NARRATIVA DOS TRABALHADORES ROBOTEIROS EM LUANDA (MERCADO DOS KWANZAS E ARMAZÉNS)

Neste primeiro capítulo, trabalho a ideia da importância de se construir uma teoria e uma metodologia específica sobre a trajetória de um indivíduo ou grupo. Deste modo, entendo a importância compreender o outro através da sua vivência como algo indispensável na construção do trajeto de cada sujeito pesquisado, demonstrando o quanto a trajetória rompe com a história ou filosofia que vê a vida a partir de conjunto de experiências coerentes e coeso. O que me permitiu contextualizar as trajetórias individuais e coletivas, a fim de se apropriar, de maneira concreta, das dinâmicas posicionais dos trabalhadores roboteiros na cidade de Luanda.

1.1. Para uma teoria sociológica sobre a trajetória e modos de vida como abordagem metodológica

Primeiramente, é importante ressaltar que não existe uma única forma de apreensão da trajetória de vida de um determinado indivíduo. O que implica no fato de que podemos observar uma grande gama de pesquisas com abordagens teóricas e metodológicas relativamente antagônicas. Nesse âmbito, busquei apresentar como a construção da trajetória varia conforme cada pesquisador, e que o exercício de elaborar uma pesquisa sobre trajetória requer um engajamento teórico e metodológico em constante dinâmica com a realidade estudada, a partir de estratégias diferenciais de análise.

O sociólogo Daniel Bertaux (2010) afirma que a curiosidade em querer compreender o outro, através de sua vivência, tem atraído muitos pesquisadores interessados em estudar as trajetórias de vida, por meio de narrativas. Destacando, assim, a Escola de Chicago como a grande percussora deste tipo de pesquisa. A Escola de Chicago teve a sua iniciativa entre os meados dos anos de 1920 a 1930, com diferentes pesquisas voltadas para experiência empírica ou de intervenção social, que buscava de todo modo, a partir dos etnólogos, a inspiração para o desenvolvimento dos seus procedimentos de campo¹².

¹² É importante aqui fazer uma breve apresentação das abordagens teóricas e metodológicas desenvolvidas na Escola de Chicago. Segundo Helciane Araújo (2010), o desafio presente na discussão sobre a experiência empírica na Escola de Chicago, numa primeira instância, problematizava a questão da subjetividade e a objetividade na construção da pesquisa- isto é, havia uma incorporação dos pontos de vista dos atores sociais às análises. Posteriormente, ela destaca que as narrativas eram

A história de um sujeito enquanto trajetória de vida só é apreendida por meio da abordagem teórica e metodológica, que deve ser entendida como instrumento técnico que nos ajuda a captar a realidade do indivíduo em análise. Por isso, foi relevante apresentar os pressupostos do historiador Giovanni Levi (2013), o qual postulou que existem duas perspectivas preponderantes do estudo da trajetória ou história de vida. A primeira está relacionada com a não redução do indivíduo e seus comportamentos às leis gerais, e a outra que está voltada à aprovação da validade das hipóteses levantadas pelos pesquisadores, as quais são relativas às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras gerais.

Desse modo, pude observar, em ambas perspectivas, alguns obstáculos no processo de apreensão ou análise da trajetória do indivíduo. Conforme destaca Levi (2013), questões ou preocupações de narrar uma história coerente, coesa, e estável do personagem, sem levar em conta os contextos do próprio sujeito passou a ser um desafio para os pesquisadores que optavam pelo o estudo de trajetória como empreendimento acadêmico. Todavia, é a partir dessas inquietações que ele classifica alguns tipos de estudos relativos à história ou à trajetória de vida para melhor entender os sentidos dado em cada experiência teórica.

A prosopografia ou biografia modal que consiste no interesse de demonstrar as condições sociais estatisticamente com mais frequência do comportamento do indivíduo ou de um determinado grupo, a partir de condicionantes estruturais (familiares, mecanismos de transmissão de bens e autoridade, formas de estratificação social ou mobilidade social) nos quais estes estão inseridos.

Por outro lado, a biografia contexto busca, a partir de um tempo espacial, compreender as lacunas de uma realidade histórica (estabelecida de forma estrutural), que pode ser comparada a outros sujeitos da mesma época ou não, a partir de semelhanças e diferenças. Como afirma Levi (2013, p.176), “as trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam.”

Quanto à biografia relativa aos casos extremos, esta envolve um contexto que não é compreendido na sua integridade e exaustividade estáticas, mas por meio de

generalizadas demais, mas com foco na cultura e na existência das relações humanas (1925-1944). Destes, temos o Eduard Sapir que estudava cultura e personalidade a partir de uma linha voltada à psicologia e psiquiatria e o Radin que se mostrava mais interessado na cultura do que no próprio indivíduo atentado para uma linha mais culturalista relativo as questões de identidade.

suas margens – que muitas vezes estão voltadas para os estudos de casos que possibilitam perceber as partes latentes de um determinado indivíduo por meio da cultura que este está inserido.

Nessa ordem, o contexto social é retratado de modo demasiado rígido – considerando as marcas ou os legados das margens. Por último, temos a biografia hermenêutica que procura, por meio da antropologia interpretativa, dialogar com as matérias biográficas no que concerne à construção e à atribuição dos significados. Esta estimulou a reflexão dos historiadores e cientistas sociais a repensarem a interpretação linear ou clara dos demais sobre a trajetória individual (LEVI, 2013).

A trajetória individual como uma abordagem ilusória dos pesquisadores foi, no entanto, problematizada com mais detalhes pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2013). De acordo com o autor, pensar a trajetória ou narrar uma vida é romper com a teoria da história ou filosofia da história que vê a vida a partir da constituição de um todo conjunto coerente e orientado pela intenção subjetiva e objetiva de um projeto.

É preciso, para uma boa compreensão do trajeto de uma pessoa ou história, estabelecer uma ordem lógica dos acontecimentos, aceitar o postulado do sentido da existência narrada o que, em outras palavras, vai se resumir em dar sentido às narrativas já selecionadas pelo sujeito narrado (BOURDIEU, 2013). Foi a partir dos pressupostos deste autor, que procurei elaborar um roteiro de pesquisa para entender as dinâmicas dos trabalhadores roboteiros, em primeiro momento, desenvolvi um guia de observação que me permitisse entender os fluxos e dinâmicas da atividade de rabotar para que eu pudesse criar uma melhor estratégia de conhecer o campo.

[...] tive a primeira experiência de campo, na rua Porto Santo, a caminho do mercado dos Kwanza. O objetivo deste encontro estava em fazer um estudo de observação sobre a atuação dos trabalhadores roboteiros naquela região e conhecer os trabalhadores que atuam naquela zona. Na ocasião, pude encontrar um grupo de cinco trabalhadores acompanhados com seus respectivos carros de trabalho. Aproximei-me a eles e saudei com um aperto de mão. Notei o estranhamento. Acredito que eles pensaram que fosse um cliente querendo o serviço deles. Apresentei-me dizendo o meu nome [...] e a carteira de estudante do Brasil - Pegaram na carta e aproximaram para confirmar o que eu estava a dizer. Um deles segurou e leu durante segundos e passou para outros companheiros. Eles prestaram atenção no que iria dizer depois. Comecei a falar da minha trajetória em Angola. Falei que era angolano - pensei mais na questão de estranhamento do meu sotaque – uma vez que eu me encontro apenas a caminho de dois meses no país de origem depois de ter passado quase 8 anos fora de Angola. Comentei da minha vivência no bairro do Cazenga relativa aos anos que residi até a minha ida pra o Brasil. Expliquei da minha

presença naquele momento. Disse que tinha partido a estudo para o Brasil no ano de 2013, onde tive oportunidade de fazer o curso de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, que teve a duração de mais de 4 anos. Nesta formação, conheci a minha professora - uma mulher brasileira. Ela me orientou e me formei. Posteriormente, passei no mestrado que acabei ficando mais dois anos de estudos (Observação feita, no mercado dos Kwanzas, Cazenga, no dia 19 de fevereiro de 2022).

Para ele, é por meio dos mecanismos sociais que a construção da trajetória do indivíduo deve ser percebida como unidade, ou seja, a preocupação dele não está como pensamos o trajeto da pessoa dado como uma história completa e coerente, mas como a tornamos coerente e completa por meio de instrumentos analíticos, que por sua vez está relativamente atrelada a edificação identitária do sujeito. Nessa perspectiva, a identidade ou nome próprio de um indivíduo com relação a sua constância ou durabilidade garante o reconhecimento identitário biológico em todas áreas possíveis que este atua e que perpassa toda sua vida.

Mas, é indispensável separar a identidade biológico ou social do indivíduo fora das relações sociais estabelecidas com outros agentes, uma vez que “as leis que regem a produção dos discursos na relação entre *habitus*¹³ em um mercado se ampliam a essa forma particular de expressão que é o discurso sobre si” (Bourdieu, 2013, p. 188).

Desse modo, a trajetória de vida enquanto construção do espaço social do qual o indivíduo faz parte, não é o objetivo final de um trajeto, mas, pelo contrário, ela é o começo da trajetória como um conjunto de tomada de posições sucessivamente relativo as disposições do agente social, a um determinado espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito às incessantes transformações.

Logo no começo do campo, busquei demonstrar a todo momento que queria entender a maneira como os trabalhadores roboteiros vivem em Luanda, mas por meio da vivência deles, no entanto, ao decorrer da pesquisa, fui percebendo que as narrativas destes sujeitos perpassam, muitas das vezes, o roteiro apresentado. Isso aconteceu no primeiro encontro quando tive uma experiência positiva com o primeiro

¹³ O conceito de *Habitus* de Pierre Bourdieu (2011) é interessante para pensar a trajetória de vida, uma vez que ela, a partir do mundo prático, compreende o indivíduo a partir de um sistema de estrutura cognitivas e motivadoras com fins já realizado a partir de um determinado esquema de percepções – resultado das disposições duradouro, inculcadas pelas possibilidades e impossibilidades, liberdades, necessidades e felicidades, objetivamente ligadas a um grupo ou uma classe social fornecidas pelas ações feitas e compatíveis com as condições e de alguma forma pré-adaptadas às suas exigências.

grupo de pesquisa no mercado dos Kwanzas, porém não tive sucesso, com o mesmo roteiro, no mercado dos armazéns. Durante a abordagens, falei da pesquisa e disse que precisa conhecê-los para me fazerem entender sobre as suas vidas na Capital.

Então, decidimos em 2018 vir à pesquisa em Angola, junto com a minha professora brasileira, em três províncias como: Benguela, Huambo e Huila. No momento, me deu um apagão. Eu queria lembrar o município e a comuna que tinha ido lá em Benguela. Mas não me vinha à cabeça. Lembrei que tinha no celular e recorri logo a um trabalho que havia apresentado que continha as fotografias do campo. Um dos senhores aparentemente mais velho disse que conhecia o lugar. Aproveitei a brecha da sua forma mais à vontade, perguntei a região que eles moravam lá em Benguela? Ele respondeu de seguida afirmando que todos moravam no município de Balombo. Segundo ele, é o último município que faz fronteira com Huambo. Perguntei se já havia muito tempo que todos eles estavam em Benguela, só para entender o trajeto temporal de cada um deles, eles foram respondendo as suas vindas à Luanda – que estava entre 2020 a 2022 – o tempo pertinente para a pesquisa, sem deixar de reconhecer que eram sujeitos migrantes, outro elemento indispensável que pude encontrar no processo de interação com aqueles trabalhadores. Não obstante, procurei conhecer os lugares de suas residências e a disponibilidade para execução de uma intermediação que possa me ajudar no processo de deslocação para conversar com eles. Apenas um trabalhador disse que morava distante do trabalho. Os outros quatro residiam mais perto do trabalho, porém o que morava distante não mostrara desinteresse em participar do projeto, algo que deixou mais motivado para investir naqueles trabalhadores como sujeitos de pesquisa (Observação feita, no mercado dos Kwanzas, Cazenga, no dia 19 de fevereiro de 2022).

No mesmo dia, pude prosseguir para o mercado dos armazéns em busca de novas experiências de observação, de cujo resultado não havia fluído devido a vários fatores, como por exemplo:

Num segundo momento da pesquisa, fui até as ruas dos armazéns, 3km de distância do mercado dos Kwanzas. Onde me deparei com um trabalhador roboteiros que estava regressando da viagem. Aparentemente cansado e com bastante suor no rosto. Busquei a forma mais educada para abordar e pedir para conversar. Disse que necessitava do trabalho dele e que precisava de mais homens. Ele respondeu que os seus colegas estavam de atividade em outras zonas não muito perto. Então, continuei questionando onde poderia marcar com ele e poderia realizar o trabalho. Ele mostrou o armazém ao lado e disse que era o lugar que eles costumavam ficar sempre, e, qualquer coisa, seria mais fácil ir até lá. Não tardou, ele pousou o carro e se sentou em cima dele. Eu me aproximei e avistei um ferro ao lado e me sentei. Comecei a me apresentar a ele. Disse que era pesquisador da área do trabalho. Mostrei a minha carteira de estudante. Falei que estudo no Brasil e que estava a realizar um trabalho sobre a vida dos trabalhadores roboteiros em Luanda. Voltei a me apresentar, mas desta vez historicizando a minha trajetória de Angola ao Brasil. Em seguida, perguntei pelo nome e de que região ele era... ele estava um pouco tímido. Acredito eu por estar só, diferente do primeiro momento que estavam em grupo. Ele talvez não tinha muita certeza do que eu queria. Então, apresentei o meu documento novamente depois da apresentação, uma vez que ele não estava muito à vontade para

conversar e eu não estava lá para forçar uma conversa. Mas ele chegou a responder que era de Mukubal, uma região de Benguela, e que se chamava “To te ver”. Obviamente, um nome fictício ou um apelido como dizem em Angola. Todavia, procurei saber quanto tempo ele se encontrava em Luanda. Ele disse que acabara de chegar e não fazia muito tempo. Em tom de brincadeira disse a ele que estava muito dinâmico ao vê-lo com um carro de mão cansado e trabalhando duro. Ele disse que comprou no mercado do Kikolo. Apontei a fonte de produção do carro de mão com perspectiva de ir conhecer a realidade de produção dos carros. A conversa não estava fluindo e pelo tom de cansaço busquei saber mais coisas práticas. Neste sentido, perguntei da possibilidade de obter o contato dele, mas ele retrucou rápido dizendo que não tinha. Em seguida, acrescentou que bastava vir até o Armazém para lhe encontrar. (Observação feita, no mercado dos Armazéns, Cazenga, no dia 19 de fevereiro de 2022).

Nesse contexto, penso o trajeto deste sujeito a partir de uma relação de afirmação, negação e contradição das possibilidades e impossibilidades estruturais que a sociedade o pode proporcionar enquanto garantia condicionante.

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo na qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado- pelo menos em certo número de estados pertinentes- ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 2013, p.190).

A discussão me demonstrou como a trajetória perpassa por uma relação de indivíduos ou grupos sociais em um determinado tempo-espacial de forma não linear – envolvendo um conjunto de disposições duradouro das ações dos indivíduos a partir de uma ordem social, política, econômica e cultural a qual este faz parte. Gabriele Rosenthal (2013) evidencia, a partir dos seus estudos voltados para a abordagem Gestalt e fenomenológica, como uma trajetória de vida perpassa por um conjunto de relação dialética no exercício de vivenciar, lembrar e narrar uma determinada realidade ou acontecimento vivido.

Ela destaca que o enfoque do estudo de trajetória de vida está na relação interpretativa do presente, considerando as subjetividades e os contextos de uma realidade social em análise. As vivências narradas são, por sua vez, as lembranças que se apresentam no processo narrativo e que se referem como o presente da narração ou escrita biográfica que define o olhar retrospectivo sobre o passado e acaba gerando um passado recordado específico em cada caso.

Estas variam de acordo com as sequências relativo a vivência, a narração recordada e a recordação. O que ela designa como *noesis* para se referir dentro da ordem das sequências as formas como se dá atenção a uma memória específica ou

recordação, e *noema* para tratar as formas como essa memória aparece como narrativa ou ação ativa.

O falar sobre lembranças se constitui, em cada caso, pelos enquadramentos interativamente negociados e produzidos na ação prática e pelas modificações desses enquadramentos que ocorrem repetidamente no transcurso da interação (ROSENTHAL, 2005, p 232).

Em outras palavras, ela reforça que o ato de dar atenção a alguma coisa (lembrança) faz com que essa seja acionada como lembrança recordada (memória). Isto porque o enquadramento da memória¹⁴ seleciona as lembranças a partir de um desejo ou interesse subjetivo por meio do reconhecimento, interação, indagação da ação dos sujeitos.

O que implica que, ao estudar uma determinada trajetória ou narrativa de vida, estamos, de todo modo, lidando com a reconstrução ou reconfiguração de uma narrativa memorial. Assim, confirma Rosenthal (2005):

Mostrar até que ponto a construção, realizada no presente, de uma vivência passada corresponde a um interesse de sua apresentação no presente que só é pouco compatível com o passado vivenciado [...] não é viável de um modo inteiramente independente do que foi vivenciado no passado.

Por isso que é importante deixar claro que a construção da trajetória de vida dos trabalhadores rurais em Angola, no âmbito desta pesquisa, está relacionada com a experiência vivenciada por estes sujeitos, embasada nas suas memórias, o que não deixa de ser verdade, porém uma verdade construída socialmente a partir dos seus relatos que envolve uma estrutura dinâmica de um conjunto de disposições sociais.

O que me levou a pensar a forma pela qual estes sujeitos devem ser acionados a partir das suas ações sociais na sociedade ou, para ser mais simples, questionar como estes sujeitos, frente às diferentes abordagens sociológicas, devem ser apreendidos e analisados com relação ao tipo de pesquisa a ser formulado (Teoria da

¹⁴ A discussão sobre Memória desenvolvida pelo Maurice Halbwachs (2006), já trazia essa discussão sobre o processo de enquadramento das memórias a partir das relações sociais. É por meio das lembranças como elemento essencialmente coletivo e não individual que o autor demonstra o quanto o exercício de lembrar ou trazer a memória um certo acontecimento só é possível por intermédio da partilha. Mas é através de Michael Pollak (1992), que a discussão sobre a memória ganha uma nova dimensão. Para este, a importância não estava na forma da dada em que essencialmente a memória se apresentava como uma construção coletiva, mas, pelo contrário, o exercício pela qual este coletivo a partir de união de detalhada dos acontecimentos em derretimento das forças diferenciadas das relações possibilitava que esta memória se tornasse o que é. Nesta perspectiva, interessa-nos o modo pela qual essa memória individual que perpassa por um conjunto de relações estruturais (famílias, escolas e outras instituições) se tornam memorável pelos sujeitos da pesquisa e nos permite de forma analítica compreender a partir da experiência de cada sujeito da pesquisa.

ação e a realidade objetiva da pesquisa em causa), sem, portanto, deixar de reconhecer o peso estrutural no qual os trabalhadores se encontram enquanto parte de uma história coletiva que os torna cada vez mais propício a uma reprodução ou transformação da realidade as quais eles estão inseridos.

1.2. O indivíduo como meio sociológico e de reflexão da pesquisa no campo

A discussão sobre a trajetória de um indivíduo numa determinada sociedade perpassa por um conjunto de ações sociais. Ações essas que os pesquisadores clássicos desenvolveram enquanto teoria e metodologia para compreender as interações entre os indivíduos nas suas relações de produção (KARL MARX, 2008; ÉMILE DURKHEIM, 1994; MAX WEBER, 2005). Isso, por sua vez, não se limitou simplesmente ao debate filosófico, na época, mas também político no que toca a organização disciplinar das áreas de saber que deu origem à psicologia e à sociologia como dois campos importantes de produção científica.

A complexidade da discussão está justamente na dimensão dialética e contínua que as torna atuais e necessárias para o debate sociológico. Destarte, podemos ver também um conjunto de pesquisadores contemporâneos exercitando de forma crítica a produção do endereçamento teórico e metodológico da ação do indivíduo na sociedade, que, por sua vez, são indispensáveis, assim como os clássicos, para o mesmo debate nos dias de hoje.

Entre eles, temos o pesquisador Erving Goffman (2009), da Escola de Chicago, autor da obra *“A representação do Eu na vida cotidiana”*, o alemão Norberto Elias (1994), *“A sociedade dos indivíduos”* e, por último, o francês Pierre Bourdieu (1996), autor de *“Razões Práticas: sobre a teoria da ação”*. Todos esses e outros não citados contribuíram de forma ímpar para essa discussão.

Mas, nesta pesquisa, explorei os postulados do sociólogo francês Bernardo Lahire¹⁵, que tem elaborado de forma sistemática a discussão teórica e metodológica

¹⁵ Bernardo Lahire é professor de sociologia na Universidade de Lyon II, na França, e pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica- CNRS. Sua sociologia está relacionada à continuação da pesquisa sobre os *Habitus*, de Bourdieu. Com finalidade de não observar simplesmente as práticas dos sujeitos a partir dos efeitos sistemáticos, mas a partir de um conjunto de patrimônio de práticas, que pode ser ativado ou mantido em constante vigilância de acordo com os contextos vivenciados (Dossier Bernard Lahire, 2017).

sobre a sociologia disposicionalista¹⁶, a partir das ações sociais desenvolvidas na relação interativa dos sujeitos na sua individualidade. Como afirmam Ricardo Visser e Lília Junqueira (2017), a sociologia de Lahire é uma reunificação enquanto disciplina que envolve o todo e ao mesmo tempo penetra de forma profunda na projeção das ações dos indivíduos na sociedade. E que a grande pertinência desta abordagem está, todavia,

[..] a um cuidado no trato da ação sem, contudo, desconsiderar o passado social incorporado do agente, o que necessariamente implica admitir que o mundo social não dispõe os mesmos recursos para todos na competição social.

Para ele, não existem objetos mais sociais do que outros e nem sociológicos, antropológicos e históricos, o que existe de mais essencial em tudo isso é a forma científica que nós tratamos o nosso objeto de estudo. Isso implica que não devemos correr o risco de falhar quando buscamos apreender o social de um determinado indivíduo, em acreditar que estamos a estudar uma temática nova a partir de antigos conceitos ou métodos ou ainda em acreditarmos de forma enganados que ao tornar objetivo todas nossas pretensões científicas, por meio de uma cópia mal produzida entre o exercício sociológico e psicológico estaremos a fazer uma representação coerente (cientificamente falando) do indivíduo social. Fazendo a crítica sobre a pertinência da proposta de pesquisa seja ela em escala global ou individual torna-se relevante, porque endereça e fortalece a pesquisa em objetivação.

Durante as abordagens, tive sempre a certeza que não estava produzindo uma verdade absoluta dos trabalhadores, ou seja, procurei, a partir das experiências compartilhadas, construir um ponto de vista sobre a realidade estudada. Isso me ajudou, por outro lado, a entender que as respostas poderiam ser mentiras, mas através de uma estratégia de aprofundamento ou desdobramento do diálogo, algumas pistas poderiam me levar a outras verdades, como ocorreu na experiência do segundo

¹⁶ Sociologia disposicional de Lahire é nada mais do que aprofundamento do conceito de *Habitus* de Bourdieu. A diferença está no ângulo de análise social da abordagem epistemológica do indivíduo na sociedade. Bourdieu por meio do conceito: *Habitus* busca construir uma teoria e metodologia de análise social que engloba uma estrutura social (macro) - ambicionando a apreensão de grupos ou instituições sociais. Já Lahire, a partir de uma perspectiva micro, ou seja, através do indivíduo, busca a apreensão das diferentes formas das estruturas cognitivas ou comportamentais de uma determinada realidade social. Neste viés, pensamos que a discussão do Lahire nos é mais importante para o tipo de pesquisa que estamos elaborando por conta dos obstáculos ou empecilhos que podemos encontrar a partir de um empreendimento macro devido as limitações institucionais que o país apresenta (Angola), mas que não deixamos focar no armazenamento de dados de institucionais (públicas ou privadas) que possam a ajudar no preenchimento da construção da trajetória dos trabalhadores em causa.

encontro, em que pude perguntá-los sobre as suas regiões de origem, ainda muito intimidados e poucos a vontade foram muitos breves em suas palavras:

Entrevistador: hoje vamos conversar sobre aquilo que tem sido a sua trajetória a Luanda. Gostaria de saber onde moravas antes de vir pra Luanda. Podes falar um pouco sobre o lugar onde morava? Adão de Balombo: Eu sou de Benguela. Saiu de Benguela no município de Balombo. Entrevistador: Morava com quem papa? [Adão de Balombo]: Morava na minha casa. Entrevistador: Isso. Tinha família? [Adão de Balombo]: Tem. Entrevistador: Quantos filhos? [Adão de Balombo]: Tenho 4 filhos. Entrevistador: Lá morava com os filhos e a esposa? Adão de Balombo: sim. Exatamente. Entrevistador: Lá trabalhava de quê? [Adão de Balombo]: Lá trabalhava nas minhas lavras. Entrevistador: era lavra grande ou pequena? [Adão de Balombo]: lavra normal. Entrevistador: Como é morar em Balombo? O que pai fazia no dia a dia? [Adão de Balombo]: é só trabalhar e cultivar. É isso. Entrevistador: Quem fez com que o pai viesse para Luanda? [Adão de Balombo]: isso é termo da miséria. Aquilo você quer não aparece. Por isso que viemos para Luanda para adquirir um pouco de dinheiro. Para conseguir viver com as crianças. (Entrevista concedida pelo trabalhador Adão de Balombo, no dia 26 de fevereiro de 2022, no mercado dos Kwanzas, Cazenga).

A conversa não fluía e, muitas das vezes, perguntava-me as razões da não fluidez. No encontro do dia 18 de março de 2022, no mercado dos Armazéns, procurei usar outra tática de aproximação, depois de duas tentativas, levou-me a entender que era preciso abordá-los tendo em conta as formas diferenciais, e perceber que cada trabalhador tem as suas particularidades.

[...]voltei para conversar com os trabalhadores que doutra vez cheguei de avistar e conhecer nos armazéns. Na ocasião, deparei-me com um grupo novamente de trabalhadores roboteiros. Pergunte pelo nome de um deles que passara o seu contato. Um deles se aproximou e disse que ele não estava. Então, perguntei para este rapaz se reconhecia. Ele disse que sim, deixou-me mais a vontade com a reação. Mas, ele me perguntou o que eu estava mesmo a fazer? Que trabalho estava a fazer e o que ele poderia me ajudar? Percebi que ele não estava no dia que conversei com os trabalhadores. Expliquei em poucas palavras mas procurei não perder muito tempo com ele. Depois de esclarecido ele me endereçou para um dos rapazes que estava naquele dia. Convidei para conversarmos, porém mandei comprar gasosa (refrigerante) devido ao calor. Ele recebeu a nota de 1000, 00 kwanzas (equivalente a 10 reais) e foi comprar cinco gasosas (Refrigerante). Enquanto refrescava, busquei me entrosar com um dos trabalhadores que se encontrava sentado no seu carro de trabalho, ao lado, se encontra um outro carro, sentei-me e procurei conhece-lo novamente. Apresentei-me! Ele também se apresentou. Em seguida, perguntei o nome. Ele respondeu que se chamava E.J. Quando perguntei de onde era? Respondeu-me que era do município de Balombo, Benguela. Em seguida, ele disse que nasceu e cresceu em Balombo. Perguntei se estudava lá? Uma vez que percebe nele um rapaz muito jovem. Ele afirmou que estudou até a 8ª classe. Perguntei o que ele fazia lá antes de vir a Luanda? Ele me disse que fazia só trabalho doméstico, vendia no mercado dos africanos lá em Balombo (Entrevista concedida pelo trabalhador Adão de Bolombo, no dia 18 de março de 2022, nos mercados dos Kwanzas, Cazenga).

Essas mutações do indivíduo na construção da sua própria narrativa me levaram a recorrer, obviamente, aos comportamentos estruturais para explicar a presença dos fenômenos, mas, foi por meio da interação, que percebi como a dinâmica dependia de uma estratégia constante na construção de uma confiança. Isso se deu em torno das idas e voltas constantes ao campo e poder partilhar os seus espaços de trabalho.

É, a partir desta perspectiva, que Lahire (2017) procura escapar de uma prática recorrente das produções sociológicas marcadas por estruturas funcionalistas decorrente na França, nos anos de 1970, relativa a uma abordagem de produção educacional que por meio de dados estatísticos que buscavam identificar como o capital econômico e cultural influenciavam de forma estruturante na produção da diferença social e não deixavam de ser acentuada, mas que:

[...] essas abordagens macrossociológicas não estudavam o processo de fracasso escolar propriamente dita, mas a reprodução da estrutura de classes e/ou relações de força entre arbitrários culturais no sentido do sistema de ensino, a reprodução da estrutura de distribuição dos capitais, e notadamente do capital cultural.

Em outros dizeres, demonstrava o quanto as abordagens seja ela macrossociológica ou microsociológica não eram incompatíveis. Na verdade, elas, por terem acesso às realidades sociais de forma diferenciais, acabam tendo um olhar diferencial também a quem a produz e para o próprio produto um novo formato epistemológico. Conforme afirma Bertaux (2010), é importante dimensionar que a história de vida não se limitam apenas aos estudos micros sociais, mas também se apropriam dos macros dados para exemplificar ou preencher as experiências dos sujeitos durante o processo de reconstrução de sua história.

Assim, Lahire (2015), por meio da “*fabricação social dos indivíduos*” elabora quadros, modalidades tempos e efeitos da socialização, com objetivo de contextualizar as trajetórias individuais, a fim de se apropriar, de maneira concreta, as experiências e as tomadas de posições destes ao longo dos seus percursos de vida na sociedade. Ele começa a desenvolver a discussão a partir do conceito de socialização no âmbito da abordagem sociológica que é o ponto de partida para entendimento da ação do indivíduo enquanto parte de um todo social.

[...] a noção de socialização reveste-se de um sentido específico. Ela designa o movimento pelo qual o mundo social-essa ou aquela “parte” dele- molda –parcial ou globalmente, pontual ou sistematicamente, de

maneira difusa ou de forma explícita e conscientemente organizada-indivíduos que vivem nela. Se partimos dos indivíduos, é possível dizer que a socialização é o processo por meio do qual um ser biológico é transformado, sob efeitos das múltiplas interações [...] com outros indivíduos e com todo um mundo material oriundo da história que ele estabelece desde seu nascimento, em um ser social adaptado a um universo sócio-histórico determinado (LAHIRE, 2015, P.1395).

Mas, é importante destacar que o conceito de socialização somente pode ter força necessária ou utilitária a partir de sua aplicabilidade empírica, isto é, como escapatória de uma ideia amorfa ou generalizadora das ações dos trabalhadores roboteiros em determinada realidade objetiva. A utilidade do conceito está, justamente, na ferramenta que nos leve a imaginar operações precisas de pesquisa, resultado de investigações científicas.

De fato, todo o meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como “caso particular do possível” conforme expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis (BOURDIEU, 1996, p.15)

Assim sendo, consideramos que é a partir dos patrimônios de disposições que se possa localizar nas narrativas dos sujeitos da pesquisa marcadas pelo passado (memórias), descritos e analisados, por meio de mecanismos de socialização bem determinados. Trata-se de estudar a maneira pela qual se organiza e se desenvolve o processo de migração e vivência dentro de cada experiência de socialização.

E é através das experiências de socialização que busco apreender as propriedades materiais e simbólicas do processo de socialização dos trabalhadores informais em Luanda, que pode ser a partir da experiência familiar, escolar, experiência do trabalho e outros espaços de relevância para eles. Conforme Lahire (2015), as experiências de socialização estão divididas periodicamente em duas partes.

Vale destacar, neste trabalho, que a ordem de classificação socializante dos sujeitos foi desenvolvida por meio do seu *modus vivendi*, o que desordena a ordem normativa de Lahire, uma vez que vamos lidar com pessoas que passaram por um processo de conflito tenso, deslocamento forçados, perdas de familiares, e outros fatores que comprometem a sua constituição enquanto sujeito, levou-me a não considerar o processo de socialização nos moldes fechado, porém aberto a contextualização de cada experiência.

Portanto, é por meio da socialização que desafio romper, durante o processo empírico, os problemas relativos à apreensão das ações dos sujeitos pesquisados. Isto implica representar com frequência um percurso individual como passagem do universo familiar não-homogêneo, constitutivo das estruturas mentais e comportamentais mais fundamentais aos múltiplos universos sociais que frequenta posteriormente em um ser social já constituído e que resiste fortemente – o espírito de conservação e obrigação –às forças de modificação (LAHIRE, 2015), ajudando no reparo de dois erros opostos que se reforçam concomitantemente como:

1)O estudo das socializações secundárias sem levar em conta os efeitos da socialização anterior; 2) o estudo das socializações secundárias como simples terrenos de atualização ou espaços de desenvolvimento ou de expressão de disposições anteriormente adquiridas.

Destes, menciono que o nosso desafio foi principalmente a não fazer uma discussão sobre a socialização dos trabalhadores sem, no entanto, reconhecer as estruturas anteriores assim como a história do sujeito antes de chegar em Luanda, como por exemplo, entender a família da qual este faz parte e outros meios de relevância social, sem, portanto, tornar esses antecedentes como engessamento das interações futuras na confirmação ou no reajuste de uma realidade estrutural-funcional, mas entender os mecanismos de contradições, rupturas e confirmação das ações dos sujeitos por meio da realidade empírica. Para tanto, foi indispensável fazer uma breve discussão sobre vida das disposições sociais.

O uso do termo *disposição* pode ser específico para designar uma determinada tipologia de ações com o reforço de substantivos ou adjetivos que qualificam um indivíduo, mas ela só se efetiva na sua praticidade. De tal modo que, “a tradição disposicionalista tenta levar em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos atores individuais” (Bernard Lahire, 2004, p.21), assim, dois conceitos são indispensáveis para pensarmos a disposições¹⁷ enquanto conceito:

¹⁷Para entendermos com mais profundidade sobre o conceito de disposição, vale mencionar alguns princípios sociológicos apresentado pelo Lahire (2004, p.27-30): 1) toda disposição tem uma gênese que, pelo menos, podemos nos esforçar para situar (instâncias de socialização) ou para reconstruir (modalidades específicas da socialização); 2) A noção de disposição supõe que seja possível observar uma série de comportamentos, atitudes e práticas que seja coerente; 3) como uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através da duração; 4) Não se deve pensar que, obrigatoriamente, a disposição deve ser geral, transcontextual e ativa em todos os momentos da vida dos atores; 5) Uma disposição não é uma resposta simples e

Consiste em pensar uma sociologia que se restringe conceitualmente a partir de uma economia (das disposições, esquemas ou *habitus* julgados superficialmente); 2) consiste em pensar uma sociologia do ponto de vista prático no que tange ao confronto conceitual com as realidades estudadas.

O que implica o exercício constante da apreensão das disposições sociais, isto é, entender o que leva agir de um jeito em detrimento de outro, ou mesmo o que leva acreditar em alguma coisa frente a um conjunto de possibilidades de crenças¹⁸. Crenças essas que me ajudaram a compreender como as discrepâncias entre o que as pessoas acreditam e as condições necessárias de objetivar essas existências, ou ainda o que as pessoas creem e as condições de agir frente a grandes níveis de impossibilidades que, por sua vez, possa vir a originar na frustração, culpa, ilegitimidade ou má-consciência.

Por exemplo, imaginando a realidade dos trabalhadores que migram à Luanda a procura de um trabalho formal e não o encontram. Posto lá, e sem dinheiro para regressar a sua cidade natal, busca no trabalho informal como uma estratégia de sobrevivência para lida com a realidade e, conseqüentemente, isto pode lhe causar frustração ou desespero caso não dê certo o negócio ou o planejado. É nestes moldes que pretendemos entender as dinâmicas nas buscas e os fracassos que estes possam vir a enfrentar.

O que em outras palavras chamei de disposições fracas ou fortes, fortes quando o meio disponível se torna possível na realização das ações do indivíduo, e fracas quando acontece ao contrário daquilo que o indivíduo buscou concretizar, por conta de um imprevisto ou uma interrupção do projeto. Por este motivo afirma Lahire (2017, p.44) que:

Estas distorções e por vezes estas contradições 1) entre as diferentes crenças (fortes ou fracas) incorporadas por um indivíduo em diferentes contextos; 2) entre diferentes hábitos disposições para agir (forte ou

mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir ou agir que ajuda com a reflexividade as diferentes situações encontradas; 6) Conceitualmente, é importante distinguir realidades ou situações diferentes, em vez de reduzir tudo a uma noção muito vaga de disposição [...]. Portanto, é importante mesmo a título de clarificação analítica, distinguir competências de disposições (reservado este termo para as situações em que há tendência, inclinações, propensão e não um simples recurso que pode ser mobilizado potencialmente) [...] etc...

¹⁸Ao nos referirmos às crenças, tratamos das questões sustentadas por instituições como a família, escola, igreja e outras, no processo de incorporação de hábitos ou aprendizagem de saberes disciplinares de um determinado grupo social. Como também pode acontecer diferente, conforme Lahire (2017), vivemos em sociedades em que as pessoas podem incorporar crenças (normas, modelos, valores, ideias), sem ter meios (materiais e/ou disposições) para respeitá-los, para concretizá-los, para atingi-los ou para realizá-lo.

fraca); 3) entre as crenças e disposições para agir que dificultam a entrevista sociológica, obrigando o pesquisador a sempre se perguntar quais são os efeitos precisos do tipo de socialização que ele realmente mensurou [tornam a pesquisa cada vez mais imprecisa].

Tudo isso vai depender das atualizações dessas disposições, ou seja, dependerá do modo pelo qual os hábitos foram adquiridos por este indivíduo, a maneira e o momento que foram incorporados, que tornará mais inteligível o contexto (eventual) – por meio da atualização. Por isso, compreender o contexto da produção das ações dos trabalhadores roboteiros é indispensável na construção do trajeto dos sujeitos da pesquisa.

1.3. A construção epistemológica da entrevista enquanto abordagem teórica e metodológica

Se fizermos um levantamento bibliográfico sobre os manuais, muitos deles de experiências de pesquisadores de diversas áreas de conhecimentos – como historiadores, sociólogos, antropólogos e jornalistas investigadores – perceberemos que não existe uma única fórmula de se fazer uma boa entrevista de campo. O que não indica que essas experiências não são importantes enquanto experimento individual de uma determinada realidade pesquisada. Assim sendo, o desafio de um pesquisador não está na objeção de outros trabalhos já feitos, mas sim em negar os princípios positivistas de endereçamento no processo de apreensão de um determinado empreendimento científico. Conforme destaca Bourdieu (2012), fazer uma pesquisa está justamente na relação social que um pesquisador se propõe a fazer junto a outros grupos sociais, sejam eles, pertencentes da mesma realidade social ou não necessariamente.

Tal postura me exigiu um conjunto de formação ou conhecimento para que possa endereçar de forma que não se torne uma violência a realidade objetiva e subjetiva desse grupo. É por este viés que ele observa que o exercício da *reflexividade*¹⁹ enquanto sinônimo de método é indispensável neste processo, uma

¹⁹ Pensamos a questão da reflexividade nesta pesquisa a partir da discussão que Bourdieu (2017, p.144-146) faz em *Meditações Pascalinas*. Para ele, em vez de ficar simplesmente na intencionalidade do pesquisador em apresentar teoricamente que é o seu objetivo maior, a reflexividade crítica vem de uma inspiração de duas convicções necessárias: 1) a validade da experiência a qual o pesquisador busca apreender que envolve leis voltadas para os erros ou das ilusões mais graves do pensamento antropológico (e de outros pensadores), e em particular a visão do agente como indivíduo (sujeito pesquisado) consciente e racional que não está condicionado as estruturas ou funcionamento dos

vez que ela ajuda no monitoramento do campo, isto é, na produção, na condução e na recepção dos efeitos significativos no percurso das relações interativas entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.

A preocupação que o sujeito pesquisador deve lhe dar com o modo treinado de observar, tratar, refletir, evidenciar, descrever o mundo social, considerado pelas pesquisadoras Pâmela Marques e Maria Genro (2016) como “*Pesquisa cuidadosa*”, que é importante, uma vez que ela ajuda a compreender melhor a objetivação das disposições sociais sem, no entanto, deixar de olhar as molduras ou estruturas sociais as quais os sujeitos pesquisados estão inseridos, mas refletir em torno dos descuidados que muitas vezes servem como dadas em certas realidades “próximas” ou “familiares”.

Nesse contexto, Bourdieu (2012), por sua vez, denomina este fenômeno como “pesquisa não-violenta”, a qual consiste na forma pela qual o sujeito pesquisado é tratado, isto é, desde a apresentação da pesquisa e da condução até os fins proposto pelo pesquisador, o que envolve um jogo constante de troca de linguagens, do qual o pesquisador propõe como abordagem interativa no processo de nivelamento dos códigos da linguagem social e os seus contextos, dominar os efeitos sem poder anulá-las, e nas escolhas dos entrevistados – o grau de a proximidade (pode garantir ameaças no que tange a redução das subjetividades ou pode ajudar na produção de conteúdo nas formas de comunicação) ou não necessariamente. Portanto, é relevante pensar no ambiente quando o entrevistador e o entrevistado fazem parte da mesma comunidade pesquisada, para que não tenha uma violência comunicativa. Desse modo, o processo de interrogar o sujeito pesquisado é uma autoanálise ou socioanálise.

campos. Doutro, a necessidade da construção de um pensamento livre das condições sociais que esteja capaz de engendrar ao próprio pensamento sobre a realidade da situação das condições em construção. Assim, a reflexividade é nada mais do que um exercício epistemológico do pesquisador engajado no processo de edificação de um pensamento racional. “Praticar a reflexividade é colocar em questão o privilégio de um sujeito conhecedor arbitrariamente excluído do trabalho de objetivação. É trabalhar para dar conta do ‘sujeito’ empírico da prática científica nos próprios termos da objetividade construída pelo ‘sujeito’ científico, sobretudo o situando num ponto determinado do espaço-tempo social lograr, então, uma consciência mais aguda e um domínio mais completo das constrições que podem se exercer sobre o ‘sujeito’ científico, por meio de todos liames que o vinculam ‘ao sujeito’ empírico, a seus interesses, pulsões, pressupostos, e com os quais ele precisa romper para se construir.” De tal modo, continua Bourdieu que, “é preciso buscar no objeto construído pela ciência (espaço social ou de campo) as condições sociais de possibilidades do ‘sujeito’ e sua atividade de construção do objeto (de onde a *skholè* e toda a herança de problemas, conceitos, métodos, etc.), trazendo, assim, à luz do dia, os limites sociais de seus atos de objetivação.

Um exemplo disso aconteceu no segundo encontro com os trabalhadores do mercado dos Kwanzas, no período que comecei a ter as primeiras conversas, cuja finalidade era conhecer os trabalhadores e os seus lugares de origem:

As duas experiências de hoje se deram num ambiente de muito movimento. Não só por conta do feriado, mas também pela dinâmica do bairro, que é perto do mercado do Kwanzas. O fluxo de pessoas é contínuo. Destarte, estávamos perto de uma parada de taxi de motos e duas lojas (cantina), bem ao lado tinha uma barraca de venda de produtos diversificados de alimentícia. Ainda na mesma barraca tinha um rapaz tocando música de modo muito alto. Tudo influenciou na articulação e na reação dos entrevistados. O primeiro, sendo um pouco mais velho, conseguiu se abrir mais e responder as questões de forma mais aberta, apesar das suas limitações relativas à linguagem. Percebi durante a entrevista a dificuldade deles em falar a língua portuguesa. Muitas vezes tive de repetir a mesma questão. O segundo, não obstante, estava mais tímido durante todo o processo das entrevistas. Acredito que o ambiente não facilitou, por outro lado, o fato de ter um gravador ou um telefone gravando inibiu um pouco os entrevistados. Nesta perspectiva, buscarei num outro momento ter mais cuidado com o gravador e a escolha do ambiente, mas para o primeiro momento de exploração, o espaço de trabalho tem sido mais fácil e acessível para ganhar confiança deles. (Observação feita durante conversas com trabalhadores, no dia 26 de fevereiro de 2022, no mercado dos Kwanzas, Cazenga).

Todos esses aspectos interferiram de forma direta na construção de comunicação mais viável com os trabalhadores. A experiência me possibilitou criar mecanismos mais mecânicos, como por exemplo, o caderno de apontamento para não inibir o entrevistado.

Bourdieu (2012) afirma que as aproximações têm as suas limitações também no ato interativo, porque pode acontecer, ao contrário, em que o pesquisado que se encontra distante do pesquisador socialmente possa ter mais empatia em termos de pensamento, por isso que o exercício do automonitoramento no processo da condução da entrevista é constante e contínuo. Isso implica um exercício espiritual ao engajamento não só relacionado ao esforço de se prever um distanciamento ou aproximação, mas ao domínio das ferramentas teóricas ou práticas da realidade social das quais estes fazem parte, por isso é necessário para compreender e explicar todo um conjunto de signos objetivos e subjetivos de uma determinada realidade social. Portanto:

Esta compreensão não se reduz a um estado de alma benevolente. Ela é exercida de maneira ao mesmo tempo inteligível, tranquilizadora e atraente de apresentar a entrevista e de conduzi-la, de fazer de tal modo que a interrogação e a própria situação tenham sentido para o pesquisado e também, e, sobretudo, na problemática proposta: esta, como as respostas prováveis que ela provoca, será deduzida de uma

representação verificada das condições nas quais o pesquisado está colocado e daqueles das quais ele é o produto (BOURDIEU, 2012, p.700).

A discussão sobre o cuidado no processo interativo entre o pesquisador e o pesquisado pode, todavia, apresentar outros obstáculos externos e que podem surtir efeitos significativos na própria pesquisa e que não necessariamente estão entranhadas nas questões de reflexividade, como por exemplo, ela pode transparecer no ato da gravação (problemas com o gravador), na relação com o ambiente escolhido, no uso de máquina de fotografar, e outros mais que escapam do domínio do pesquisador.

Assim, a construção realista, de acordo com o próprio autor, está no domínio prático da lógica social, na evidenciação do processo da construção da pesquisa, ou seja, é a partir da realidade vigente que o sujeito desenvolve habilidades estratégicas de apreensão e as experiências subjetivas e objetivas, de modo a torná-las compreensíveis aos olhos de quem as lê. Assim, é neste âmbito que a neutralidade se encontra, em outras palavras, é justamente na construção realista de um determinado objeto estudado ou de uma realidade em análise, em um dado tempo histórico de produção.

Dada a realidade, o sociólogo deve acompanhar e monitorar a entrevista e os efeitos sociais sobre a mesma durante as trocas simbólicas [...] baseando em consideração as suas posições e disposições. (Pierre Bourdieu, 2012, p.708)

Jean-Claude Kaufmann (2013), por meio da entrevista compreensiva enquanto meio e fim de uma pesquisa, desenvolveu uma abordagem baseada no espírito de um artesão intelectual, de Wright Mills²⁰, que defende o domínio e a personalização dos instrumentos de pesquisa, tal como o método e a teoria, destacando a adaptabilidade constante no processo da construção. É importante destacar que o construtivismo inverso usado pelo autor como ponto de partida não é o caminho percorrido por nós, uma vez que não buscamos, nesta pesquisa, tomar como ponto de partida a realidade empírica para entender como as dimensões

²⁰Wright Mills é um dos nomes mais conhecidos na Sociologia norte-americana e mundial, foi professor de Sociologia da Universidade de Colúmbia, até a data de seu falecimento, ocorrido em 1964. A sua discussão teórica e metodologia é sobre o papel do intelectual na sociedade- artesanato intelectual. Ele busca equiparar a vida do intelectual concomitantemente com a vida pessoal no projeto do mundo acadêmico e das pesquisas científicas. Como afirma o autor (1965, p.212), “a erudição é uma escolha de como viver e ao mesmo tempo uma escolha de carreira [...], o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição de seu ofício”.

estruturais estão presentes na forma objetiva da pesquisa, pelo contrário, optamos por fazer o exercício de uma leitura teórica antecipada que nos ajude no confronto com mundo social em objetivação.

O desafio não foi saber ou negar a realidade objetivada, muito menos ter a realidade teorizada antecipadamente, mas consistiu em considerar que a leitura sobre o objeto em análise é indispensável, visto que me ajudou a preparar a lança antes que fosse surpreendido durante o embate ou a caça, isto é, precisei fazer uma leitura necessária sobre os instrumentos a serem usados e dominá-los ao ponto de ter conhecimento sobre os mesmos no processo interativo com os sujeitos entrevistados.

Do mesmo modo, Kaufmann afirma que o objeto é construído gradualmente, através de uma elaboração teórica que progride diariamente, a partir de hipóteses forjadas no campo. Ressalta que:

O processo compreensivo apoia-se na convicção de que os homens não são simples agentes portadores de estruturas, mas produtores ativos do social, portanto, depositários de um saber importante que deve ser assumida do interior, através do sistema de valores dos indivíduos; ele começa, portanto, pela intropatia (KAUFMANN, 2013, P.47).

É, portanto, neste viés que entendemos que o grau de importância deste autor está, justamente, quando me fez entender que tanto a função do método como da teoria deve ser flexível, variável e evolutivo durante o processo da construção ou da interação junto o sujeito pesquisado. Por isso, considero relevante construir teoricamente a partir de uma ordem metodológica de forma “imaginária”.

A discussão me ajudou também a observar parte do dispositivo metodológico aplicado, que consiste em realizar uma série de entrevistas prolongadas, com os trabalhadores roboteiros, sobre as suas práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios de sociais (LAHIRE, 2004), concernente às temáticas como migração e trabalho.

CAPÍTULO II – CONFIGURAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES À LUANDA DESDE O PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA ATÉ O FIM DA GUERRA CIVIL EM ANGOLA (1975-2002)

No segundo capítulo, procuro entender a formação da cidade de Luanda tendo em conta as dinâmicas demográficas do período pós-independência até o fim da guerra civil (1975-2002). Trabalho a questão das complexidades das cidades africanas e demonstro como a configuração demográfica de Angola no período pós-independência registou um movimento de pessoas à Luanda, resultado do crescimento industrial e da guerra civil. Deste modo, apresento como o fenómeno migratório perpassa por uma experiência muito além das assimetrias e dos conflitos armados, porém elas estão atravessadas pelas relações de produção e as estratégias de sobrevivência de um determinado indivíduo ou grupo social em um contexto específico.

2.1. Formação sócio-histórica da configuração do contexto geográfico e demográfico da cidade de Luanda

Falar da cidade de Luanda²¹ é conhecer a sua dinâmica e a sua constante formação histórica e social enquanto espaço de construção de representação simbólica e material. Além disso, requer também perceber as fronteiras imaginárias e físicas advindas de diferentes momentos e produzidas em períodos ou regimes de relações de poder antagônicos. Por este motivo, recorro à história da invasão portuguesa e da experiência colonial para melhor retratar este território, hoje, considerado como a capital de Angola, que outrora, viu-se como uma marca de habitação de grupos ou pessoas cuja manifestação diferencial estava vivenciada e marcada pela relação de vários grupos étnicos culturalmente estabelecidos (SILVA, 2001).

George Balandier (2013), ao retratar as cidades africanas a partir do seu estudo sociológico sobre Brazzavilles²², demonstra o quanto essas são complexas e de

²¹ Para a origem do termo “Luanda”, existem várias explicações. No entanto, parece muito aceitável, pela sua conformidade com a ocupação da gente da ilha e riqueza de pescaria, constatada desde as primeiras notícias, esta interpretação: a palavra escrita com a sílaba inicial <<Lu>>, como a pronunciam os naturais, isto é, <<Luanda>>, significa simplesmente rede; é geralmente usada hoje, com elisão do <<L>> inicial, sob a forma <<uanda>>, para exprimir rede de pesca, de tipoia, etc.; e assim os indígenas da ilha são chamados <<à xiluanda>>, isto é, lançadores de rede, pescadores.

²² Cidade de Brazzaville, de acordo com Balandier (2013), foi fundada em 1884, data da decisão dada pelo de Brazza, seu fundador, que buscava criar uma cidade administrativa, em 1899, com estruturas

rápido e desorganizado progresso – essas são suas características principais. Essas marcas também se fazem presente na antiga cidade Vila de São Paulo da Assunção de Luanda²³, fundada em 25 de janeiro de 1576 (SAMBA, 2018), e que apresenta uma extensão territorial de cerca de 2.417, 78 quilômetros quadrados, ou seja, 0,19% do território da República de Angola.

É possível constatar, portanto, que

a cidade de Luanda está localizada na zona tropical do hemisfério Sul da África Ocidental, ou seja, na costa ocidental do Oceano Atlântico, o que a torna principal polo e centro econômico-administrativo do país (SAMBA, 2018, p.37),

Por isso, percebe-se, na região, uma constante mobilidade de pessoas oriundas de diferentes lugares do mundo como também de outras províncias do país. Isso vai estar presente na discussão relativa à centralização da cidade no período colonial, de Paulo de Carvalho (2016).

urbanas. Ele afirma também do carácter simbólico que tem a cidade de Brazzaville, uma vez que Savorgnan de Brazza não foi uma figura colonial “negativa”.

²³ Foi em 1517, quase um século depois de ter Diogo Cão descoberto e assinalado com os seus padrões toda costa de Angola (1482-1486), do Zaíre ao Cabo Negro, que Paulo Dias de Novais 1º Governador e Capitão-mor das Conquistas do Reino de Angola, desembarcou na Ilha de Luanda, aqui fronteira, com cerca de 700 homens, 350 destes eram homens de armas, padres, mercadores e servidores, estabelecendo o primeiro núcleo de portugueses; aqui encontrou, além de alguns compatriotas nossos, muita gente que nela vivia [...] um ano depois, reconhecendo não ser <<o lugar acomodado para capital da conquista>>, “funda” em terra firme a vila de São Paulo de Luanda, e logo a Igreja de S. Sebastião, no morro de S. Miguel (ROTEIRO DA CIDADE DE S.PAULO DE LUANDA, 1939).

Imagem 1 - Localização da cidade de Luanda, no mapa de Angola



Fonte: Imagem publica na página Wikiconcurso de Direitos Humanos e Meio Ambiente, Zorglub, (2010)

Luanda é, por excelência, a representação ideal da experiência colonial, ou seja, é o lugar onde o limite e a margem se reconhecem através das relações da diferença²⁴ (SILVA, 2001), porém as contradições reais e as formações dos mapas confrontam os corpos estabelecidos e a história dos assim chamados de marginais. Hoje, a capital possui uma população estimada em 6,5 milhões de habitantes que corresponde a quase 27% do total da população, conforme constatou o último censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística, no ano de 2016. Esses dados demonstram uma superlotação, uma vez que a cidade foi projetada para 600 mil habitantes (SAMBA, 2018), e atualmente se apresenta cada vez populosa.

Crescimento urbano trouxe consigo também algumas implicações que se substanciaram em alterações na estrutura, composição da população, da ocupação dos espaços urbano e periurbano, e do nível socioeconômico. Nesse sentido, esse crescimento populacional, que se acelerou nas últimas décadas, provocou o aumento da área periurbana – **chamada musseques**

²⁴ Luanda apresenta hoje uma configuração populacional heterogênea, favorecida pela intensa presença de indivíduos e grupos detentores de diferentes graus de integração no meio urbano, tendo em conta os diferentes tempos de permanência na cidade (SAMBA, 2018). Conforme relata também Balandier (2013), esta heterogeneidade nas sociedades africanas é resultado, em grande escala, da urbanização em certos lugares em detrimento de outros – forçando uma boa massa da população a se mobilizar nas regiões de cuja centralização do capital tem função principal nas formas de produção e de permuta no processo de organização.

[Grifo do autor, para destacar uma categoria já trabalhada anteriormente] – reconfigurando a cidade em termos de paisagem e provocando transformações sociais, econômicas, culturais, entre outras (SAMBA, 2018, p.39).

Carvalho (2016) reforça que a experiência da independência nacional aproximara fisicamente os povos na Capital, porém não deixou de estigmatizar a produção cultural das diferentes comunidades étnicas. Pelo contrário, a marcação e a distinção se tornaram um fenômeno de solidariedade e de fronteiras entre grupos sociais. O êxodo em massa para as cidades, em consequência da guerra, fez com que um certo número de pessoas abandonasse os espaços rurais e se fixasse nos meios urbanos – com maior destaque, a cidade de Luanda.

Pude observar, neste processo, que a configuração da cidade de Luanda, cuja construção se deu por meio da experiência colonial, pode ser compreendida através daquilo que o separa enquanto espaço oficial do território, resultado das descobertas que ultrapassa as fronteiras (SILVA, 2001). Nesse sentido, percebi também que o centro de Luanda alude o focal, o ponto de vista ou de uso – que advém de uma experiência diversificada e colonial, com base naquilo que o rodeia em maior ou menor distância – culminando as margens e os musseques.

Isso implica que a cidade de Luanda não pode ser reduzida enquanto este lugar do parecer, ou seja, deve ser analisada também como este lugar do aparecer que emerge da performance das construções imaginárias e simbólicas que as pessoas constroem sobre ela, uma vez que dentro de confrontação entre o ideal e não ideal existe uma disputa constante na construção do ideal coletivo e individual que atravessa a lógica das percepções e das vivências dos sujeitos que nela habitam (SILVA, 2001). Assim:

Cada cidade vários tipos de cenários sociais e estéticos serão feitos segundo os seus habitantes; segundo as suas condições econômicas, segundo a sua etnia, segundo a sua educação, a vitrine, tão permeável quanto o enunciado, acomoda-se à retórica de seus usuários (SILVA, 2001, p.29).

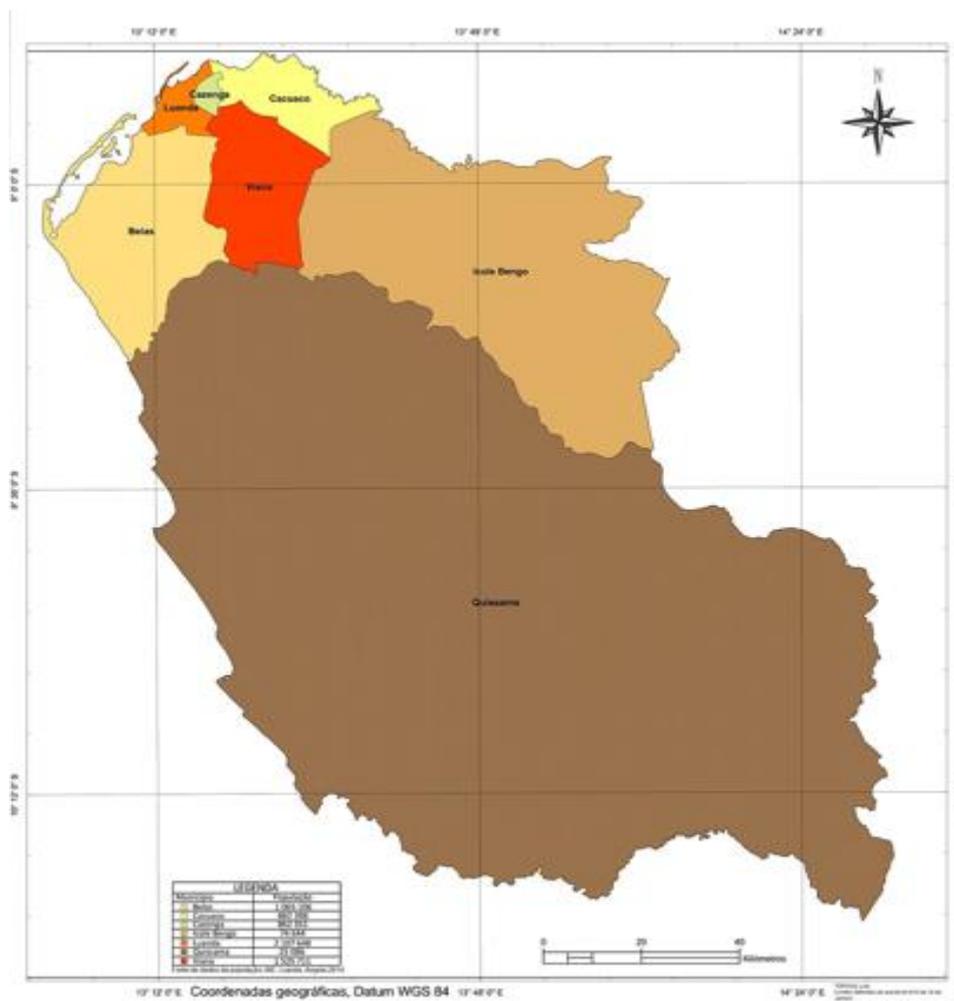
A cidade, conforme Samba (2018), situa-se em zonas centrais que estão divididas em duas partes, nomeadamente, a zona da baixa de Luanda, constituída, em sua maioria, pelas antigas casas (cidade antiga) e a cidade alta, que apresenta uma configuração mais moderna no que tange à infraestrutura, e é conhecida como a cidade nova. Não se deve negar o constante hibridismo dentro da cidade de Luanda,

relativo ao encontro da infraestrutura nova e o antigo como também nas pessoas que lá habitam, que são, em grande parte, oriundas das diferentes províncias de Angola.

De um lado, podemos ver as estruturas modernas com os prédios construídos com a melhor tecnologia de ponta, de outro, os barros dos musseques com uma construção tradicional – com casas feitas de madeiras, chapas e blocos sem estrutura arquitetônica organizada, ausência de asfaltos, iluminação pública e sem saneamento básico.

Atualmente, a cidade de Luanda está dividida administrativamente em 7 municípios, o que é resultado das últimas alterações da divisão Político-Administrativa sofrida entre 2011 a 2016. Esses municípios são: Belas, Cacucaco, Cazenga, Icolo e Bengo, Kissama, Luanda e Viana (SAMBA, 2018). Estes, em sua maioria, como é caso de Cazenga – o nosso campo de pesquisa – os bairros são suburbanos, ou seja, concentram o maior número de musseques. Como podemos ver na imagem a seguir, que mostra o mapa da divisão política-administrativa de Luanda:

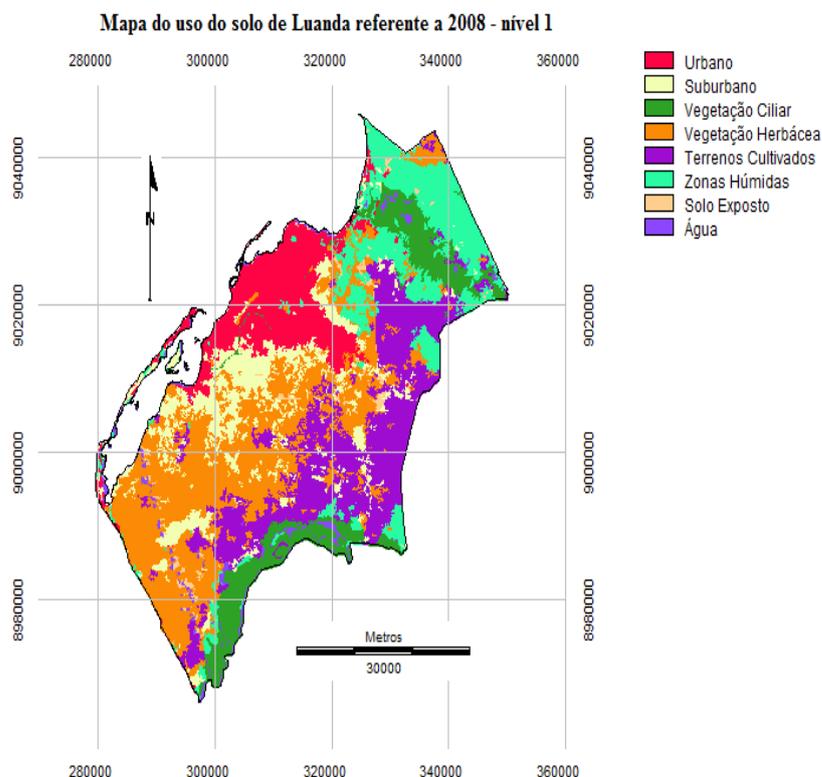
Imagem 2 - Divisão Administrativa de Luanda



Fonte: mapa produzido pela empresa de Geoprocessamento e Tecnologiastopogis, em Luanda (2016).

Os musseques representam os contrastes da cidade urbana de Luanda. conforme podemos ver na imagem em baixo a configuração dos espaços urbanizados e não urbanizados a partir do estudo voltado para exploração do uso do solo na capital.

Imagem 3 - Divisão do setor urbano e suburbano em Luanda



Fonte: produzido pelo pesquisador Agostinho Secuma (2016)

Outrossim, percebi através da projeção dos habitares as suas próprias lógicas de organização que vão além dos lugares entre os estabelecidos e não estabelecidos. A minha preocupação neste trabalho está em demonstrar que a migração à Luanda não pode ser pensada fora do próprio contexto sócio-histórico, cujas memórias e corpos passaram a reinventar este lugar enquanto centro-mussequê de uma representação coletiva e individual.

2.2. Um projeto de trabalho a caminho de Luanda no período pós-independência

Parto do pressuposto de que pensar a migração de trabalhadores à Luanda no período pós-independência se dá concomitantemente com o processo de transição do governo colonial a partir de um modo produção feudal, extrativista e autoritária do Regime Salazarista²⁵, de um lado, e o conflito dos três movimentos de libertação nacional doutro, tendo em conta a perspectiva macro e estrutural da dinâmica migratória.

²⁵Ministro das Finanças de Portugal que durante o período colonial implementou um regime autoritário em prol de uma recuperação econômica por meio da exploração e da violência liberal e imperial.

Paulo Visentini (2012) mostra como o Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA) proclamava em Luanda a República Popular de Angola, a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) proclamavam, no Huambo, a República Democrática de Angola, constituindo, deste modo, três governos em disputa.

A relevância da independência de Angola na vida dos trabalhadores teve um grande impacto internacional nas colônias portuguesas, porque se tratava de um território com as maiores potencialidades econômicas (Petróleo, ferro, diamantes, minerais, estratégicos e produtos agrícolas) e com uma vasta mão de obra local, principalmente no sector das atividades rurais (VISENTINI, 2012).

Para o economista Carlos Dilolwa (2000), durante a experiência colonial, já se via um movimento migratório interno dos distritos mais povoados dos centros mais urbanos, nas áreas por exemplo de café nas indústrias urbanas de Luanda. É nesse sentido que o Jose Rela (1992) demonstra a existência de quatro pontos essenciais da migração interna no território angolano – considerando a mobilidade demográfica e tendo em conta o território do período colonial até pós-independência, relativo a movimentação da população por área:

Quatro áreas, mais ou menos em que a população é mais escassa: 1) A área do litoral (com exceção dos locais em que as concentrações urbanas influíram na grandeza para a fixação crescente); 2) As áreas do leste e do nordeste em que os relevos residuais que se sobrepõem ao Planalto central diminuem, formando extensas chanas alagadas na época das chuvas e com solos extremamente pobres; 3) As áreas do sul e do sudoeste, de clima árido e semiárido, nas quais é já notória a influência das formações do Calahari; 4) Finalmente, a área norte, onde houve uma relativa dispersão da população (RELA, 1992, p. 78).

A partir da projeção anual da população de Benguela, Huambo e Luanda, podemos perceber o movimento migratório das populações a partir de um quadro histórico, que, por sua vez, acompanha um ritmo de crescimento em Luanda e uma redução populacional nas províncias de Benguela e Huambo que, na época, eram as províncias mais populosas da colônia comparando com a capital.

Tabela 1 - Projeção Anual da População total de Benguela, Huambo e Luanda no período do Primeiro Governo pós-independência de Angola (1985-1991) (mil hab)

Província	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
Benguela	523	584	595	607	618	628	644
Huambo	1.319	1.350	1.416	1.450	1.484	1.524	1.562
Luanda	1.155	1.227	1.302	1.329	1.459	1.628	---

Fonte: Boletim demográfico do Instituto Nacional de Estatística, Angola, 2014

Nessa tabela, observamos o crescimento populacional das províncias como Benguela, Huambo e Luanda do período pós-colonial, mais concretamente, no primeiro governo do Partido Único- Movimento Popular para a Libertação de Angola, cujo destaque se apresenta na variação tímida no que tange ao crescimento populacional na província de Benguela no período de 1985 a 1991, no intervalo de 523 a 644.

Na província do Huambo, percebi que havia uma população grande comparando à Benguela e Luanda, tendo uma variação no mesmo período, com cerca de 1155 até 1628 habitantes, sendo a mais populosa. Luanda, neste período, se apresenta como a segunda com mais habitante, com cerca de 1155 a 1628.

Para Solival Menezes (2000), precisa-se entender essas mudanças durante este período em Angola, em decorrência das mudanças políticas, econômicas e sociais que o país enfrentava. Com proclamação da independência de forma unilateral, o MPLA construiu um país nas bases do marxismo-leninismo, mudando toda uma estrutura de organização e de produção planejado que vai refletir diretamente nas ações comportamentais do povo angolano.

O novo regime se iniciou pela adoção de “leis revolucionárias” que visavam garantir segurança, nacionalizar os bens (empresas e patrimônio) abandonados pelos antigos proprietários, normalizar o salário e o emprego [...], porém, no essencial, continuavam a ser utilizados os códigos portugueses do Direito positivo. Alguns institutos comunitários (aldeias comunais), adotados em áreas conquistadas antes da “independência”, foram estendidos ao restante do país, porém com imensas dificuldades, fazendo o governo se retrair nessa iniciativa (para o que foi também ajudado pela guerra). Apenas a capital e alguns centros urbanos mais importantes e a salvo dos combates puderam, de fato, submeter-se ao socialismo, assim mesmo graças a um extremo autoritarismo que sempre caracterizou o sistema político do país (SOLIVAL MENEZES, 2000, p. 207).

Esta forma de organização segundo Menezes (2000), construiu um hiato entre o regime socialista e as alianças coloniais, ou seja, os acordos dos negócios imperiais que regiam no território angolana ainda estavam em jogo, o que culminou no enfraquecimento do governo socialista escolhido na época e a realidade interna do país. Conforme afirma Visentini (2012), não se pode pensar o fracasso do regime socialista do MPLA, sem considerar os tecidos sociais e as suas propriedades reais em termos de recursos e distribuição de bens. O período pós-independência até o começo das primeiras eleições multipartidárias em Angola foi marcado pelas contradições reais não só naquilo que foi a experiência colonial como resultado que esta causara. Segundo ele,

o governo do MPLA herdou uma sociedade em situação de fragmentação e atraso, que eram, em grande parte, fruto do colonialismo e da guerra. A sociedade estava dividida entre brancos privilegiados, brancos pobres (imigrantes camponeses), mestiços, assimilados – minoria de africanos mais proeminentes, que eram educados e trabalhavam dentro de um sistema administrativo de Angola – indígena – isto é, a maioria dos africanos. Tais divisões estavam fundadas no sistema português de reforçar as barreiras de educação e de classe, evitando que a maioria dos africanos tivesse qualquer oportunidade de progredir econômica e socialmente. Por fim, a outra principal divisão social herdada pelo novo Estado angolano dizia respeito à dicotomia urbano/rural. A maioria da população de Angola vivia nas áreas rurais, onde os padrões de vida e de educação eram extremamente baixos. Tal situação contrastava com a dos africanos que trabalhavam em setores urbanos (construção, transportes, pesca e indústria), nos quais o padrão de vida era um pouco mais elevado (VISENTINI, 2000, p.65-66).

Tudo isso culminou em um regime que teve de enfrentar todos tipos obstáculos econômico, político e social, que culminou em grande parte no impacto da organização econômica de planejamento, quando um grupo pequeno (famílias mais abastardas) detinha bens e serviços em grande quantidade que chegaram a influenciar diretamente nas decisões políticas, que muitas vezes não estavam aliadas com o programa do Estado Socialista. “Para negar essa possibilidade e tentar combater o crescimento da burguesia rural – [...] o MPLA estabeleceu fazendas estatais que não tiveram muito sucesso no escoamento dos produtos (VISENTINI, 2000, p.66).

Vale dimensionar também, ainda neste período, que a escolha deste regime implicava um rumo político e econômico que teria efeito direto nas relações internacionais. E a escolha do socialismo obviamente possibilitou o abandono de

outros regimes que na sua adaptação tornara impossível devido toda conjuntura e adaptação à realidade que Angola se encontrava.

Por outro lado, Menezes (2000), afirma que apesar do regime socialista ter enfrentado vários obstáculos na sua estruturação, o país detinha de uma reserva petrolífera que se encontrava nas mãos de grandes companhias internacionais e capitalistas. Assim:

Exigir o desmonte dessas instalações e a saída das companhias (e uma eventual substituição pelos soviéticos, especialistas na produção de petróleo) requeria grandes investimentos, um tempo que o novo país não podia esperar e um imenso custo político, impossível de ser calculado. Não restou alternativa a Angola senão tomar a si o “legado metropolitano”, estabelecendo novos acordos com essas companhias (inclusive americanas) ou aceitando os acordos pré-independência, porém, contar, de imediato, com um expressivo montante de recursos que lhe eram tão necessárias (MENEZES, 2000, p.209-210).

Consequentemente, reforça Menezes (2000), o novo socialismo angolano vai ser visto a partir de um hibridismo, resultado da inovação dos países socialistas, adotando um enclave capitalista para sustentar a sua própria existência. Isso, todavia, vai se fazer sentir nas regiões das quais o governo detinha mais força administrativa como no caso de Luanda.

Para Visentini (2012), este período se viu pelo menos a maior prioridade que o governo buscava empreender enquanto caminho para salvaguardar a economia do país – embutida na produção industrial – que acabou também de entrar em crise, uma vez que os recursos que obtinham da principal fonte (petróleo) eram enjeitados para defesa, devido à guerra civil que se instalara no país, com isso:

a saída foi ampliar a exportação de petróleo, concentrada no litoral. Todavia, a extração de diamantes, que ainda pertencia aos portugueses e aos outros investidores externos, tiveram prejuízos. Na ocasião do Congresso Especial do MPLA (1980), os dados apontavam para o crescimento do comércio externo em 47% entre 1977 e 1979 – sob o monopólio do Estado –, e para o aumento da produção do sector minerador em 450%. Cerca de 80 % da população angolana vivia no campo em 1986. Os alimentos básicos produzidos e consumidos pela população eram mandioca, milho e cereais e, devido à sua grande importância, foram submetidas a rígidos controles de preço. Como resultado das perturbações ao setor agrícolas provenientes da guerra de independência e das ações da Unita, haviam necessidade de importação para suprir a crescente demanda de víveres (VISENTINI, 2012, p.70).

Todos estes empecilhos estruturais que atravessam a história de Angola e dos angolanos são indispensáveis para compreensão das dinâmicas e dos fluxos migratórios internos no território angolano. Na tabela abaixo, demonstro o movimento

migratório da população angolana durante os anos de 1992, época em que se deu início à primeira as eleições multipartidárias cujo fracasso à democracia culminou na guerra civil que só terminara nos anos de 2002.

Tabela 2 - Projeção Anual da População total de Benguela, Huambo e Luanda no período das primeiras eleições pluripartidária até o fim da Guerra Civil em Angola (1992-2002).

Ano/Província	Benguela	Huambo	Luanda
1992	673	1.604	1.717
1993	606	1.644	1.807
1994	702	1.687	1.892
1995	718	1.730	2.002
1996	740	1.782	2.022
1997	762	1.836	2.083
1998	785	1.891	2.146
1999	808	1.948	2.210
2000	833	2.007	2.276
2001	854	2.068	2.346
2002	884	2.131	2.417

Fonte: Boletim demográfico do Instituto Nacional de Estatística, Angola, 2014

Para este segundo contexto, procuro demonstrar o crescimento populacional na província de Benguela, que não foi tão significativa comparando com o Huambo ou Luanda, com cerca de 673 a 884 mil habitantes por ano. No entanto, apresento como houve uma recaída na província do Huambo, se compararmos com os anos anteriores, uma vez que se apresentava maior das duas outras províncias, com uma variação de mil habitantes por ano de 1604 a 2131, enquanto que Luanda cresceu mil habitantes por ano com cerca de 1717 a 2417, tendo, assim, ultrapassado Huambo.

Conforme pude representar na tabela, Marilda Menezes e Maria Silva (1990), em seus estudos sobre a migração, constataram que entender o fenômeno migratório em uma determinada região requer de uma leitura da dinâmica social e histórica desta região, sendo que em Luanda não é diferente. Nesse sentido, a migração para capital deve ser compreendida, também, a partir dos fluxos migratórios internos presente em Angola.

Para Carvalho (2016), existe um número de angolanos em situação de deslocados, o que é resultado das experiências da guerra civil no solo angolano no período pós-independência. Esses deslocamentos se deram em massa por meio de fugas de pessoas das zonas rurais para as pequenas cidades de media ou grande

dimensão. A intensificação da guerra civil em Angola, no período dos anos 1990, aumentou de forma brusca a mobilização da população internamente.

Tabela 3 - Causas de migração em Angola (%)

Causas de migração	1975-1991	1992-1996
Guerra	48,2	40,2
Serviço militar	11,1	9,2
Procura de Trabalho	24,4	26,5
Seca	0,8	0,9
Outras razões	15,4	23,2
Total	100,0	1000,0
	(1.576)	(988)

Fonte: Elaborado a partir da tese Paulo de Carvalho (*apud* Instituto & Unicef, 1997, 21)

Nesse contexto, os dados contidos nesta tabela são resultantes de uma pesquisa realizada em 2000-2001, pelo Instituto & Unicef, que indica como a guerra civil foi uma das maiores causas da migração interna em Angola, com cerca de 48,2% no período entre 1975 a 1991, no qual se deu pós o período da independência a Acordo de Bicesse²⁶, em 1991.

O autor ressalta, também, os dados relativos à faixa etária das pessoas que migravam, no qual dois terços – numa totalidade de 66% de migrantes detinham de 14 anos de idade, enquanto que somente 11,5% detinham acima dos 30 anos.

Nesse íterim, em outras palavras, Manuel Felix (2015) postula que se vivera nesta época em Angola um período de migração forçada pela guerra para as regiões sem vantagens econômicas e sem estabilidades para regiões com vantagens econômicas, isto é, houve um deslocamento em massa de pessoas associada, isso associado à mudança temporária ou por razões que estão além a sua própria vontade.

Para Marilda Menezes e Maria Silva (1990), isso teria ocorrido não somente pela guerra, mas também por outros motivos, como por exemplo, o olhar de uma região estagnada de cujo investimento do grande capital é sempre reduzido – que

²⁶O Acordo de Bicesse, marcado em maio de 1991, foi aquele que conduziu a preparação para que acontecesse a primeira eleição geral e multipartidária em Angola, que venho a acontecer em setembro de 1992, que deu origem ao segundo momento dos conflitos civis (CARVALHO, 2016).

pode ser considerado como assimetria regional em termos de investimentos no período da guerra civil.

Sob outra perspectiva, Carvalho (2016) aponta para as questões da migração interna relacionada à ausência de instrução acadêmica dos indivíduos e em situação de pobreza extrema; desse modo, tendendo a importância das mudanças e das configurações socioeconômicas, apreendeu a realidade da mobilidade das pessoas que se deslocam internamente no país.

Diferente de Carvalho, Manuel Felix (2015) demonstra que a história da migração em Angola, remonta a várias décadas, tendo em conta o período da luta de libertação nacional até o pós-independência (1960-1975). Mas ele deixa de reforçar os impactos que esses deslocamentos tiveram para a população angolana, quer internamente como externamente, porém não apresenta como de fato o fenômeno tem acontecido no país.

O que procuro entender neste trabalho são as estratégias de sobrevivência por meio das narrativas dos trabalhadores roboteiros que migram a Luanda, conforme afirma Marilda Menezes e Maria Silva (1990), o que pode estar ligado à questão de condições de reprodução a partir do lugar de saída e chegada, enquanto processo social, como parte de uma dinâmica social, na qual os agentes sociais nos levam a perceber que existe um movimento não só de passividade, mas também estratégico das pessoas que migram, envolvendo algumas categorias como género, classe, raça, etnia, e que pode estar relacionado a uma condição econômica no âmbito organizacional.

2.3. O itinerário para a cidade de Luanda e de Cazenga para o mercado dos Kwanzas e do Armazéns

Para que se possa entender o processo itinerário dos trabalhadores roboteiros a Luanda, especificamente para o município de Cazenga, no mercado dos Kwanzas e dos armazéns, é indispensável que nos localizemos geograficamente naquela região. Cazenga é um município que se encontra localizado em Luanda, cujas fronteiras estão delimitadas a oeste com o município de Luanda²⁷, ao norte com o município de Cacucaco, a leste temos o município de Viana e ao Sul Quilamba Quiaxi,

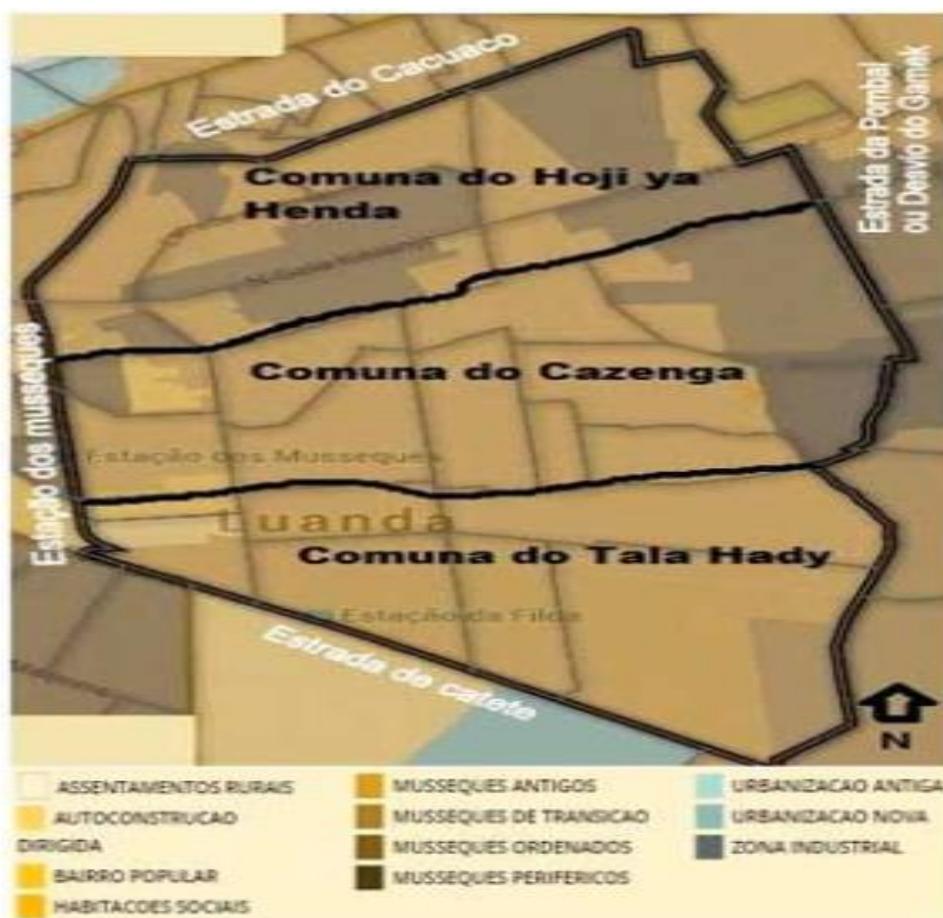
²⁷De acordo com a nova configuração administrativa, a topônimo Luanda passou a designar as antigas regiões da província do Bengo, como: o município de Catete, Icolo-Bengo e Kissama.

com a área territorial de 41, 2 Km², uma população aproximadamente 1 011 397 habitantes (INE, 2016).

De acordo com as projeções populacionais de 2018, elaboradas pelo Instituto Nacional de Estatística, o município é um dos mais populoso e com maior densidade populacional, perdendo somente com Luanda, Viana, Cacuaco e Belas. Em 2016, o município era composto por três comunas ou distritos, como, Cazenga Central, Hoji Ya Henda, e Tala Hady, que passaram a constituir apenas comuna-sede ou distrito-sede, com o nome de Cazenga (INE, 2016).

A comuna e municípios passaram a organizar-se em quatro distrito urbanos, sendo: Hoje Ya Henda, o nosso campo de pesquisa, Tala Hady, Cazenga Popular e Distrito Industrial. Como demonstra a divisão política-administrativa no mapa do município de Cazenga.

Imagem 4 - Divisão das comunas do município do Cazenga



Fonte: Elaborado por Adilson Manuel e Octávio Silva (2016, p. 52)

Assim demonstro no mapa acima, a divisão administrativa do município de Cazenga, os limites das comunas ou distritos e suas respectivas fronteiras. Esses

mapas me ajudaram ter uma noção dos espaços enquanto lugares de memórias ou histórias, conforme afirma Howard Becker (2009), ao demonstrar que existem várias formas de representar o social ou de narrar histórias – isto é, através de gráficos, tabelas, fotografias, mapas e outros, ou seja, possibilitou-me a entender que não existe nenhuma forma ideal para representar o social, mas um desafio epistêmico, metodológico e disciplinar do que se quer representar.

Portanto, a questão que me instigou num primeiro momento foi entender de onde vinham aqueles trabalhadores, ou seja, de que região do país eles fazem parte. Neste sentido, procurei, por meio da conversa aberta com os trabalhadores, apreender o tempo de chegada, as respectivas idades, as regiões de origem e os motivos que os trouxe até Luanda. Tais dados estão apresentados a seguir, no Quadro 1.

Quadro 1 - Idade, Regiões de origem, destino e motivo da migração dos trabalhadores Roboteiros do Mercado dos Kwanzas

Nome dos Trabalhadores	Idade	Local de origem	Local de destino	Motivo da Migração
André	21	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Procura de Trabalho
Luciano	42	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Procura de Trabalho
António	24	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Procura de Trabalho
George	22	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Procura de Trabalho
Adão	28	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Procura de Trabalho

Fonte: Elaborado pelo o próprio autor, a partir da experiência de campo realizada no dia 19 de Fevereiro a 26 de Março de 2022

Nesta tabela, procuro demonstrar tanto a faixa etária dos trabalhadores que migram a Luanda como também destacar quais as principais regiões de Angola que saem estes indivíduos sem, no entanto, deixar de ver a motivação que os traz à capital. Isso possibilitou-me perceber que existe uma variação no que tange a idade dos trabalhadores nesta localidade que está representado no intervalo dos 21 a 42 anos, e todos localizados na Província de Benguela e município de Balombo, na qual todos vieram por mesmo motivo que é a atividade laboral-robotar, e se encontram

um espaço aberto e de negócio, eles não estavam preocupados em preservar as suas fachadas, pelo contrário, o tipo de serviço já os colava em situação de exposição constante.

A interação foi diferente do esperado, pois houve um descontentamento por parte daqueles trabalhadores que aceleraram para ir até o meu encontro, mas quando disse que precisava conversar com eles sobre uma pesquisa de trabalho, recuaram. Durante a minha apresentação falei sobre o que procurava conhecer para os pesquisados, do outro lado, busquei apresentar o trabalho para que se comesse uma conversa. Naquele momento, obteve-se um acordo mútuo em termos de recepção com os eles, diríamos que houve um alinhamento entre as primeiras palavras trocadas (GOFFMAN, 2011).

Na ocasião, houve a apresentação da pesquisa na qual falei daquilo que tem sido o trajeto do projeto, para demonstrar que não é um trabalho recente, mas que parte de outras atividades. Por ter esquecido as províncias já trabalhadas no momento, isto levou-me a recorrer ao celular para demonstrar por meio dos slides, as respectivas províncias que havia trabalhado no ano de 2018, junto a coordenado do programa sobre o trabalho escravo e direitos humanos – (Maranhão-Brasil/Angola).

Ajudou-me a salvar a fachada durante a interação, uma vez que o uso estratégico das fachadas depende de cada sociedade, mas naquele caso me referia de um homem que vivera mais de 6 anos fora do país – lutando com o sotaque ainda muito forte sobre a região que saiu recentemente, para apreender as características dos reportórios práticos daquele grupo de trabalhadores (GOFFMAN, 2011).

Deste modo, a busca de uma objetividade nas questões centrais sobre a conversa tornou a comunicação mais viável. Durante a conversa, um dos trabalhadores, ao rever as imagens do celular, reconheceu o lugar aproveitando a folga da percepção, perguntei a ele qual era a região que morava antes de chegar em Luanda, Goffman (2011) já demonstra que é a partir da interação que se percebe os encontros das linhas e das fachadas, e não só, os mecanismos estratégicos para superar os desafios que a linha ou a fachada apresenta.

“Todos moramos no município de Balombo”, respondeu um dos trabalhadores. A questão a seguir foi onde fica Balombo²⁸? “ Balombo é o último município que faz fronteira com o Huambo” prosseguiu. Portanto, procuro, desse modo, conhecer a idade, região de origem e destino, sem, deixar de entender os motivos que os leva a capital, como demonstro no Quadro 2.

Quadro 2 - Idade, Regiões de origem, destino e motivo da migração dos trabalhadores Roboteiros do Mercado dos Kwanzas

Nome dos Trabalhadores	Idade	Local de Origem	Local de destino	Motivo da Migração
André	22	Mukubal/Benguela	Cazenga/Luanda	Trabalho
Gomes	24	Benfica/Huambo	Cazenga/Luanda	Trabalho
Alberto	31	Benfica/Huambo	Cazenga/Luanda	Trabalho
Bernardo	28	Benfica/Huambo	Cazenga/Luanda	Trabalho
Tomás	25	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Trabalho
Lourenço	32	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Trabalho
Andrade	34	Balombo/Benguela	Cazenga/Luanda	Trabalho
Jorgito	18	Huambo/Londuimbali	Cazenga/Luanda	Trabalho
Justino	28	Huambo/Londuimbali	Cazenga/Luanda	Trabalho

Fonte: Elaborado pelo o próprio autor a partir da experiência de campo feito no dia 19 de fevereiro a 26 de março de 2022

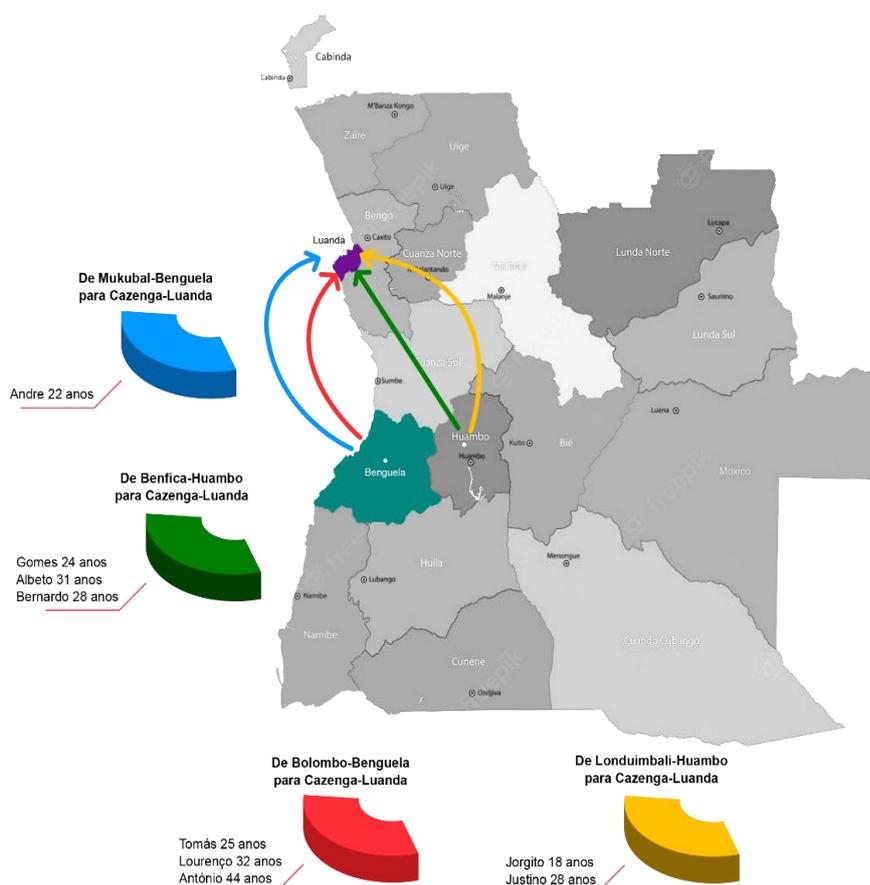
Esta segunda tabela é resultado de dois encontros de observação e exploração. Percebi que durante o trabalho de campo os trabalhadores roboteiros dos Armazéns do Mercado do Arreio que migram a Luanda se encontram na faixa etária entre os 28 a 34 anos de idade, as regiões de origem que aparecem mais diversificadas por conta do número elevado e a demanda de trabalhadores com relação ao mercado do Kwanzas, como Mukubal, em Benguela, com um único trabalhador recém chegado, e três do Benfica e dois de Londuimbali²⁹, no Huambo e

²⁸Bolo Balombo é uma cidade e município da província de Benguela, em Angola. O conselho foi criado em 1954, e em 2 635 km². Em 2014, tinha 99 321 habitantes. Limita-se a norte com o município de Cassongue, a leste com o município de Londuimbali, a sul com os municípios de Ucuma, Chinjenje e Ganda e a oeste com o município do Bocoio. O município é constituído pela comuna-sede, correspondente à cidade de Balombo, e pelas comunas de Chindumbo, Chingongo e Maca Mombolo.

²⁹ O nome Londuimbali é oriundo da confluência dos rios, Cassangai e Culova a leste da sede municipal, que assim passou a ser conhecido Luimbali que mais tarde designou-se Londuimbali, que na língua local, “ Ovimbundu” é londuivali que significa em português dois rios. O município de Londuimbali limita-se ao norte com o município do Cassongue, província do Kwanza Sul; A sul pelos municípios do E Cunha e Ucuma; A este pelo município do Balombo, província de Benguela. O município Londuimbali situa-se a 91 km a norte da cidade do Huambo, a partir do Palácio do Governo provincial, com uma superfície total de 2.698 km² (Plano Municipal de Desenvolvimento Sanitário, 2013-2017).

três de Balombo em Benguela. E todos vivem em bairros diferentes do município de Cazenga, mas por motivo de trabalho, os armazéns tem sido o ponto de encontro de todos, como podemos ver por meio da Imagem 6.

Imagem 6 - Migração de trabalhadores a Luanda da zona dos Armazéns



Fonte: elaboração pelo próprio autor (2022)

Diferente da primeira experiência, nas ruas dos Armazéns ou Arreiou, Hoje Ya Henda, o primeiro encontro só foi possível ter contato com um trabalhador que estava regressando de uma viagem, acompanhado do seu carro de mão vazio, mas com aspecto de cansaço, transpirava demasiado. Neste dia, depois de ter se abordado o trabalhador que se encontrava em situação de fadiga pude entender que não existia só trabalhadores vindo do Balombo, uma vez que se teve também conhecimento de um trabalhador oriundo de Namibe, porém de um outro lugar diferente dos primeiros entrevistados, cuja origem é Mucubal³⁰.

³⁰Os mucubais (também conhecido como mucubai, mucabale ou mugubale) são um subgrupo dos povos hereros do sul de Angola. Como os masais, são semi-nômades, dependendo de gado e agricultura. Seu território está localizado no deserto de Namibe, delimitada no norte pelas montanhas

Por meio deste trabalho, venho desmitificar certa naturalização ou antecipação de pré-conceitos a nível dos luandenses que alegam que todo trabalhador roboteiro é Benguelense. Contudo, conversamos muito pouco sobre a sua trajetória a Luanda, visto que ele acabara de chegar à cidade e apresentava muita dificuldade em se expressar em português, o que me levou a não continuar ou prolongar a entrevista. Mas, uma coisa se aprendeu daquela conversa, que o grupo de trabalhadores que atuam na região de Cazenga era diversificado o que, todavia, motivou para regressar no mesmo lugar.

Depois de uma semana, regressei para ao campo. A volta ao campo possibilitou o reencontro com os trabalhadores e ajudou-me na construção de uma melhor compreensão do fluxo migratório desses trabalhadores, que numa primeira experiência não tinha ficado muito explícito. Nesse momento, regressei aos mercados dos Armazéns ou Arreiou, mais precisamente, sem muito sucesso no primeiro encontro, mas neste procurei chegar um pouco mais cedo para fazer a leitura do movimento do bairro. Ao me deparar com dois carros de mão estacionados, logo, deduzi que haviam trabalhadores. Um carro estava lotado de garrafas de água e outro vazio.

Nesse contexto, partir da pesquisa elaborada em 2018 sobre *Migração e trabalho: a busca pela sobrevivência de camponeses brasileiros e angolanos*, da pesquisadora e professora de Comunicação, Flávia Moura, do qual participo como colaborador, possibilitou entender a construção de uma entrevista mais endereçada no que toca à compreensão de suas vindas à Luanda e não especificamente as razões das vindas. Esta pesquisa teve como proposta discutir estratégias e fluxos migratórios de grupos de camponeses em busca de trabalho fora de suas lavouras como forma de complementar renda e garantir a reprodução familiar (MOURA, 2022).

Um dos primeiros aspectos que notei no trabalho está na necessidade de se pensar a realidade dos trabalhadores de forma concomitante com a experiência atual dos grandes projetos neoliberais³¹, e que Angola não estava ausente deste mega

da Serra da Chela e ao sul pelo rio Cunene. Os mucubais costumam usar pouca roupa, carregar facões ou lanças e são conhecidos por sua resistência, às vezes correndo 80 quilômetros em um dia. As suas aldeias tipicamente consistem em um grupo de cabanas dispostas em círculo.

³¹ Falar dos grandes projetos neoliberais em Angola perpassa por um conjunto de pautas governamentais e não-governamentais, que têm como foco usar o Estado, como mecanismo de

projeto de extração e hiper desvalorização de mão de obra de trabalhadores em situação de desqualificação e vulnerabilidade (MOURA, 2022).

A autora vai designar, a partir de um contexto voltado para economia de precisão, cuja implicância se dá, de um lado, pela oferta em que as alternativas de trabalho oferecidas, que se mostram limitadas e, outrossim, pela demanda na qual um grupo de trabalhadores com baixo nível de qualificação, pertencentes a famílias em condições vulneráveis (MOURA *apud* CARNEIRO; MOURA, 2022), como demonstro no Quadro 3.

Quadro 3 - Grau de escolaridade e profissão na região de origem do mercado dos Kwanzas

Nome dos Trabalhadores	Idade	Nível de escolaridade	Profissão da região de origem
André ³²	21	4ª Classe	Camponês
Luciano	42	4ª Classe	Camponês
António	24	8ª Classe	Camponês
George	22	6ª Classe	Camponês
Adão	28	7ª Classe	Camponês

Fonte: Quadro pelo o próprio autor a partir da experiência de campo feito no dia 19 de fevereiro a 26 de março de 2022

Nesse Quadro, é possível observar que o nível de escolaridade dos trabalhadores das regiões de Balambo que atuam no mercado dos Kwanzas, no Cazenda, varia de 4ª classe a 8ª Classe, e quanto a profissão que atuam nas suas regiões de origem, todos são camponeses.

Quadro 4 - Grau de escolaridade e profissão na região de origem do mercado dos Armazéns

Nome dos Trabalhadores	Idada	Grau de escolaridade	Profissão na região de origem
André	22	7ª classe	Camponês
Gomes	24	4ª classe	Camponês
Alberto	31	11ª classe	Moto Taxis
Bernardo	28	4ª classe	Camponês
Tomás	25	7ª classe	Camponês
Lourenço	32	4ª classe	Camponês
Andrade	34	6ª classe	Camponês

expropriação de bens e serviços com fins lucrativos, cuja manifestação se dá através de programas que negam as assimetrias da realidade do país.

³² É importante frisar que todos nomes usados nesta pesquisa são fictícios, ou seja, foram elaborados pelo autor como mecanismo para reservar a identidade verdadeira dos entrevistados.

Jorgito	18	9ª classe	Camponês
Justino	28	7ª classe	Camponês

Fonte: Elaborado pelo o próprio autor a partir da experiência de campo feito no dia 19 de fevereiro a 26 de março de 2022

Este segundo grupo de trabalhadores atua nos mercados dos armazéns, cuja origem varia entre Huambo e Benguela, temos como objetivo apresentar um nível de escolaridade - com exceção de um único trabalhador. O nível de escolaridade variou entre a 4ª classe a mais baixa para 11ª classe. Apenas um único trabalhador já exercia a função de mototaxista. Nesse ínterim, conforme Bourdieu (2004), o nível de escolaridade condiciona de alguma forma a atuação dos trabalhadores e a posição social, tendo em conta o reconhecimento simbólico destes numa determinada sociedade capitalista.

Para Moura (2022), não se pode associar as atividades destes trabalhadores enquanto roboteiros na cidade como mecanismo de sobrevivência e ausência de uma racionalidade estratégica, mas também como mecanismo de resistência cotidiana, que transparece nas formas de organização dos próprios trabalhadores para lida com o itinerário – isto é, desde da acumulação do capital de ida até o deslocamento para Luanda.

Durante conversa com o trabalhador Alberto do Huambo, concedida no 26 de março de 2022, no mercado dos Armazéns, ele afirmou que existe toda uma estratégia antes da vinda, em suas palavras, “cheguei no princípio de 2020 a 2022. A passagem era na época 10.000 kwanzas [equivale em 100 reais], tive de fazer biscato [bico], trabalhando nas lavras alheias”.

Por outro lado, apresento também o comentário do trabalhador Luciano, de 42 anos de idade, que concedeu a entrevista no mercado dos Kwanzas, no dia 18 de março de 2022, ele é veterano e já fez mais de 10 viagens a Luanda. Luciano afirma que:

Antigamente, a passagem era 6. 500 a 7.500 kwanzas [equivalente 65 a 75 reais]. Hoje em dia, mudou muita coisa e também alterou preço com mais 1.000 para frente. Não gostaria de ficar aqui para sempre. Nós trabalhamos para acumular um pouco de dinheiro para eu também voltar pra família. Depende de cada pessoa. Porque a pessoa tem que gastar com modo para acumular 100.000 ou 80 000 mil kwanzas [1.000 a 800 reais]. Comprar um terreno. Fazer casa e colocar aluguel ou um terreno de campo pra fazer agricultura. (Entrevista concedida no dia 18 de Março 2022, no mercado dos Kwanzas).

Nesse contexto, percebi que existe uma estratégia de ida e de volta que muitas vezes não está na ausência de um planejamento. Conforme demonstra Moura (2022), as migrações acompanham também um calendário agrícola, ou seja, no caso de Angola, percebe-se através do período de cacimbo ou inverno. Para tanto, ela apresenta um quadro dos estudos feitos nas províncias do Huambo, Huila e Benguela, os fatores a se levar em conta para se entender o fluxo migratório em Angola.

Quadro 5 - Condições dos trabalhadores migrantes em Luanda	
Realidade dos trabalhadores camponeses do Huambo, Huila e Benguela	
Questão fundiária	Os camponeses produtores de pequenas lavras produzem para fins de comercialização e subsistência e com terras pertencentes as famílias
Campesinato	Agricultura familiar e/ou coletiva com venda de produtos excedentes
Local de moradia	Aldeias (“terras de família”) que estão localizadas na zona rural, próximas às plantações ou lavras
Histórico de migrações	Contexto colonial, porém, com crescimento no período entre a guerra civil (1975-2022): migração forçada para fugir dos bombardeios e, em alguns casos, da seca e fome
Principais motivos das migrações atuais	Trabalho: venda de produtos em praças localizadas nas sedes dos municípios ou em capitais das provinciais (<i>zunga</i>); trabalho em fazendas empresariais e construção civil localizadas principalmente na região norte, próxima à capital Luanda, em busca de recursos para complementar a renda familiar;

	trabalho informal e demais atividades para se estabelecerem nos centros urbanos.
Principais fluxos migratórios e atividades produtivas	Regional: comercialização de produtos excedentes da produção agrícola familiar em praças localizadas nas sedes dos municípios ou capitais das províncias ou ainda pequenos biscates (construção civil, comércio informal). Nacional: trabalho informal, fazendas empresariais e construção civil na região Norte, principalmente nas imediações da capital Luanda.
Tempo que permanecem fora (migrações sazonais)	Média de 6 meses para trabalho fora da lavoura. No caso da comercialização produtos em localidades mais próximas, os deslocamentos variam de 1 semana a 1 mês.
Relação entre o calendário agrícola e as saídas para o trabalho fora dos locais de origem/moradia	Costumam sair entre março e abril e retornam até setembro para casa, após o cacimbo (inverno, tempo mais seco e frio), e esperam a chuva (verão) para plantar. Alguns relataram que saem em junho para voltar em dezembro, mas nesses casos deixam outras pessoas da família ou da aldeia encarregados do plantio.
Mercado de Trabalho dos migrantes fora dos seus locais de origem/moradia	Comércio informal para a venda dos produtos excedentes da agricultura familiar; plantio e colheita em fazendas empresariais; serventes e

	auxiliares de pedreiros na construção civil e ainda trabalho informal como zungueiros, roboteiros e mototaxista de kupapatas.
Fonte: Construído a partir do artigo da pesquisadora Moura (2022)	

Conforme pode-se observar neste quadro, existe uma estrutura que condiciona os trabalhadores camponeses a migrar a Luanda, e essas condições por sua vez perpassa por questões de precariedade ou vulnerabilidade nas regiões de origem que os faz se submeter em condições degradantes de trabalho (MOURA, 2022). Consideramos, portanto, que a compreensão do fluxo de trabalhadores camponeses ou rurais em Luanda, se dá por meio de ausência de política centrais voltada para a segurança social e econômica destes grupos, que se encontram em situação de pobreza.

CAPÍTULO III – A IDENTIDADE DOS TRABALHADORES ROBOTEIROS NO MUNICÍPIO DE CAZENGA

Já no terceiro capítulo apresento o processo pelo qual os trabalhadores roboteiros constroem as suas próprias identidades. Assim sendo, trabalho a ideia do historiador Patrício Batsíkama (2016), relativo aos povos ovibundos, de cuja análise ainda está presa a uma essencialização do grupo, visto a partir de uma experiência colonial. Para ele, os ovibundos se distinguem em grupos dos livres (aqueles que detêm de terra); os não livres (emigrantes) e os filhos da terra (àqueles nascem no território, mas não possuem nenhuma linhagem). É a partir desta perspectiva que contextualizo a saída dos trabalhadores roboteiros ovibundos à cidade capital, tendo em conta a sua experiência étnica. Destarte, demonstro como a identidade dos trabalhadores roboteiros em Luanda se constrói por meio das relações das novas instituições modernas, culminando em uma interpretação das mudanças e transformações de continuidade e ruptura na relação entre a zona rural e urbana.

3.1. Quem são os trabalhadores roboteiros?

Quando levanto a questão de “quem são os trabalhadores roboteiros?” ou mesmo “qual é a identidade destes trabalhadores que atuam no mercado dos Kwanzas e dos armazéns no município de Cazenga?”, considero que existe toda uma historicidade que antecede estes sujeitos. Para tanto, recorri à discussão travada por vários pesquisadores das ciências sociais em torno do século XIX e XX, que buscaram responder as inquietações entorno do liame relativo à etnia, à nação e à identidade (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011; BALANDIER, 2013; HALL, 2011; AMSELLE; M'BOKOLO, 2017).

Nessa perspectiva, não podemos problematizar a questão étnica desses trabalhadores sem antes reconstruir a formação do grupo Ovimbundu, situado no sul de Angola, conforme demonstra Patrício Batsíkama (2016) na seguinte passagem:

Livres: aqueles que pertencem à linhagem de *Cingûgi (Chinguji)*, *Ngombe*, *Wâmbu*, ou *Nkêmbée* tido como cidadão ovimbundu tem direito de ter os seus servidores, ou seja, dispõem de escravizados, e são possuidores das terras (que aliás pertencem à sua comunidade). As autoridades são oriundas das linhagens ngûndu que se confundem com a terra/aldeia. Aqui a lógica é simples: não se pode vender os *mwene/mwata* porque são representantes dos espíritos dos ancestrais (verdadeiros das terras). Logo, não se pode vender o *mwata/mwene* da mesma forma que a terra não pode ser vendida (por pertencer a toda a comunidade). Esses *mwata/mwene* eram originários de localidades específicas que eram ora *Nkundu ou Lundu (Ngûndu)* ora *Nkembe ou Ombala*. Outro aspecto relevante é facto de

independentemente do local de nascimento, era fundamental o patrimônio da sua família (linhagem, ou clã) (BATSÍKAMA, 2016, p.292).

Observei que existe uma relação de essencialização dos grupos oriundos da etnia Ovimbundu com a terra, o que se traduz na experiência identitária também. Percebe-se que a etnia Ovimbundu, no contexto de passagem, não escapa da ideia outrora apresentada nos debates do século XIX³³, cuja relação estava na associação com o termo nação – ou seja, relativo à pertença de um determinado lugar ou comunidade, quando reforçam que a terra não é um lugar que agrega pessoas, mas também valores de pertencimento e simbólicos para os grupos livres que nascem na região dos Ovimbundu (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2016).

Doutro lado, pude ver a partir de uma outra passagem que dá início naquilo que é conhecido como etnia Ovimbundu ainda presente em Batsíkama (2016), quando demonstra que:

Não-livres: sendo um povo que sempre emigrou, os filhos de matrimônios ilegais (com estrangeiros) foram submetidos à escravidão. Consideram-se estrangeiros (porque sem linhagem/clã da mãe) aqueles cujos pais eram soldados/transportadores. Contudo, quando mulheres *ovimbundu* tinham filhos dos estrangeiros, a situação alterava. Neste caso específico, pareceu-nos que os estrangeiros masculinos eram considerados ricos – *vale destacar aqui para os Ovimbundu, o fundador dos seus reinos veio do norte, como fundador das sociedades Ambundu (Musudi) que teria originado do Nordeste e que o estrangeiro português (ou europeu) era tido como oriundo do norte quer para os Ambundu quer para os Ovimbundu, o sentido de estrangeiro traz riqueza que se consubstanciou neste sentido* [intervenção do autor em itálico] – Os não-livres distinguem-se pela sua

³³ Trata-se antes de ver o modo como, desde sua criação no início do século XIX, a noção de etnia se encontra mesclada a outras nações conexas, as de povo, da raça ou de nação, com as quais mantém relações ambíguas cujo rastro encontramos nos debates contemporâneos [...] Vacher de Lapouge introduz nas ciências sociais a nação de etnia, sem atribuir-lhe, por sua vez, uma grande importância. Para este defensor inflamado da “escola selecionista”, a raça, definida como o conjunto dos indivíduos que possuem em comum um determinado tipo hereditário, é o fator fundamental da história. Zoologista antes de mais nada, como ele própria se definiu, Vacher de Lapouge considera o homem não como um ser à parte, mas como um primata cuja característica de espécie é a de estar submetido mais a seleção natural. Lapouge inventa o vocábulo etnia, é [...] para prevenir um “erro” que consiste em confundir a raça – que ele identifica pela associação de características morfológicas (altura, índice cefálico, etc.) e qualidades psicológicas –, com um modo de agrupamento formado a partir de laços, intelectuais, como a cultura ou a língua. A oposição entre laços biológicos e laços intelectuais é o que reencontramos em Renan, mas sua importância respectiva é exatamente inversa à que lhes atribuíra Vacher de Lapouge. Toda a argumentação de seu famoso ensaio “Qu’est-ce qu’une nation?” [“O que é uma nação?”] apoiado sobre uma enorme erudição, consiste em desqualificar primeiros em prol dos segundos como fatores da formação das nações. Renan procede a uma refutação minuciosa dos critérios objetivos de pertença nacional (tais como se poderia procurá-los nos fatores etnográfico, geográfico ou linguístico) em prol de critérios subjetivos: desejo, vontade e o consentimento. A memória fundadora da unidade nacional é, ao mesmo tempo e necessariamente, esquecimento das condições de produção desta unidade: violência e o arbitrário originais e a multiplicidade das origens étnicas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.33-36).

pertença aos clãs: (i) há quem seja descendente dos filhos da aldeia [...] e estes eram reduzidos à escravidão; (ii) há aqueles que são estrangeiros. Estes últimos, como já dissemos, variam segundo são oriundos do Norte [...], sendo, por isso, bem recebidos e são famílias não são conhecidas como mona a bata (filhos de aldeia). Se assim for, estes serão reconduzidos a educação militar (Batsíkama, 2016, p.292).

Percebo, nesta segunda, em que o autor apresente o grupo dos não-livres, de cujo sentimento de pertença do grupo *étnico ovimbundu* não se firme para os filhos dos homens que migram e se envolvem com mulheres de outros grupos étnicos, como por exemplo, os *Ambundu*, *Lunda-cockwe* ou mesmo *Bakongo*³⁴. A situação só se reverte quando o estrangeiro masculino se envolve com uma mulher *ovimbundu* e o filho nasce dentro do território (BATSÍKAMA, 2016).

Nesse contexto, entender a organização do período colonial do grupo étnico *Ovimbundu*, permitiu-me perceber também que existe uma relação de diferença e assimilação que paira na hierarquia de poderes entre os grupos em situações internos e externo da aldeia ou comunidade na época, cuja limitação de pertença ainda estava presa na essencialização da terra (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

Batsíkama (2016), por último, apresenta a situação em que demonstra quem é de fato considerado filho da aldeia do grupo étnico *Ovimbundu*.

Filhos da aldeia: é chamado filho da aldeia aquele que nasceu no território *Ovimbundu*, mas que não tem clã nem terras. Existem três categorias <<filhos de casa>>, <<filhos de quintal>> e <<filho de aldeia>>. Os primeiros podem enquadrar-se nos clãs dos seus protetores; os segundos dificilmente se integram na sociedade senão na forma reduzida de escravizados: servir; os últimos eram orientados para a educação militar (BATSÍKAMA, 2016, p.292-293).

Neste contexto, compreendo que independentemente de ser externo ou interno da etnia *Ovimbundu*, bastava nascer dentro do território, a pessoa já era considerada *Ovimbundu*, porém tendo em conta as hierarquias das linhagens e modos de classificação dos grupos (BATSÍKAMA, 2016). Este resgate histórico da formação e da gênese dos *Ovimbundus* é ainda resultado de pesquisas e levantamentos dos primeiros antropólogos, administradores e viajantes coloniais³⁵ que buscavam tornar

³⁴ Relativo às outras etnias que fazem parte do território de Angola.

³⁵ Balandier (1963) demonstra que ausência de campo e estudos prolongados voltados a uma etnografia faziam com que os trabalhos desenvolvidos tivessem como principal abordagem apreender e destacar teoricamente a natureza da realidade cultural estrangeiras, sua recepção ou assimilação ou mesmo como resultados práticos de pesquisas com pouca abrangência – o que tornara muitas vezes essas pesquisas limitada principalmente com uma perspectiva unilateral.

imutável a identidade territorial e as estratificações sociais destes grupos que limitava a compreensão da dinâmica dos grupos no que toca as relações interacionais.

Esta identidade territorial ou experiência dos *Ovimbundu* com a terra perpassa por muitas outras experiências que não se atravessa somente a linhagem ou mesmo as entidades espirituais, conforme Batsikama (2016). Por esta razão é que se procura entender também como se construía ou como se dava a dinâmica interna nos âmbitos social, econômico, político e cultural destes grupos, tendo em conta as relações com outros vizinhos ou grupos étnicos mais próximos no processo de afirmação ou demarcação do território enquanto experiência identitária.

O antropólogo e pesquisador francês Jean-Pierre Amselle (2017) demonstram como a discussão sobre a etnia deve passar por uma interrogação epistêmica, uma vez que ela aparece, no primeiro momento, em diferentes abordagens de pesquisadores das ciências sociais – com a especificidade dos antropólogos – como algo dado, uma das razões que os leva a desenvolver pesquisas de campo no continente africano com finalidade de descentralizar a etnia por meio de uma abordagem mais dinâmica que sempre se fez presente nas relações ou nas experiências dos povos africanos. Isso transparece também quando:

Amselle aponta de que modo a ação do colonizador exerceu-se no recorte e na identificação fictícia de sociedades locais que à época pré-colonial eram verdadeiramente englobadas em rede de relações contínuas que formavam uma “corrente de sociedades” mais que uma justaposição de pequenos grupos voltados sobre si próprios (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.30-31).

Para ele, o espaço não pode ser o centro de reflexão para se pensar as dinâmicas identitárias, conforme os etnólogos da escola estruturalistas e funcionalistas se propuseram a representar, na qual a primeira tendência estava voltada a uma perspectiva das relações dos sentidos que cada sociedade representa sobre si e o segunda que busca compreender as várias sociedades ou sistemas de relações em torno das linhagens.

Nesse âmbito, a segunda tendência rejeita a história assimilada no sentido evolucionista (selvagem, bárbaro e civilizado), ao tentar entender cada sociedade pela sua especificidade, porém não separada da macro-história, enquanto que a perspectiva crítica dos marxistas fica presa na abordagem teórica, na reprodução das

formas e da experiência empírica que condiciona o conceito de etnia (AMSELLE, 2017).

Amselle (2017) procurou distinguir o termo “tribo”, em francês, que tem quase o mesmo uso que “etnia”, mas, para os antropólogos anglo-saxões, este último se refere às sociedades com vários grupos sociais. Por isso, ele representa várias definições que caracterizam o próprio termo, como:

[M.Fortes] define a etnia a partir do horizonte mais distante que os grupos conhecem, para além do qual as relações de cooperação e de oposição não são mais significativas ou o são apenas excepcionalmente [...] [S.F. Nadel] define como um grupo de indivíduos que não se uni em virtude de uma unidade ou identidade qualquer, mas por razões de uma unidade ideológica e de uma identidade aceita como um dogma ou uma crença [...] [P.Mercier] define a etnia como um grupo fechado, descendente de um ancestral comum ou mais geralmente tendo uma mesma origem, possuindo uma cultura homogênea e falando uma língua comum, e igualmente uma unidade de ordem política (AMSELLE, 2017, p.35).

Nesse sentido, ele percebe a semelhança na definição de Nadel e Mercier, pois estes buscam tratar a questão do pertencimento ou da ‘unidade’ que independe do quão heterogêneo os grupos foram. Em outras palavras, para além da aproximação da noção de uma etnia a de ‘raça’, existe um repleto etnocentrismo no termo que já precede ou é tributo da concepção do que se chamar de Estado-nação europeu.

Por mais que os trabalhos dos teóricos como Nadel, Marcier, Barth, Watson e C. Meillasoux e E. Terray subverteram a lógica colonial, mas ainda assim, continuaram nos seus princípios, no que tange aos modos de produção e da formação social dos grupos, mas é importante destacar que estes estudos tiveram grande relevância apesar dos seus instrumentos disciplinar. Como por exemplo, o trabalho de Nadel que já destaca a indispensabilidade de situar o contexto geográfico e histórico da etnia (AMSELLE, 2017).

Por outro lado, temos a contribuição P. Marcier, que recorre à noção de limite de Levi-Strauss para fortalecer a ideia de sociedades africanas pré-coloniais como um conjunto descontínuas o que F. Barth apresenta a noção limite no centro para pensar as separações e as contradições. A etnia, assim como inúmeras instituições pretensamente primitivas, não passaria de mais um falso arcaísmo (AMSELLE, 2017).

Os espaços sociais que estruturavam o continente africano na época pré-colonial devem ser entendido a partir de lugares de trocas, que devem ser observados a partir de uma história da África, cuja relação se dá por meio de redes de trocas entre unidades sociais de tamanho e de estrutura diversas. A existência dessas trocas, mercantis ou não, é igual ao indício do desenvolvimento desigual que afetava e afeta o conjunto do continente até o período atual, tendo em conta:

Espaços de produção, espaços de circulação e espaços de consumo representam, assim, um primeiro mosaico do continente africano e marcava a predominância de uma forma geral englobante sobre as diferentes sociedades locais consideradas como bens móveis (AMSELLE, 2017, p.48).

Assim, quando penso os reinos, procuro entender as redes estatais e as migrações complexas, cuja formação de um Estado em uma região resulta, muitas vezes, de forças internas que impõem sua dominação a uma população, e que é possível ver ou ter mais de uma dissidência estatal.

Se existe um ponto que é relativamente aceito por um certo número de africanistas, esse é o de que as formas de organização social que podemos observar na África pré-colonial são o produto de fenômenos de diástole e de sístole, de vai e vem constantes, ou seja, de processos de composição, decomposição e de recomposição que desenrolam no interior de um espaço continente (AMSELLE, 2017).

Destarte, ele reforça que a questão da língua é a mais complexa, principalmente quando a temática é a etnia, mas “é importante estabelecer espécies de cortes sincrônicos de espaços linguísticos” (AMSELLE, 2017, p.54), uma vez que a dimensão da língua está relativamente relacionada com a questão do “poder” e das “conquistas”.

Essas demarcações perpassam por um conjunto de conflito entre grupos que buscam se impor constantemente – a experiência dos *Ovimbundu* enquanto grupo também se apresentar diferentes variações linguísticas. Os traços culturais devem ser compreendidos por meio da vida material quanto as estruturas sociais e religiosas. O processo de desconstrução do ‘objeto étnico’ como objeto ideológico exige a detecção, no interior da realidade africana pré-colonial, traços que, na falta de melhor, podemos qualificar de culturas e cujos mapas é importante desenhar.

Em função do lugar que ocupam nos diferentes sistemas sociais, estão em condições de circunscrever na língua uma série de elementos significantes ou de

semas que por uma soma de transformações sucessivas darão origem a um paradigma étnico, “mais do que considerar as fronteiras étnicas como limites geográficos é preciso considerá-los como barreiras semânticas ou sistemas de classificação, isto é, definitivamente como categorias sociais” (AMSELLE, 2017, p.58).

Um etnônimo pode receber uma variedade de sentidos em função das épocas, lugares ou situações sociais: ligar-se a um desses sentidos não é condenável, condenável é afirmar que esse sentido é único ou, o que dá no mesmo, que a série de sentidos com os quais a categoria se revestiu está terminada (AMSELLE, 2017, p.61).

Para Amselle (2017), o principal fenômeno da experiência colonial é a instauração de novos recortes territoriais a partir da África pré-colonial em uma região grande, porém com pequenos espaços sociais que mais tarde ou mais cedo serão alcançados a categoriais de raças, tribos e etnias. Por outro lado, esses etnônimos e essas etnias serão reivindicados pelos os agentes que as transformarão em um instrumento ideológico de determinação social (AMSELLE, 2017, p.62-63). Nesse sentido, o conceito ou o termo ‘etnia’ aparece como meio de resistência à pressão de regiões concorrentes e a luta no interior do aparelho de Estado que por sua tornar-se como sinônimo de ‘tribalismo’.

Essa projeção do Estado neocolonial sobre movimentos que se levantam contra ele é o indício de uma fraqueza e de uma ausência de controle de extensas frações da população (AMSELLE, 2017):

O tribalismo moderno aparece, portanto, como um sistema de elementos significantes que é manipulado tanto pelos dominantes quanto pelos dominados no interior de um espaço nacional ou internacional; ele também é um meio de definição social e um sistema de classificação que dá a cada uma sua posição no interior de uma estrutura política determinada (AMSELLE, 2017, p.65).

Portanto, Amselle (2017) finaliza a sua arguição demonstrando como os termos trabalhados na pesquisa como clã, linhagem, tribo, etnia e outros traem muitas vezes as pessoas que as usam. É necessário, portanto, um trabalho epistemológico, a partir das noções empíricas para desconstruir e reconstruir outro espaço conceitual da dinâmica identitária, que possa estar mais apto a explicar uma determinada realidade.

Assim, a existência, segundo ele, desse imaginário antropológico, é um obstáculo na construção do saber cuja implicância se dá quando as categorias étnicas aparecem apenas como gênero particular de categorias empregadas pelas

organizações que procuram reagrupar sob sua bandeira alguns efetivos humanos (AMSELLE, 2017), pois é preferível mostrar como um termo situado no tempo e no espaço adquire, progressivamente, uma multiplicidade de sentidos, em suma, estabelecendo a gênese ideal dos símbolos.

Ao pensar a nação angolana, e, em particular o grupo *Ovimbundu*, levei em conta as divisões étnicas dentro do território e as dinâmicas internas nas formas de organização e relação historicamente estruturadas. Construir a narrativa dos trabalhadores roboteiros perpassa também a esta dimensão histórica da exclusão por fazerem parte do sul e por se aliarem a maior oposição política (UNITA) que enfrentara o partido no poder (MPLA), pois isso não envolve somente a identidade territorial, as linhagens ou mesmo as etnias, mas um conjunto de dispositivo relacional marcada pela diferença e pela conservação desta diferença que se criara historicamente enquanto fronteiras sociais de uma nova configuração política e social, transcende muitas vezes nos ambientes de trabalho.

3.2. Muito além da identidade étnica

Com o processo de independência do território de Angola, um novo conceito merece reflexão: a identidade dos trabalhadores roboteiros oriundos do grupo étnico *Ovimbundu*, que não se limita mais a questão da identidade étnica enquanto lugar de pertencimento somente, mas através da questão da etnicidade, ganha uma nova forma dinâmica de relacionamento (POUTIGAT; STREIFF-FENART, 2011), nesse sentido, a questão da pluralidade é algo que está sempre presente em todos os lugares e povos, e é considerada também como um traço de diferenciação dos grupos sociais.

A etnicidade, então, refere-se aos grupos, ou mais exatamente aos povos, que são nações potenciais, situadas em estágio preliminar da formação da consciência nacional. Nesse estágio, a solidariedade étnica se manifesta no confronto com elementos estrangeiros e se origina na xenofobia, sem por isso constituir uma pertença consciente de si própria e dotada de uma significação positiva (POUTIGAT; STREIFF-FENART, 2011, p.45).

O conceito de etnicidade ganha um novo rumo para se pensar os grupos étnicos a partir de uma nova configuração relativa à experiência nacional, ou seja, “a nação pressupõe, por sua vez, uma consciência subjetiva específica de um povo” (Poutigat; Streiff-fenart apud Connor, 2011, p.45). Nesse contexto, a constituição da República de Angola permitiu entender aspectos que, em outrora, não estavam

transparentes na realidade objetiva e subjetiva na forma de organização interna do próprio país, com o nascimento da modernidade.

Através da discussão travada pelo sociólogo Anthony Giddens (2002), relativa à modernidade e à identidade, entendemos que a dinâmica do indivíduo e a sua autocompreensão, na sociedade moderna, constitui um problema sociológico essencial no século XXI. Nessa perspectiva, pensar os trabalhadores roboteiros em Luanda envolve todo um arranjo das formas de identificação que perpassa pela dinâmica que a sociedade moderna os proporciona, tais como: instituições mercadológicas, influências externas e internas nas formas de produção de bens e serviços.

Assim, as instituições em época moderna não têm mais as mesmas características das anteriores em relação ao seu dinamismo, ao modo como interferem com os hábitos e costumes tradicionais e ao seu sem impacto global (GIDDENS, 2002), de tal forma que transparecem no pensamento e na realidade dos trabalhadores roboteiros nas regiões de origem e em Luanda.

A modernidade altera radicalmente a natureza da vida social quotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade de ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto, com o eu (GIDDENS, 2002, p.9).

Segundo Giddens (2002), uma das características da modernidade é a crescente interconexão entre dois extremos relativo as influencias globalizantes e disposições pessoais de outro. O indivíduo não deve ser entendido como uma entidade passiva, determinada por influências sociais que são globais em suas consequências e implicações somente.

Por isso, ele afirma que a realidade do mundo moderno tardio, pensando aqui nos países cuja instrumentalização de modos de produção de serviço e bens das instituições ainda se encontram mesclados com a tradição, contrasta com alta modernidade, em que a realidade é mais apocalíptica, uma vez que traz consigo riscos que as gerações anteriores não tiveram que enfrentar (GIDDENS, 2002), como por exemplo, a experiência da vivência do trabalhador na zona rural e na capital, que são totalmente opostas e, concomitantemente, interdependentes.

Na alta modernidade, notei que a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre intimidades do eu, se torna cada vez mais comum – considerando os novos mecanismos tecnológicos de informação que transforma cada vez mais a imagem de uma cidade próspera para quem está de fora. Deste modo, Giddens (2002) reforça a ideia de que pensar os trabalhadores robotores é, todavia, apreender as dinâmicas relacionadas com o lugar de origem e de partidade que envolve uma identidade em constante construção, mas que tudo perpassa pela experiência da modernidade que produz a diferença, exclusão e marginalização de grupos que não incorporam o *modus vivendis* da reflexividade e da racionalidade.

Pode-se entender que nesta época é cada vez mais notório que as escolhas de estilo de vida, no contexto das inter-relações local e global, fazem surgir questões morais que devem merecer a nossa atenção (GIDDENS, 2002). Para ele, o mundo da alta modernidade só pode ser entendido muito além dos domínios das atividades e dos compromissos pessoais. Esta realidade tem muitos riscos e perigos, para os quais o termo “crise” – não como mera interrupção, mas como um estado de coisas mais permanente – é particularmente adequado.

Assim sendo, afirma Giddens (2002), não temos como afirmar que o mundo da alta modernidade penetra profundamente no centro da chamada auto-identidade e dos sentimentos pessoais. Em relação a auto-identidade, percebe-se que ela, nesse caso, dá-se através da constituição das diferentes trajetórias em situações institucionais da modernidade e pela duração do que se vai chamar de ciclo de vida dos trabalhadores roboteiros vão tomando durante o percurso de idas e voltas.

Desse modo, ele demonstra como a modernidade é um fenômeno perturbador e tumultuado. O conceito de modernidade pode ser entendido como ‘o mundo industrializado’ na sua primeira dimensão e na segunda como modo capitalista, através de um sistema de produção de mercadorias que envolve os mercados competitivos de produtos e a mercantilização da força de trabalho (GIDDENS, 2002).

[...] as instituições modernas apresentam certas descontinuidades com as culturas e modos de vidas pré-modernos. Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é o seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores (GIDDENS, 2002, p.22).

Neste sentido, Giddens (2002) afirma que a reflexibilidade consiste na revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação, nas atividades humanas e das relações materiais com a natureza. Em relação local e global, este refere-se que existe uma dialética relacional entre o local e o global. As conexões entre o local e global está relacionado a um intenso conjunto de transformações na natureza da vida quotidiana.

Durante a sua abordagem, ele menciona a perspectiva de Ulrich Beck que caracteriza a modernidade como uma sociedade de riscos, aquela em que introduz novas formas de perigo que a humanidade tem de enfrentar. Em outros dizeres a sociedade moderna é uma sociedade em que o indivíduo deve ter constantemente uma atitude calculista entre as ações positivas e negativas com o que é continuamente confrontada nas tomadas de decisões (GIDDENS, 2002).

Assim, a discussão sobre modernidade e identidade se esclarece nas transformações da construção da auto-identidade e a globalização que constitui dois polos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Isto significa que as mudanças em aspecto da vida pessoal dos trabalhadores roboteiros estão intimamente ligados ou relacionados ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude.

Nesse ínterim, existem diversos fatores que influenciam na modernidade seja ela alta ou não necessariamente a auto-identidade e das instituições. Neste sentido que ele reforça que a reflexibilidade se estende ao núcleo do indivíduo. O contexto da alta modernidade se torna um projeto reflexivo (GIDDENS, 2002), contudo, a auto-identidade não é um traço distintivo, ou mesmo uma pluralidade de traços, possuído pelo indivíduo, ou seja, é o indivíduo compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia – neste caso, a identidade ainda supõe a continuidade no tempo e espaço dos próprios trabalhadores, mas também a auto-identidade é essa continuidade reflexivamente interpretada pelo o agente.

Por outro lado, o pesquisador e sociólogo jamaicano radicado na Inglaterra, Stuart Hall (2011) demonstra como a ruptura das antigas tradições em virtude das novas tradições proporcionou uma fragmentação do indivíduo na sociedade moderna. A substituição de identidades velhas pelas novas provocou um processo denominado como “crise de identidade”, o qual é marcado por mudanças estruturais profundas.

As mudanças que estão ocorrendo nas sociedades pós-modernas têm provocado fragmentação e deslocado as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Nesse sentido, se no passado as identidades eram sólidas, hoje, é difícil encontrar fronteiras bem definidas, resultando, assim, na crise de identidade no ser humano (HALL, 2011).

Para o autor, existe uma ruptura nas formas de organização e produção de identidade institucionais que difere das tradicionais, e tem afetado diretamente no comportamento social dos indivíduos na sociedade pós-moderno.

As identidades estão entrando em colapso [...]. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, sexo, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, tinham nos fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, acabando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada [...] de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento e descentração dos indivíduos tanto de seu lugar do mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui “crise de identidade” (HALL, 2011, p.9).

Nessa perspectiva, Hall (2011) afirma que as identidades estão entrando em decadência. As transformações profundas que as sociedades vêm vivenciando, têm promovido a desintegração de elementos como, por exemplo, as questões voltadas a sexo, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que outrora eram vistas como coisas sólidas. Essas mudanças que aconteceram nas sociedades modernas provocaram modificações nas nossas identidades pessoais. O deslocamento/descentração das pessoas, no mundo social, cultural e de si mesmas, considera-se como crise de identidade.

Por isso, ele procura demonstrar diferentes concepções de identidades: a primeira é conhecida como a identidade iluminista, que se baseia na ideia de que o ser humano é visto como centro de todas as coisas – sujeito centrado –, o que acaba essencializando o próprio sujeito. A segunda é relacionada ao sujeito sociológico cuja concepção está voltada à ideia de que o indivíduo não se forma somente a partir de si mesmo, mas também através da sua parte exterior, ou seja, é a partir da interação que o indivíduo constrói a sua própria identidade. A terceira concepção de identidade, por sua vez, está voltada ao sujeito pós-moderno, pois, segundo ela, o ser humano já não apresenta uma única identidade, mas uma pluralidade de identidades que não é

mais fixa, mas está em constante construção e transformação, à medida que vai se relacionando com culturas diferentes. O indivíduo aqui não é mais visto a partir de uma única identidade, mas através de muitas que podem ser contraditórias (HALL, 2011).

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente (HALL, 2011, p.13).

Neste âmbito, Hall (2011) postula que, a partir desta última concepção, percebe-se, na modernidade, como a identidade não é algo estático, mas dinâmico, e que na modernidade tardia é marcada pela diferença, divisões e antagonismos sociais, que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito. Nesse sentido, o processo de identificação dos indivíduos vai se formando ao longo do tempo, ou seja, já não “é”, mas “está” em constante transformação através de uma dinâmica inconsciente, transformando-se, assim, em algo não acabado.

Portanto, quando reflito sobre as identidades dos trabalhadores roboteiros como algo acabado ou exato é um equívoco intelectual e analítico na configuração da nação angolana, uma vez que o indivíduo não nasce com a identidade nacional, pois é algo formado e transformado no interior da representação. Nessa perspectiva, as culturas nacionais dos trabalhadores roboteiros não têm limites devido à globalização, porque elas estão caracterizadas por mudanças profundas e atravessam fronteiras. Nesse contexto, a globalização produz novas identidades e, concomitantemente, apresenta suas consequências sobre a própria identidade cultural (HALL, 2011).

3.3. Narrativas identitárias de trabalhadores roboteiros em Luanda (Mercado dos Kwanzas e Armazéns, Cazenga)

As narrativas dos trabalhadores roboteiros do mercado dos Kwanzas e dos Armazéns estão atravessadas por diferentes momentos e perspectivas, que implica marcas identitárias diferentes no tempo e no espaço, e que perpassa pela sexualidade dos trabalhadores³⁶, raça, etnia e entre outras; mas o foco, aqui, está na compreensão

³⁶ Falo sobre a sexualidade dos trabalhadores, que não é o foco deste trabalho, porque é indispensável salientar que a atividade de robotar só é praticada pelos homens e perpassa também por uma questão cultural relativa à masculinidade. Nesse viés, vale ressaltar o trabalho da antropóloga Mara Viveros

da identificação com a atividade laboral robotar. É importante destacar a questão atrelada ao grupo étnico como um dos aspectos significantes relativos à organização destes em Luanda. Isso transparece a partir da transição constante da região de origem dos trabalhadores entrevistados até Luanda.

Nesse viés, todos que vieram do sul e faziam parte do grupo étnico *ovimbundu*. Assim, de acordo com Amselle (2017), perceber a identidade somente a partir da experiência linguística chega a ser muito limitado devido à dimensão complexa que são as fronteiras imensuráveis no processo comunicacional, é de preferência estabelecer cortes sincrônicos de espaços linguísticos que envolve também a dimensão do poder.

Nesse sentido, procuro apreender de que forma os trabalhadores oriundos do sul do país se identificam com as atividades laborais que exercem em Luanda. Segundo Giddens (2002), o “eu” não pode ser entendido como uma entidade passiva, determinada por influências externas somente, que forja as auto-identidades, mas sim que perpassa por uma manipulação constante também dos próprios trabalhadores.

Só que lá assim não dá, porque lá já é no local tem muitas famílias. Lá não é bom fazer esse trabalho? Lá não é bom fazer esse trabalho. Não é bom por quê? Não é bom porquê lá já é no local, no teu lugar já. Já. Porque aqui num tem muitas famílias. Ninguém tá ver. Lá é vergonhoso mesmo. Só tem que ser aquela pessoa que não tem nada na vida. Épa, aqui praticamente a nossa família são os vizinhos. Mas pessoa da nossa província aqui num tem. Aqui você trabalha ninguém num te conhece. Agora assim dá vergonha no trabalho (Entrevista concedida pelo trabalhador Bernardo Francisco do Benfica dia 4 de Agosto 2002 no mercado dos Armazéns, Cazenga)

Podemos, a partir da fala do trabalhador Bernardo Francisco, do Município de Benfica, da província do Huambo, perceber que a atividade de roboteiro só é exercida fora das suas regiões de origem, ou seja, na sua região de origem, a prática de robotar não é uma atividade que eles escolhem exercer. Desse modo, esse fenômeno reforça os pressupostos Giddens (2002), os quais dizem que a identidade dos trabalhadores, através da experiência moderna, é atravessada por diferentes disposições de diferenciação tanto no espaço como no tempo.

Vigoya (2018), que retrata a questão da masculinidade e da raça a partir de um contexto histórico, por outro lado, também há o artigo da socióloga Sofia Aboim (2017) que demonstra a questão da masculinidade hegemônica e da pluralidade no masculino, cujo rumo se dá em novos hibridismos de gênero e que a própria categoria “masculinidade” não é, senão, resultado de um contexto ou experiência prática vivenciados por diferentes indivíduos ou grupos sociais.

A atividade de robotar pode se caracterizar como um trabalho não aceitável nas suas localidades por fazer parte de trabalhos que a sua rede familiar classificaria como vergonhoso. Essas mudanças de aceitação em um determinado lugar e negação em outro é o que o Hall (2011) designa como crise identitária dos trabalhadores no espaço laboral moderno e capitalista, cuja busca se dá através de estratégias ou mecanismo de sobrevivência.

Um jovem nó pode ficar muito parado. Nó dá. Porque as mães também nó trabalham mais pra nós! Nós já é que procuramo' o que é nosso, assim se necessitamos, yá. E tamém fizemo qualquer coisa pra mãe e o pai. Um bocado, um bocado. Também sempre ligo: 'oh, mãe, aqui!'. Tipo aqui como coiso é barato enxada, catana, machado... assim compro. Vou comprando e envio já lá. Assim também catana e machado, pra eles já acabou! Assim já tá em dia, chuva pode cair, yá, é só já rebentar a terra, sim. [Risos] (Entrevista concedida Tomás António de Balombo no dia 4 de Agosto de 2022 no mercado dos Armazéns, Cazenga).

Essa crise perpassa na construção do “eu” enquanto trabalhador, ou seja, não há um reconhecimento entre esses trabalhadores com a sua própria atividade. Existe, na verdade, uma identidade forjada e constantemente manipulada tanto no lugar de origem como no lugar de destino. Nesse viés, Giddens (2002) demonstra como a identidade desses trabalhadores exige deles uma flexibilidade, uma vez que, pensado fora de Luanda, existe uma certa humilhação na construção do “eu” trabalhador que é totalmente diferente do prestígio destes nas suas terras locais.

Lá o trabalho mais vergonhoso é mesmo carro de mão. É muito trabalho. Muito vergonhoso. Por isso, que muitos quando saem daqui lá num falam que o trabalho com carro de mão. É só mesmo 'to a trabalhar', 'to a vender', carro de mão mesmo é muito desprezível. Por isso que eu quando vendo, eu tiro as fotografias, meto no álbum pra lhes mostrar. Eu amostró só na minha casa. Tá aqui, eu vendi'. Ta ver mesmo, to no engarrafamento. A maior mesmo quando chegam lá, monstrem fotografia pra falar 'não, tava vender', mas num mostram o trabalho que eles fazem, que é esse trabalho! (Entrevista concedida Alberto Kanda do Balombo no dia 4 de Agosto de 2022 no mercado dos Kwanza, Cazenga).

O trabalhador Tomás Adão de Balombo, durante a entrevista concedida no mercado dos Kwanzas, também mencionou que não fala abertamente a respeito do seu trabalho para sua família:

Eu já na minha parte, hum hum, eu nó falo! A mulher nó pode saber a coisa que eu tou trabalha, não, não! Às veze' na parte dos outro podem falar, mas eu, não! 'Eu lá em Luanda, estou a trabalhar assim, assim, não, não! [risos]. Ela pode perguntar, também vou lhe entrar [mentir] mais na outra forma! [risos] (Entrevista concedida pelo trabalhador Tomás Adão no dia 4 de Agosto de 2022 no mercado dos Kwanzas, Cazenga).

É interessante que, durante as narrativas, não foquei no comportamento do trabalhador enquanto sujeito que contava a sua história, mas nas disposições ou na capacidade que o entrevistado tinha de manter em andamento uma narrativa particular sobre si, e que a mesma aparecia também nas falas de outros entrevistados (GIDDENS, 2002). Nessa perspectiva, percebi que a narrativa desses trabalhadores continha mutações identitárias enquanto estratégia de se afirmar enquanto um agente que exerce uma função social.

Nesse trabalho aqui, nós tamo' a trabalhar, por *causa* que não há empresa. Aqui também há mestre, há o quê! Pedreiros também, encontra. Yá, canalizador...aqui também tem! Yá. Os outro também da instalação da energia, também, [electricidade], é a mesma merda também! Aqui também. (Entrevista concedida pelo trabalhador André Pedro do Benfica, no dia 4 de agosto de 2022, no mercado dos Armazéns, Cazenga).

Para André Pedro, a prática de robotar se dá pela ausência de outras oportunidades laborais, porque não é um trabalho que eles gostariam de exercer, sendo que muitos têm outras profissões, como por exemplo, na área da construção civil e eletricidade. Compreendo que a não identificação com prática da robotagem ocorre por ser um trabalho que as pessoas não valorizam e que se cria o estigma sobre a prática. A não identificação faz com que os trabalhadores manipulem e omitam constantes as identidades como praticantes da atividade laboral de roboteiros, enquanto mecanismo estratégico de salvaguardar a sua imagem na região de origem, ou seja, a não essencialização do “eu” roboteiro os leva a uma identidade não fixa profissionalmente (HALL, 2011).

CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-TEÓRICAS SOBRE O SETOR FORMAL E INFORMALIDADE

No quarto capítulo, priorizo a discussão da questão da informalidade, considerando as dualidades entre a estrutura tradicional e a moderna ou ainda entre a marginal e o integrado. Para tanto, contextualizo a discussão a partir da realidade angolana, tendo em conta as etapas desenvolvidas desde o período antes e pós-independência, porém com maior foco a experiência dos trabalhadores roboteiros em Luanda, especificamente, dos mercados dos Armazéns e Kwanzas.

4.1. Um conceito e as diferentes perspectivas sobre a informalidade

O surgimento do conceito de informalidade me permitiu entender melhor a heterogeneidade das relações de trabalho, apareceu, no final da Segunda Guerra Mundial, principalmente no campo sociológico, o conceito de marginalidade para discutir a pauperização das populações. A discussão era feita em termos da dualidade estrutural entre tradicional e moderno ou entre o marginal e o integrado. A discussão da marginalidade se somou à outra também dual do setor informal (ALVES e TAVARES, 2006).

A teoria da marginalidade teve sua origem em meados do ano 1960 e seu ocaso na década seguinte. Essa orientou, durante esse período, boa parte das discussões sobre trabalho informal. Segundo Alves e Tavares,

Os teóricos da marginalidade tentaram explicar a coexistência dos trabalhos de tipo não capitalista, no modo de produção capitalista, como causas do subdesenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, que tenderiam a ser extintos com o desenvolvimento de suas economias nacionais. Nesse caso, consideravam-se aquelas formas específicas de trabalho não submetidas à ordem hegemônica do capital (ALVES e TAVARES, 2006, p. 426).

Esta teoria, era também uma teoria do subdesenvolvimento. No caso dos países latino americano, afirmava-se que a urbanização se antecipou às devidas transformações econômicas que seriam capazes de absorver a força de trabalho cada vez mais crescente. Ou seja, o processo de urbanização não acompanhou a industrialização causando com isso,

[...] um inchaço no setor terciário e o aumento da população carente que vivia numa situação de subemprego e desemprego. Essas teorias serviram de orientação política para as estratégias governamentais, mostrando-se incapazes de promover a participação social e política dos grupos excluídos (ALVES e TAVARES, 2006, p. 426).

Como forma de solucionar essa incapacidade de promoção da participação social, surgiu uma nova forma de análise cujo entendimento era de que os grupos

eram marginalizados devido às condições econômico-estruturais – a análise estruturalista da Comissão Econômica para a América Latina da Organização das Nações Unidas. Os teóricos dessa corrente afirmavam que a “dependência econômica seria a causa da marginalização de amplos setores da população urbana, impedindo a incorporação deles ao mercado formal de trabalho (Ibid., p. 426)”.

Ao dualismo criado pelos teóricos da marginalidade, e não ultrapassado pelos pensadores da CEPAL, somaram-se os conceitos de setor formal e informal formulados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) no início dos anos de 1970. Os primeiros estudos de Keith Hart no Gana nos anos 1970 evidenciaram ao mundo Ocidental as consequências dos tempos de colonização do continente africano que dilacerou os modos de vida e as estruturas de poder.

A preocupação era com a pobreza, com maneira como as famílias mais necessitadas obtinham renda para o seu sustento sem participar dos direitos do mundo do trabalho. Estes estudos, por sua vez, incitaram o debate que dura há décadas. Nesse sentido, o setor informal esteve associado ao desvendar da geração de renda por parte dos “excluídos” dos países em desenvolvimento. A questão era como inserir no mercado de trabalho organizado o excedente de mão de obra e como eliminar ou legalizar certos tipos de ocupações e, assim, poder melhorar a maneira como as atividades são computadas estatisticamente, como afirma Silva (2003),

Desde sua origem, “informal” tem sido uma noção orientada para discutir “o outro lado” da problemática, se não exatamente do emprego, ao menos da mobilização ativa do trabalho – ou seja, ela foi proposta para analisar as dificuldades e distorções da incorporação dos trabalhadores ao processo produtivo em contexto nos quais o assalariamento era pouco generalizado. Em consequência, sempre tendeu a focalizar prioritariamente seus estratos mais desfavorecidos e a desenvolver, em torno deles um debate sobre a natureza, as condições e os limites de sua integração econômica, lidos como adaptação desses grupos à estrutura social à qual pertenciam, isto é, de seu papel (ou função, ou necessidade) na produção da riqueza (SILVA, 2003, p. 142-143).

Ainda segundo Silva (2003), os estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT) começaram por abordar especificamente a questão do emprego, passando, portanto, a generalizar o conceito de setor informal a outros estudos deste órgão. A OIT começou por dividir a economia em dois setores – formal e informal, sendo que:

o formal, caracterizado por unidades produtivas organizadas, e o setor informal, composto por unidades produtivas não organizadas, nesta concepção, o setor informal possuía uma forma de organização da produção com pouco capital, em mercados não regulamentados e pouco competitivos (ALVES e TAVARES, 2006, p. 427).

Apresentava-se, então, o modelo da cisão entre dois setores como forma de explicar as relações laborais pouco convencionais sem, no entanto, mostrar a conexão entre o setor informal e o sistema econômico como um todo. Segundo Cacciamali (*apud* ALVES e TAVARES, 2006), o setor informal é um elemento intersticial subordinado ao movimento das empresas capitalistas, sendo que os espaços ocupados pelo setor informal se ampliam nos momentos de progresso da economia e se retrai nos momentos de retração da economia.

Sendo assim, o setor informal ocupa os espaços intersticiais que demandam pouca capitalização ao mesmo tempo que desenvolve atividades produtivas não capitalista, mas subordinadas as empresas capitalistas. As principais características destes espaços intersticiais são:

- a) O trabalhador vivia de sua força de trabalho e, em alguns casos, utilizava-se do trabalho familiar ou, mais raramente, subcontratava ajudantes como extensão de seu próprio trabalho.
- b) Tinha como objetivo a obtenção de uma renda para consumo individual e familiar, visando a manter também sua atividade econômica; essa forma de trabalho não propiciava acumulação ao produtor direto.
- c) O proprietário mantinha o domínio sobre a totalidade das etapas que compunham aquela produção (CACCIAMALI *apud* ALVES e TAVARES, 2006, p. 428).

Entre os anos 1970 e 1990, ocorreram transformações relevantes no mundo do trabalho que dificultaram a precisão do conceito de setor informal e se tornou necessária a ampliação do conceito devido a desregulamentação das relações de trabalho. Essas modificações fizeram com que, no campo teórico, alguns autores preferissem o conceito de informalidade³⁷ que, por sua vez, exprime uma maior amplitude das atividades supostamente não capitalistas.

Antunes (2018), ao fazer um esboço sobre a fenomenologia da informalidade no Brasil, apresenta os três modos desta operar, sendo o primeiro modo, aquele figurado pelos trabalhadores informais tradicionais, o segundo são os trabalhadores informais sem registo e o terceiro modo de ser da informalidade, no Brasil, são os trabalhadores informais por conta própria. Os modos de ser da informalidade em Angola se apresentam de um modo diferente, mas que estão ligados ao movimento do capitalismo mundializado e às particularidades históricas da própria sociedade angolana.

³⁷ Antunes (2018) define informalidade como ruptura com os laços de contratação e regulação da força de trabalho, afirmando que a vigência da informalidade expressa, quase sempre, formas de trabalho desprovidas de direitos, que apresentam certa semelhança com a precarização.

Ao analisar a teoria da marginalidade, assim como as ideias estruturalistas, Kowarick (*apud* ALVES e TAVARES, 2006) defende que o sistema capitalista ao se desenvolver não desarticula as formas tradicionais de produção como as economias de subsistência, o artesanato e a indústria em domicílio, apenas as insere na divisão social do trabalho junto com as novas atividades criadas durante o processo de acumulação do capital, ou seja, o sistema articula os dois tipos de atividades e se alimenta deles.

Nessa mesma linha de pensamento, ao fazer uma crítica ao que chamou de “razão dualista”, Francisco de Oliveira (*apud* SOUSA et al, 2016) mostra a insuficiência explicativa das teorias dualistas, no que concerne à problemática do desemprego no capitalismo e o conseqüente desenvolvimento da informalidade no mercado de trabalho afirmando que

[...] o processo real [de acumulação de capital] mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’. (OLIVEIRA *apud* SOUSA, et al, 2016, p. 87)

Tavares (*apud* SOUSA et al, 2016), ao abordar a problemática da informalidade no mercado de trabalho, explicita a imbricação entre o ‘setor formal’ e o ‘setor informal’, mostrando que as atividades consideradas informais não são exteriores à produção capitalista ao afirmar que:

A informalidade enquanto manifestação do “atrasado” que está enraizado em relações de trabalho tipicamente capitalistas, não é exterior à produção capitalista, mas, pelo contrário, é inerente à totalidade desta. [...] As atividades “informais” que se realizam à margem da produção capitalista, embora não sejam imediatas ao processo de acumulação capitalista, fazem parte do movimento do capital e da renda gerada por ele. Portanto, mesmo que determinadas atividades “informais” não estejam orientadas à acumulação, não significa que elas estejam excluídas da relação capital-trabalho, pois isso depende dos nexos existentes entre estas atividades e o capital (TAVARES *apud* SOUSA et al, 2016, p. 87).

Já Manoel Malaguti (2000), ao analisar as limitações do conceito de setor informal, observa a importância de se explicitar as ligações entre o formal e o informal para então defender o uso do conceito de informalidade, afirmando que este é “um conceito muito mais amplo do que o de ‘setor informal’. O setor informal expressa apenas um aspecto da informalidade, mas sem esgotá-lo: a segunda engloba o primeiro” (MALAGUTI, 2000, p. 99). Assim como Tavares (*apud* SOUSA, 2016),

Malaguti (2000, p. 101) observa que “[...] a formalidade penetra o ‘setor’ informal e o ‘setor’ informal nutre-se da informalidade”.

Malaguti (2000), ao discutir alguns aspectos metodológicos da informalidade, pontua que esta é construída tanto pela empresa quanto pelo empregado, estendendo-se, portanto, ao funcionário público, é muito importante para o entendimento que temos dos modos de ser da informalidade em Angola.

Em Angola, as discussões sobre a informalidade no mercado de trabalho passam ainda pelo dualismo entre o “setor” formal e informal, só que recaindo fortemente sobre as ações do Estado (QUEIROZ, 2016; LOPES, 2014) em relação a este fenômeno deixando, no entanto, de lado a discussão acima referida. Por exemplo, Rodrigues (2003) pontualiza umas das características da informalidade em Angola que tem a ver com a questão do assalariamento afirmando que,

fato de os salários ou os rendimentos individuais em geral serem adicionados aos rendimentos globais das famílias condiciona o aumento da competitividade e da produtividade econômica: as iniciativas individuais que alguns (poucos) agentes econômicos urbanos levam a efeito são absorvidas (em termos de poupança gerada) por comportamentos de solidariedade social, pela afirmação (absorvente) da família alargada e da família-providencial (RODRIGUES, 2003, p. 287).

O comportamento dos agentes angolanos em relação ao assalariamento é uma das características dos modos de ser da informalidade que chamou a atenção e merece uma atenção maior como farei a seguir. Traço um breve historial da informalidade em Angola para poder compreender o comportamento dos agentes em relação ao assalariamento.

4.2. A formação do mercado informal em Angola

A informalidade não é simplesmente a manifestação do “atraso” que deve ser eliminada ao se alcançar o “desenvolvimento”, ela é parte íntima das relações capitalistas de produção, é uma simbiose produzida pelo capitalismo com vista a contínua geração de riqueza.

É uma dimensão atemporal da sociedade do capital. Sempre presente, mas ao mesmo tempo fugidia. Uma face obscura da modernidade, de difícil percepção, gelatinosa e escorregadia. Um fenômeno que tem conseguido frustrar todos os esforços despendidos em sua compreensão ou mensuração, parecendo querer “envergonhar” as pesquisas de campo e as teorias mais rigorosas (MALAGUTI, 2000, p. 13).

Este fenômeno gelatinoso e escorregadio, próprio da relação salarial capitalista se mostra mais intensificado em momentos de crise e reduzido em momentos de

expansão e se manifesta de formas diferentes no tempo e no espaço. As formas de manifestação da informalidade no Brasil são diferentes das manifestações angolanas.

São processos que se diferenciam no espaço e no tempo, com processos evolutivos e características diferenciadas. Mas, os elementos condicionantes que configuram a estrutura produtiva, os mercados de trabalho e o setor informal possuem grandes similitudes. São eles: “1) os processos de reestruturação produtiva; 2) a internacionalização e a expansão dos mercados financeiros; 3) o aprofundamento da internacionalização e a maior abertura comercial das economias; e 4) a desregulamentação dos mercados (ALVES, 2001, p. 68)³⁸”.

O conceito de setor informal que surgiu através de um relatório de 1972 organizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Teve também uma importância significativa o trabalho de Keith Hart realizado no Gana em 1973.

A OIT definia como setor informal como aquele que dentro da organização produtiva era dotado de escasso capital e os seus mercados eram desorganizados e poucos competitivos, utilizando, portanto, técnicas de trabalho intensiva e sem muita complexidade assim como poucos trabalhadores remunerados ou ainda podendo usar familiares no processo produtivo.

O Programa de Reversão da Economia Informal (PREI) para 2018-2025 pensado pelo Executivo angolano vai nessa linha, tendo como objetivo a eliminação das atividades econômicas que se encontram fora das regras oficiais da economia. Pretende, assim, formalizar o informal. A abordagem passa primeiro pela discussão sobre a cadeia produtiva que percorre a produção, circulação e consumo das mercadorias – isto é, pelo setor informal, ao invés do trabalho informal (TAVARES,2002).

Nos estudos da economia informal é possível concluir a existência de uma necessidade premente do Estado de eliminar os espaços intersticiais outorgados pelos momentos de crise. Queiroz (2016), ao analisar o impacto das atividades desorganizadas e pouca competitivos em Angola, observa que estas tiveram os méritos de capacitar a força de trabalho a se defender da crise; de flexibilizar a atuação econômica; aumentar a produção interna; e formar um empresariado nacional.

³⁸ Estes elementos condicionantes trazem-nos a memória os elementos presentes na história econômica de Angola, os múltiplos Planos e Programas de Reformas implementados a partir do final dos anos 1980 com o início da transição da Economia Planificada para a economia de mercado, houve, portanto, um período de estruturação produtiva no país com a implementação da economia de mercados.

Pude perceber aqui a manutenção da tendência a discussão da informalidade enquanto unidade ou empresa, que gera mercadorias que percorrem toda a cadeia produtiva até o seu consumo fora das regras oficiais, e não enquanto trabalho, porque enquanto tal percebi que a “existência de empregos informais, de trabalho sob relações informais, o que não significa estar à margem do capital (TAVARES, 2001, p. 51).

Encontrei, historicamente, o incremento do setor informal em Angola por volta dos anos 70 do século XX, período em que Angola estava em um processo de emancipação do colonialismo português. Após a independência Angola se torna, como muitos países colonizados, uma economia dependente de um único produto – o petróleo, que chamou para si a maior onda de produtividade de que o país podia dispor.

Os planos de Ajustes estruturais levados a cabo pelo FMI em Angola como condição para a transição do Regime de Economia Centralizada para a Economia de Mercado no final dos anos 1980 impactaram grandemente a sociedade angolana. Os ajustes ocorreram mediante a implementação de políticas de liberação e desregulamentação promovida pela transição para a economia de mercado em 1992 (DOMINGOS, 2018).

Ao analisar a evolução da informalidade em Angola, Lopes (2014) identifica cinco grandes etapas no desenvolvimento do setor informal em Angola. A primeira etapa ele designa como sendo o período pré-independência aonde as atividades consideradas fora das regras à época desempenhavam apenas funções estritamente subsidiária ao setor formal da economia, que segundo o autor era dominante, estruturante e dotado dos indispensáveis mecanismos de controlo e regulação. As atividades informais nesse período circunscreviam-se às atividades artesanais tradicionais, à prestação de serviços – nomeadamente serviços domésticos -, ao comércio ambulante, ao comércio à porta de casa, aos mercados dos “musseques” e às atividades relacionadas com construção e habitação das populações autóctones que residiam na periferia.

A segunda etapa inicia nos anos 1977/78. Durante esse período, as práticas consideradas informais como esquemas e candonga se alastraram aos diferentes setores de atividade económica num contexto socializante de uma economia centralizada e administrativamente regulada.

A terceira etapa acompanha o dismantelamento da maioria dos mecanismos que caracterizaram o centralismo económico, através do Programa de Saneamento Económico³⁹ para acelerar o processo de transição para uma economia de mercado (1987-1991). Este período não produziu alterações substanciais na dinâmica de crescimento acelerado do setor informal, pelo contrário, houve um aumento e expansão da informalidade por setores como os transportes, mercados urbanos e o mercado cambial.

A quarta etapa vai das primeiras eleições até o fim da guerra civil (1992-2002). Durante esse período, as atividades e práticas informais cresceram devido ao processo de liberalização e transição para a economia de mercado. Por último, a quinta etapa começa nos pós-guerra civis em 2002. Com um ambiente favorável provocado pelo boom das commodity, o setor petrolífero, que é a maior fonte de receitas do país desde a independência, promoveu também uma onda de crescimento económico que levou a uma pequena retração na informalidade – que voltou a aumentar com a crise das divisas provocada pela queda do preço do petróleo em 2014.

4.3. Uma caracterização da informalidade em Angola

O quadro macroeconómico e alguns aspectos nacionais e culturais, próprios de Angola – como os problemas inflacionários gritantes a época da independência e a guerra civil – imprimem em Angola características particulares nas manifestações de sua informalidade.

No âmbito cultural nasceu o que se pode denominar “falta de cultura do assalariamento” que se pode também remontar ao período antes da independência. A figura central que o salário exerce na relação capital trabalho era perto de zero devido as altas taxas de inflação até o final da guerra civil e o emprego formal, com salários insuficientes, mas, estável, serve de manutenção de outras atividades informais (DOMINGUES, 2000; DOMINGOS, 2018). Malaguti (2000), ao analisar a imbrica entre as atividades formais e informais observa esses comportamentos em relação ao salário no Brasil.

³⁹ Introduzido pelo governo de José Eduardo dos Santos no final dos anos 80 do século XX como requisito demandado pelo FMI para a obtenção de empréstimo de capital que pudesse financiar a transição para o modelo de economia de mercado (ROCHA, 2014).

Ao caracterizar a forma como se manifesta a informalidade em Angola observei que as atividades concernentes ao setor informal são justamente aquelas que se encontram nos pontos intersticiais deixados ou permitidos pelas grandes empresas petrolíferas ou mesmo pelo Estado. Nos espaços em que as grandes unidades capitalistas não atuam, em Angola se tornam espaços para o trabalhador por conta própria, para o pequeno proprietário que emprega ditando suas próprias regras de empregabilidade sem seguir a legislação trabalhista – A Lei Geral do Trabalho. A realidade na maior parte das vezes em Angola é que as empresas institucionalmente constituídas também fogem as regras, empregam trabalhadores e não cumprem devidamente a legislação trabalhista, se aproveitando falhas de fiscalização do Estado.

Existem muitos espaços intersticiais, do qual as grandes empresas como as multinacionais se utilizam através da contratação da mão de obra barata disponível no setor informal. Os principais espaços ocupados pelos trabalhadores por conta própria são o comércio, retalhista, semi-grosso e a grosso.

Existem outros espaços importantes como o dos transportes de passageiros e de mercadorias, a produção artesanal de bebidas alcoólicas e de bens alimentares confeccionados, a prestação de serviços (entre os quais, o trabalho doméstico/ao domicílio), a agricultura e a pesca bem como o segmento financeiro informal que se faz sentir através do comércio ilegal de divisas e das associações de rotação de poupanças como por exemplo as kixikilas (LOPES, 2014).

Lopes (2014), caracteriza as atividades do setor informal em Angola por tipos. Segundo ele, existem as atividades praticadas dentro da economia informal de subsistência que seriam aquelas atividades de produção e troca de bens e serviços realizadas no quadro da economia familiar, com finalidades de autoconsumo ou no âmbito das relações de reciprocidade e de solidariedade familiar e de vizinhança.

O segundo tipo diz respeito ao conjunto de atividade que ocorrem dentro da economia informal tradicional e que no período colonial aglutinava as atividades já parcialmente praticadas de forma informal, em espaços económicos bem delimitados – atividades como as dos engraxadores, escultores e comerciantes de artesanato, assim como as que são associadas aos ofícios e à relação laboral mestre-aprendiz (carpinteiros, alfaiates, mecânicos, entre outros).

O terceiro tipo é a economia informal, como a produção de bens e a prestação de serviços, nomeadamente o micro e o pequeno comércio retalhista, os serviços de

reparação e manutenção, os serviços financeiros, os serviços pessoais e os serviços associados ao lazer e ao entretenimento.

E, por último, Lopes (2014) classifica como economia informal de rendimento as atividades orientadas para a geração de rendimentos, com finalidades de prover a satisfação das necessidades dos agregados familiares, e também permitir a acumulação de riqueza e de capital. Neste tipo de informalidade, estão as atividades mais rentáveis da economia informal que inclui o comércio retalhista e a grosso, o armazenamento, o transporte, a construção e a prestação de alguns tipos de serviços, práticas especulativas ou à exploração de rendas de oportunidade, e o comércio ilegal de divisas.

Maior parte da população economicamente ativa se encontra na prestação desses serviços caracterizados por Carlos Lopes (2014). Em 1990, os dados do Inquérito aos Agregados Familiares sobre Despesa e Receitas produzidos pelo Ministério do Planeamento (IAFDR) angolano apontava que 64,2% da força de trabalho nacional estava no setor de emprego informal, 17,9% no setor de emprego formal, 4,5% era militares, 8% de empresas estatais e 5,3% no Governo Central como mostra o imagem 6 abaixo.

Em 2000, o Instituto Nacional de Estatística levou a cabo o Inquérito às Despesas e Receitas dos Agregados Familiares que,

permitted concluir que a proporção de indivíduos cujas atividades principais são de natureza informal correspondia, em média, a 62,8% da população economicamente ativa (PEA), embora geograficamente esta proporção pudesse variar entre os 52% e os 80,2%. Um estudo mais recente apontava para um valor médio de 43,6%, entre 1999 e 2007, do peso relativo da economia informal no PIB angolano enquanto a média da África Subsaariana se situava nos 41,3% (LOPES, 2014, p. 63).

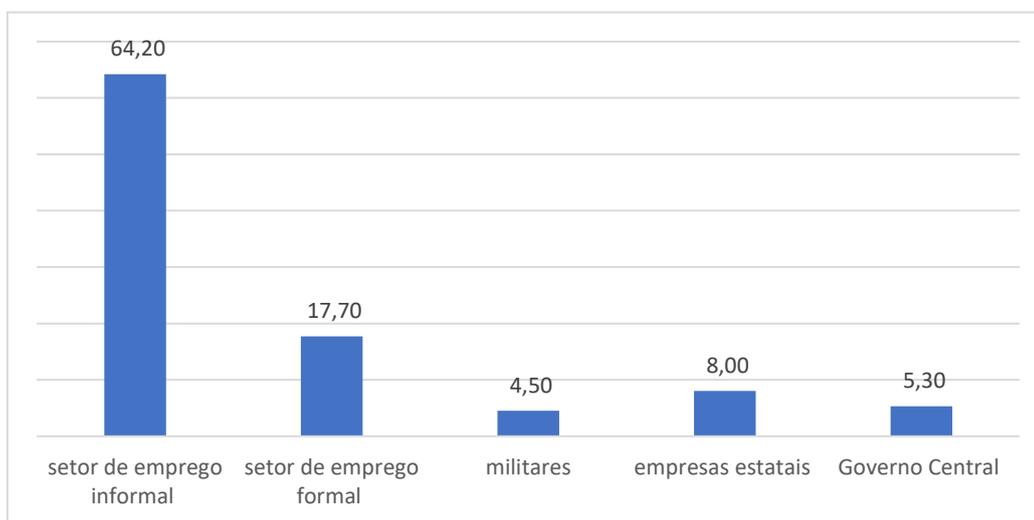
As estatísticas oficiais apontam que, entre 2008 e 2009 (IBEP, 2013), parte considerável da população empregada angolana atuava em dois grandes setores, como a agricultura⁴⁰ (46%) e os serviços (45%), estando a outra parcela empregada na indústria.

Como já mostramos acima, são justamente as atividades intersticiais que mais empregam a população economicamente ativa. A indústria, onde estão as grandes

⁴⁰Segundo as definições oficiais, agricultura refere-se à agricultura, produção animal, caça e silvicultura; e pesca. Indústria refere-se a indústrias extrativas; indústrias transformadoras; e construção. Serviços correspondem ao comércio a varejo e a grosso; alojamento e restauração; transportes, armazenagem e comunicação; atividades financeiras; atividades imobiliárias, alugueres e serviços às empresas; administração pública, defesa e segurança social; educação; saúde e ação social; e outras atividades (IBEP, 2013, p. 69).

empresas capitalistas com maior nível de produtividade e onde se supõe encontrar os melhores salários, empregam muito pouco tendo em vista também o seu caráter poupador de mão de obra.

Imagem 7 – Estrutura da força de Trabalho Nacional (%) Angola, 1990

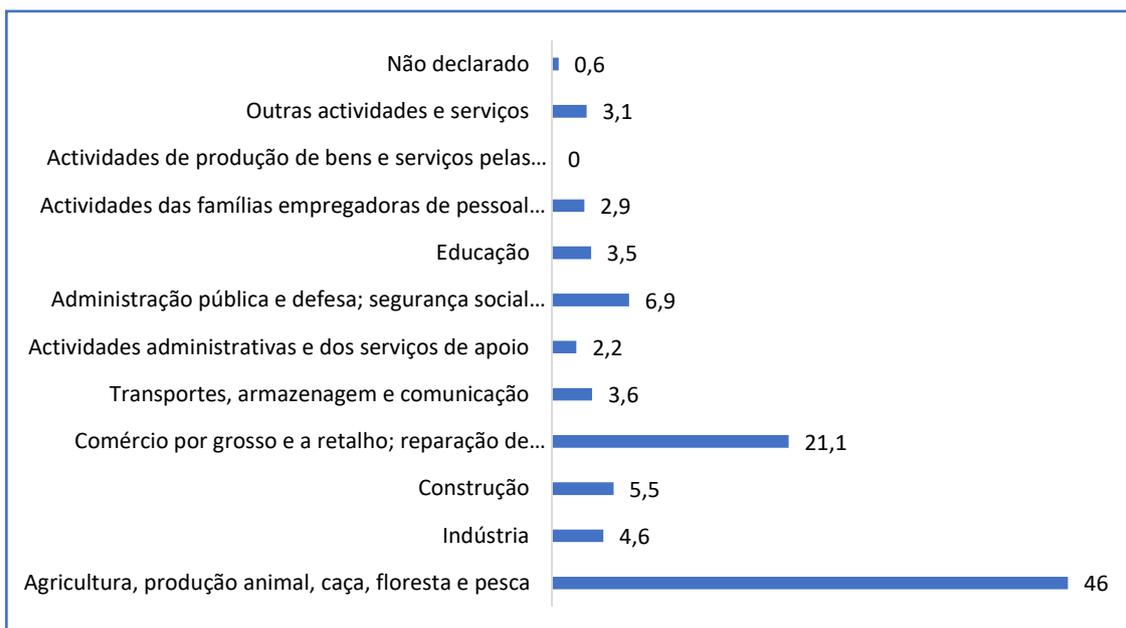


Fonte: IAFDR Ministério do Planeamento

Quando analiso a população na condição de trabalhador ativo, segundo a nomenclatura oficial, procuro apresentar os trabalhadores que atuam por conta própria ou independentes e trabalhadores por conta de outrem, sendo que os trabalhadores por conta própria representavam 65%, e os trabalhadores por conta de outrem representaram 35% em 2008 (IBEP, 2013). Em 2015, os setores de atividade econômica que mais geraram empregos foram a agricultura (34%), o comércio no atacado e varejo (20%), as atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico (12%) e administração pública, defesa e segurança social obrigatória (9%). O setor da educação é o que menos gerou empregos, com cerca de 2%. Pela importância que o setor da indústria deveria ter, na diversificação da economia e na criação de empregos, emprega, somente, 3 em cada 100 angolanos (RELATÓRIO, 2017).

O Inquérito sobre Despesa, Receitas e Emprego em Angola (IDREA) de 2018-2019, aponta um avanço da ocupação ou emprego no setor rural que envolve também a pesca e a caça (46%), em seguida o comércio por grosso e a retalho (21,1%), a Administração pública absorveu 6,9% da força de trabalho angolana, a educação absorveu 3,1%, os transportes e comunicação absorveram 3,6%, como mostra o gráfico da Imagem 7.

Imagem 8 – População ocupada por setores de atividade econômica 2018-2019



Fonte: IDREA, 2020

A informalidade se manifesta no cotidiano angolano através de algumas categorias assaz conhecidas como o candongueiro ou taxistas, kinguilas ou doleiro (a), roboteiros ou simplesmente trabalhadores e zungueiras, como mostra Lopes (2002). Os candongueiros como eram conhecidos os operadores de veículos não autorizados pelo Estado. E os taxistas são, na Angola contemporânea, os facilitadores, não oficiais, da locomoção da maior parte da população. As kinguilas, que na língua Quimbundo significa “esperar”, são mulheres e também homens que atuam na venda e compra de moedas estrangeiras, driblando as casas de câmbios autorizadas.

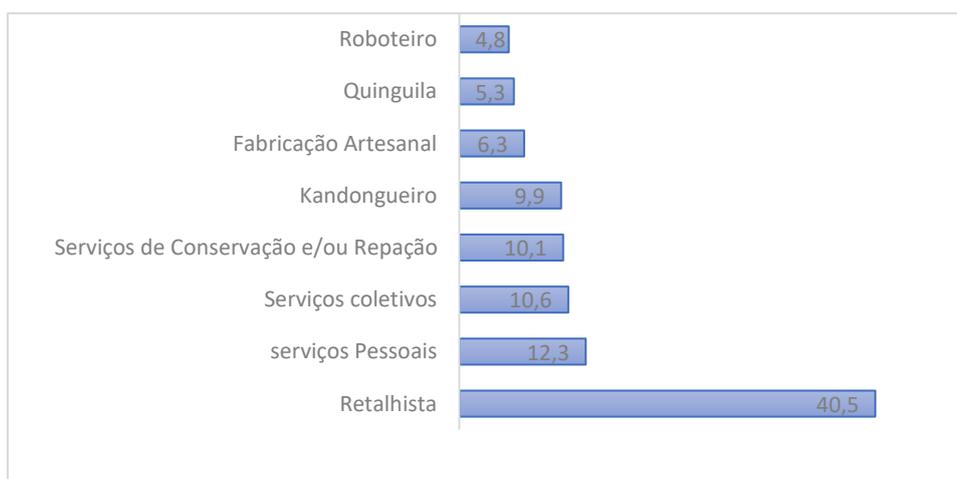
Roboteiros ou trabalhadores são indivíduos que levam todos o tipo de mercadorias possíveis, de um lugar para o outro. Normalmente possuem seu próprio meio de trabalho que pode ser um carrinho de mão de ferro, usualmente de madeira. Já as zungueiras, expressão da língua Quimbundo que significa rodar, girar, não parar quieto, são vendedoras ambulantes, mas também há homens nessas atividades. Outra forma que se apresenta a informalidade em Angola são os “mercados”, onde podemos encontrar, a título de comparação, os “camelôs”. Portanto, encontram-se nestes mercados todos os tipos de mercadorias, normalmente considerado como informal (LOPES, 2002).

Não existem estatísticas oficiais que buscam captar diretamente esses grupos que manifestam a informalidade em Angola, por isso recorreremos aos recortes da própria pesquisa oficial como a IDREA, a fim de verificarmos onde estão os trabalhadores mais vulnerabilizados pelas ineficientes estruturas do país. Este trabalho foca em um espectro dessa manifestação – os roboteiros.

Apesar da quase inexistência de estatísticas oficiais que evidenciem os números dos trabalhadores informais em Angola, Alexandre Ernesto e Gorete Capilo procuraram preencher essa lacuna no trabalho intitulado A Economia Informal em Angola: Caracterização do Trabalhador Informal (2018).

Os autores fizeram uma caracterização sociodemográfica e econômica dos trabalhadores informais, através da recolha de dados por Survey (entrevistas) nas províncias de Luanda, Benguela e Cabinda. As entrevistas foram feitas a pessoas maiores de 15 anos chegando a um total de 597 entrevistados com maior peso de amostra tirada de Luanda, 300 entrevistas que equivalem a 50,3% do total.

Imagem 9 – Ocupação dos entrevistados na economia informal⁴¹



Fonte: Ernesto e Capilo, 2018, p. 22

A pesquisa mostrou que as atividades retalhistas ocupam mais de 40% dos trabalhadores na economia informal, já os Serviços pessoais aparecem logo em seguida, empregando 12,3% dos trabalhadores na informalidade, Serviços coletivos 10,6%, Serviços de Conservação ou reparação 10,1%, candongueiro 9,9%, fabricação artesanal 6,3%, as kinguilas compõem 5,3% desse estrato e, finalmente, os roboteiros que formam uma parcela de 4,8% dos entrevistados na economia informal como

⁴¹ Retalhista diz respeito ao comércio realizado na porta de casa, nos mercados, bares, botequins e barracas. Serviços pessoais estão relacionados aos serviços das empregadas domésticas, segurança, motoristas, engraxadores, cabeleireiro e babá, enquanto a categoria Serviços sociais coletivos diz respeito aos fornecedores de água, coletores de lixo, empregados de colégios etc.

mostra o gráfico na imagem acima. Para tanto, busco analisar as narrativas dos trabalhadores tendo em conta a suas disposições trabalhistas no mercado em informa dos Kwanzas e dos Armazéns, em Luanda.

4.4. Experiência dos trabalhadores roboteiros no mercado de trabalho desde os seus lugares de origens à Luanda (Kwanza e Armazéns)

Para entender a vida dos trabalhadores no mercado de trabalho em Luanda, precisei, num primeiro momento, apreender a dinâmica de suas vidas nas terras de origem, principalmente, nos modos de existência e resistência enquanto estratégias de sobrevivência (RODRIGUES, 2003), que perpassa por mecanismos de redes de famílias que buscam, através de diferentes práticas de produção e técnicas de gerenciamento, os recursos escassos que eles mesmos produzem. Isto fica vigente quando André Bernardo, do Bukubal, nos afirma o seguinte:

A província de lá é mais no cultivo. No cultivo, precisa-se muita coisa, mas o essencial é adubo. Ya, então, uma pessoa quando tem uma lavra. Uma pessoa quando tem uma lavra, no cultivo, primeiro material que tem que ter são os bois. O gado, mas principalmente o boi. O boi é que te ajuda no campo, com a charrua, começar a te ajudar a cavar a terra. Então, sem isso, você terá um trabalho muito esforçado. Lá é mais memo criação de gado. Ya, esse mais essencial, agora esses trabalhos assim [roboteiro]...lá num se trabalha com esse carro. A coisa que nós precisamos mais lá é a mota. A mota é que nos ajuda no transporte. Tá ver isso, tá ver? [monstrou o seu carro de mão] É distante, num ajuda, mas agora com a mota ajuda, por causa das montanhas que lá tem.(Entrevista concedida pelo trabalhador André de Bukubal, de Benguela, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Armazéns).

Percebo que é por meio da ausência ou falta de materiais ou recursos que estes trabalhadores sentem falta nas suas localidades que os leva a desenvolver outras formas de atender as necessidades de sua subsistência – que deveria ser preenchido por um trabalho assalariado e que muitas das vezes falta nas regiões rurais de Angola.

Existe toda uma lógica de mercantilização que perpassa por diferentes processos de adaptação até atingir os objetivos de uma produção agrícola mais eficaz e que dá uma renda considerável para manutenção dos bens materiais e simbólicos da região local. Conforme afirmou também o trabalhador Bernardo do Benfica na entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2022, nos mercados dos Armazéns que:

Fora campo, é mais mota. Falar de outras coisas assim, falar de empresa, outras coisas é muito raro. É difícil. Até lá empresa aparece só que aquele que trabalha na empresa é aquele que pai dele também

já tem mais dinheiro ou relação com alguém que tem... as empresa que acalha naquele município já vem contado com os filhos dos pais já que coiso. Nossos pais é só no cultivo, então assim já também somos esquecido... Para além disso, as pessoa que têm empresa lá, na sua maioria são mais chineses. São mais as fazenda e se for pessoas assim é mais na cidade. Mas na nossa localidades onde nós vivemos, num tem. Empresa assim grande tipo aqui, é difícil. Nós é sené que metem lá só as loja, que vendem arroz, quê... yá. Se não, nós é só mesmo cultivo, tirando isso, se aparecer uma empresa dos chineses. Os chinês nó tiram ali, já vêm com eles [os seus trabalhadores]. Eles preferem assim tipo, isso é uma aldeia... os chinês preferem tirar mais de outro sítio do que tirar daquele bairro, por causa da desconfiança. Às vezes, alguns são gatuno. Vão começar tirar dali comida entre outras coisa, vão começar sustentar sua família. Então, os chinês não gostam isso. Eles preferem tirar de distante para que não houve roubo. Yá, é um estaleiro que se vive, não pode sair. (Entrevista concedida pelo trabalhador Bernardo do Benfica, da província do Huambo, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Armazéns).

Cristina Rodrigues (2003) postula que ao pensar nas estratégias de sobrevivência de trabalhadores informais em Luanda, em específico, os roboteiros, deve-se levar em conta não só fora dos rendimentos socioeconômicos dos atores em diferentes contextos, mas a partir de um conjunto de racionalidades e práticas com objetivos mais alargados do que a própria sobrevivência em si mesma.

Além disso, deve-se considerar a questão da satisfação das necessidades básicas como também estratégias de reprodução como mecanismo de continuidade de uma lógica de viver de um determinado grupo social. Conforme reforça João de Balombo (2022), durante a entrevista no mercado dos kwanzas,

Os jovens de lá, do balombo, o trabalho é só me'mo cultivar! Os outro ainda às veze', se você tem lá moto, pode fazer uma puxada pra te ajudar, yá. Trabalho me'mo de lá é das lavra. 16horas você pode fazer um pouco de puxada. Mas trabalho me'mo é das lá, das lavra! (Entrevista concedida pelo trabalhador João de Balombo, da província de Benguela, no dia 4 de Agosto de 2022, nos mercados dos Kwanzas).

Essas estratégias de produção e reprodução de bens cresce cada vez mais, à medida que eles vão obtendo mais lucros, que lhes possibilita expandir ou migrar para outras regiões em que o capital circula mais – conforme transparece nas cidades econômicas cujos bens são possíveis de se obter por meio do exercício de determinadas atividades lucrativas, que variam com as conjunturas tendo em conta o ambiente político, social e econômico e com a situação na qual o indivíduo se encontra em toda essa estrutura (RODRIGUES, 2003).

A realidade dos trabalhadores, no que tange às estratégias de sobrevivência na capital de Luanda, é totalmente diferente das zonas rurais ou das

regiões de origem, uma vez que ela aparece tanto nos níveis de atividades emergências e de subsistências - ambas se enquadram em atividades sem acumulação de crescimento, mas que garanta a satisfação essenciais, como por exemplo, comer, vestir e comprar alguns eletrodomésticos e outros.

[...] sim, pelo menos 2500 kwanzas leva ou 1500. Se você conseguiu 2000: Almoço é 500 kwanzas, sobra lá 1500 nos 2000! No decorrer do dia mesmo assim, de manhã e de tarde, porque aqui é mais de manhã e de tarde! Se de manhã tiver mal, então conta só com dinheiro de tarde. São trabalho fixe essa aqui, estamos acostumado, mas a pessoa também num pode fazer muito esforço: tá levar, tem que repousar sempre. Se você começa fazer esforço, também vai ter problema de caixa. Yá, se não assim, trabalhou, tá leva toda hora, também assim é complicado mesmo. (Entrevista concedida pelo trabalhador Tomás do Balombo, da província de Benguela, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Kwanzas).

Estes ganhos perpassam por resistência ao grande capital que exclui os pequenos agricultores rurais de suas terras para uma manutenção fora do seu lugar existência social. Isso acaba determinando os ganhos dos trabalhadores em condição de não-lugar, porque é muito flutuante, considerando as condições externas que eles enfrentam com a inflação e os outros condicionantes incontroláveis dentro do mercado (RODRIGUES, 2003).

Sim! Um mês é três veze', um ano, três veze', já é nossa vida. Você num pode ficar num sitio parado, se não, com as criança' quem é que vai te ajudar?! Ninguém! Yá! Trabalha um pouco, compra essa madeira, 5 mil ou 8 mil, yá. Só vais ver num mês consegue lá uns 20 mil, ainda envia pra fechar aquele furo! Pausa lá mais uns 2 meses, manda lá mais uns 5 mil, seis mil, yá, é me'mo essa vvida que nós tamo' a levar, yá, conseguimos' um pouco, compramo' uma mota, deixamo'. O tempo que você faz lá ainda vás conseguir lá um cupapata, 'inda também a saia da mboa às veze' também tá mal, vem mais aqui o colchão também tá gato! É me'mo essa vida, mô irmão! [risos] (Entrevista concedida pelo trabalhador Adão de Balombo, da província de Benguela, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Kwanzas).

É algo que transparece com frequência em todos os trabalhadores quando afirmam que não existe um dinheiro exato do mercado dos roboteiros e que varia constantemente com a dinâmica externa e não a própria deles.

sim, pelo menos 2500 kwanzas leva ou 1500. Se você conseguiu 2000: Almoço é 500 kwanzas, sobra lá 1500 nos 2000! No decorrer do dia mesmo assim, de manhã e de tarde, porque aqui é mais de manhã e de tarde! Se de manhã tiver mal, então conta só com dinheiro de tarde. São trabalho fixe essa aqui, estamos acostumado, mas a pessoa também num pode fazer muito esforço: tá levar, tem que repousar sempre. Se você começa fazer esforço, também vai ter problema de caixa. Yá, se não assim, trabalhou, tá leva toda hora, também assim é complicado mesmo (Entrevista concedida pelo trabalhador Andre de

Mukubal, da província de Benguela, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Armazéns).

Conforme afirma Cristina Rodrigues (2003), neste caso, a estratégia de sobrevivência designa o modo de condução de um projeto, a articulação realizada entre as possibilidades, as capacidades, os meios e os objetivos. Nesse sentido, o conceito de estratégia de sobrevivência frente a um meio de produção capitalista atrasado, através da reprodução, torna-se mais claro e permite-nos ter uma melhor compreensão da necessidade de utilização do termo estratégia de reprodução, que implica um esforço mais elaborado, com formas próprias e objetivos mais amplos e meios imediatos (CRISTINA RODRIGUES, 2003).

Aqui já consegui 10.750, quando 'tá fofo...Nunca vieram sem levar absolutamente nada, n'ê? Tipo, vem aqui todo o dia, não conseguir nada. Não [risos]. Assim é bem difícil, assim tás a brincar [risos]. Porque no cofre tem que ter mesmo 500 tem que entrar. Se ganhaste memo 2000, tira 500, os 1500 seleciona já: os 1000 já vai pro jantar, o 500 vais mandar umas duas gasosas, uma pra dama, uma pra ti. (Entrevista concedida pelo trabalhador Bernardo do Benfica, da província do Huambo, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Armazéns).

Outrossim, quando comentam dos ganhos, percebo de uma racionalidade ainda muito imatura, mas que os deixa na manutenção da atividade laboral enquanto resposta a curto prazo:

[...]é aquele de vender. E de vender fico co' muito dinheiro, mas não fico cansado. Porque só falo co' os papoite, quê, da agência! O negócio que ando com ele, os chinês do jeito que enfeita já o brinquedo dele, basta fica na agência já do quê, da unitel, já me chamam 'moço entra!' nos vendemos aquele preço. Se vendia 7 mil, não. Você sobe já! [risos] Já vou dá conta que esse aqui, esse é bebucho: 'esse aqui tá 16 mil, mas 14 mil pode levar.' 'Aqui tá 20 mil, 18 mil pode levar.' Mas você compraste com 2 pau (dinheiro). Você por dia pode consegui de guarda 30 mil, mas fora o negócio, fora o dinheiro que você vai gastar, até você pode ficar com duas mulher! [risos] No vender, não 'tá bom! (Entrevista concedida pelo trabalhador João de Balombo, da província de Benguela, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Kwanzas).

Segundo Cristina Rodrigues (2003), existe um modo de sobrevivência na forma de produção de bens materiais e simbólicos no trajeto dos trabalhadores roboteiros em Luanda, que perpassa por um jogo estratégico de condições objetivas, modelos de reprodução, logicas inéditas, que pode ser curta ou de longa durabilidade. Portanto, exige do próprio trabalhador um investimento que está muitas vezes intrínseco ao espaço de atuação, os laços como mecanismo de construir confiança e

credibilidade na sua ação diária, isto é, dentro ou fora do seu grupo de colegas de trabalho.

Desse modo, para ela (2003), as estratégias de sobrevivência e de reprodução dos trabalhadores roboteiros em Luanda se refere, assim, a um conjunto de lógicas e das práticas diárias que se articulam com o modo tradicional e o modo moderno, articulação esta que é fundamental no contexto das transformações e readaptações dos agentes na sociedade e as novas situações. As diferenças entre as sociedades e os contextos estão nas diferentes disposições para a reprodução que podem encontrar apoio nas estruturas mais próximas e afetivas, próprias das sociedades pré ou proto-capitalistas.

Nesse viés, observar os trabalhadores roboteiros em Luanda, permitiu-me entender que os seus modos de reprodução através da solidariedade comunitária se dão através da construção das redes de relações que se constroem tendo em conta a aproximação étnica, linguística e regional e outros mais que advém das atividades laborais, pois, finaliza Cristina Rodrigues (2003), a precariedade das condições de existência leva à inevitabilidade da manutenção dos indivíduos na dependência dessas solidariedade do grupo enquanto únicas formas de segurança ou mesmo proteção social no mercado informal.

CAPÍTULO V – PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA PRECARIIDADE: MODOS DE VIDA DOS TRABALHADORES ROBOTEIROS COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA EM LUANDA

O último capítulo, apresento a minha análise da pesquisa da tese, demonstrando que a pobreza ou questão social teve várias interpretações frente a realidades das sociedades capitalistas, e como em Angola a partir da experiência dos trabalhadores roboteiros, estes significados também transparecem de maneira diferente. Numa primeira instância, destaco a categoria analítica precariedade como relação social de sujeitos que vivem nos limites constantes na produção de bens de subsistência e que exige uma manutenção da solidariedade dos grupos. Douro lado, estão os usos estratégicos de sobrevivência como mecanismo de fuga de riscos que estes atravessam durante a atividade laboral, de cuja relevância está na representação e reprodução da pobreza que se dá de forma material, no que taca as formas de classificação e desclassificação das regiões enquanto lugares de investimento e não necessariamente e que se apresenta através de valores simbólicos.

5.1. Conceitos e contextos sobre a questão social

Para entender as questões sociais, procurei perceber a sua evolução e mutação histórica e como ela é interpretada em diferente contexto sociopolítico. A pesquisadora Vivian Ugá (2008) demonstra o deslocamento interpretativo da questão social e dos seus diferentes contextos, considerando a sua visão mais marginalizada para outra atrelada as pessoas em situação de pobreza.

É indispensável negar essas diferentes abordagens interpretativas, na minha análise. Por isso, recorro a historicização do surgimento da palavra para melhor apreender as dinâmicas e as suas mutações na realidade em que estou inserido, porém com foco aos trabalhadores roboteiros. Nesse contexto, o surgimento da expressão “Questão social” emanou no século XIX com o objetivo de ressaltar os problemas e disfunções inerentes à sociedade industrial (UGÁ, 2008).

Para José Netto (2001), o termo “questão social” não é semanticamente muito claro, uma vez que se registra diferentes compreensões e atribuições com sentidos divaricados. Nesse viés, Ugá (2008) afirma, ao apresentar a tese de Castel, relativa à questão social, que não se pode estudar a categoria sem entender que cada sociedade possui uma dinâmica própria de integração e a questão social acaba sendo

resultado dessa lógica, cuja determinação é reconhecida através dos seus pontos de ruptura contínuas e descontínuas.

Isso vai perpassar nas diferentes experiências históricas que a categoria foi usada interpretada desde os períodos mais remotos, como por exemplo, na época medieval, em que a concepção era marcada por um pensamento religioso, atrelada as abordagens de caridade, benção, voto sagrado, desgraça, voto de lamentação e esmola, como meio de salvação do indivíduo em situação de pobreza, no qual a igreja teve o papel muitas das vezes de suprir as necessidades das crianças, velhos e adultos empobrecidos por meio da caridade cristã (Ugá, 2008).

Por outro lado, a autora demonstra que o termo experiência industrial, durante o século XIX, com a expansão populacional, passou a configurar não somente as pessoas em situação de pobreza ou ditas 'pobres', o sistema de desenvolvimento capitalista nos moldes da industrialização fez transparecer a desigualdade estrutural e quantidade pessoas que se encontram em situação de pauperismo.

Netto (2001) também reforça que foi com a experiência industrial que a expressão "Questão social" ganhou força no ocidente, durante o período do século XIX, uma nova interpretação e com a organização do aumento de bens e serviços e a exclusão de certos grupos sociais, culminou no aumento da pobreza, o que passou a se chamar de pauperismo – dando origem a própria terminologia de "Questão social".

Foi também no século XIX que os críticos sociais passaram a usar a terminologia não mais de modo diferenciado. A partir do evento de 1848 que a vanguarda das trabalhadoras ascendeu, no seu processo de luta, à consciência política de que a questão social está necessariamente colocada à sociedade burguesa e capitalista (NETTO, 2001).

Desse modo, entendo que é através do surgimento da expressão "Questão social", no século XIX, com o objetivo de ressaltar os problemas sociais, que foi possível ter uma melhor compreensão sobre os modos de produção e reprodução dos bens e serviços a partir da experiência de acumulação capitalista. Nessa perspectiva, conforme Marilda Iamamoto (2001), ao analisarmos a questão social não podemos separar das configurações assumidas pelo trabalho que se encontra necessariamente situada em uma arena de constantes disputas entre os projetos societários,

informados por diferentes interesses de grupos sociais, a partir de concepções e propostas para a condução das políticas econômicas e sociais.

Para ela a autora, a questão social enquanto parte determinante das relações sociais capitalistas, deve ser apreendida como uma categoria ampliada das desigualdades sociais, o que implica o contrário no desenvolvimento das forças e as estratégias de produção do trabalho compartilhado, resultado das relações estabelecida entre indivíduos. Nesse ínterim, a valorização do significado da terminologia não pode se restringir através do valor de uso das coisas sem, no entanto, reconhecer as relações sociais como um fator indissociável de todo um processo mediado.

Na sociedade capitalista, de acordo com Yamamoto (2001), a mercadoria é o carácter predominante e determinante dos produtos e o lucro é a finalidade direta e o móvel determinante da produção, ou seja, a força de trabalho disponível é impulsionada pelas mesmas causas que a força expansiva do capital.

Isso, todavia, vai se dar nas lutas sociais que rompem com o domínio das relações entre o capital e o trabalho, extrapolando a questão social na arena pública, assim sendo, na realidade contemporânea a lógica financeira do modo de acumulação capitalista tende a provocar crises sociais. Essas crises, por sua vez, não se dão da mesma forma em todos os lugares, pelo contrário, elas se apresentam em configurações diferentes tendo em conta os níveis de acumulação de cada sociedade (YAMAMOTO, 2001).

Entendo que a variação e interpretação da questão social enquanto categoria que está em constante mutação é indispensável na compreensão da realidade angolana. Por isso, levanto as seguintes questões: como é pensar as experiências de vida dos roboteiros em Luanda tendo em conta a realidade social que eles estão inseridos? Como apreender as estratégias de superação da precariedade e dos riscos que estes trabalhadores encaram diariamente? De que forma posso interpretar as diferentes representações simbólicas e materiais da pobreza na atividade laboral dos roboteiros? Eis a inquietação deste capítulo.

5.2. Precariedade no trabalho: uma experiência com os trabalhadores roboteiros no mercado dos Kwanza e dos Armazéns

A experiência com os trabalhadores nos mercados do Kwanza e dos Armazéns me permitiu perceber como a vida dos trabalhadores roboteiros perpassa por lutas constantes de existência e que a atividade laboral que eles exercem exige estratégias coletivas e individuais para superar as dificuldades que enfrentam diariamente.

O campo me demonstrou o quanto os trabalhadores roboteiros ainda se encontram constantemente em situação de limites. Limites estes que estão atravessados pela ausência de bens materiais para suprimir as suas necessidades mais básicas, como por exemplo, ter um lugar digno para dormir, alimentação e outras mais. Um exemplo disso apareceu na fala do trabalhador João Bolombo, no dia 4 de agosto de 2022, no mento em que ele fala sobre a falta de capacidade que eles têm de se manter quando ficam doente. Nesse contexto, precisa-se de todo um coletivo para ajudar a pessoa a regressar a terra natal, uma vez que não podem parar para cuidar do amigo ou colega de trabalho. Segundo este, a doença é muito gasto e não é bom para quem está a trabalhar, porque pode atrapalhar na obtenção de lucro:

nós aqui andamo fazer como... se aparecer no nosso meio tem um outro que 'tá doente, yá, ainda vamover: se sempre, em fração de dois dias' ainda 'tá a dormir, assim nos pode ficar mais aqui. Se tem dinheiro ou se você no tem, nós vamo te aumentar lá. Se fizemo contribuição: mil, mil,mil, mil... se nós somo' 20 assim é 20 mil. Com 10 mil você chega na banda, 10 mil, chega já pro teu ajuda [hospitalização/medicação]. Não! Quem é que vai ficar com outro lá no hospital? Quem vai ficar a perder, se nós ainda 'tamo' a trabalhar quem é que vai ficar com outro lá no hospital? E aqui também nó temo' família, doente lá precisa muitas coisas. Vale a pena manda, yá! Doente vai com outro. Vai trazer, depois volta. Nó dá o outro 'tá morrer, vale a pena morrer ao lado da família, pra nó dá massada (Entrevista concedida pelo trabalhador João do Balombo, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Kwanza, Cazenga).

Ouvir a narrativa do João do Balomo, levou-me a pensar que a vida do trabalhador roboteiro perpassa por situação de precariedade naturalizada que exige um reconhecimento epistemológico da situação que estes se encontram (BUTLER, 2018), ou seja, envolve um enquadramento social destes indivíduos ou grupos sociais, tendo em conta as atividades diárias de reprodução de bens e serviços que estes exercem na sociedade.

Vale mensurar aqui que esta atividade não é precária somente por ser feito por homens em situação de deslocados ou desterrados das suas zonas de origem, mas também por condicionar toda uma realidade estrutural e ontológica destes sujeitos com outros trabalhadores não roboteiros, que muitas das vezes está relacionado com o desprezo e a negação destes corpos sociais, conforme afirma Butler (2018, p.15), que:

Quero demonstrar que, se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique repensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o comportamento social (BUTLER, 2018, p.15).

É também neste sentido que procuro entender a vida dos trabalhadores roboteiros, uma vez que sua existência não se explica por eles mesmos, e sim por um conjunto relacional de estruturas coercitivas que os condicionam a reproduzir a prática de robotagem como uma estratégia de sobrevivência ou de acumulação de bens simbólicos ou matérias.

Para Cristina Rodrigues (2003), a questão da precariedade das condições de existência leva à inevitabilidade da manutenção dos indivíduos na dependência das solidariedades dos grupos dos trabalhadores, porque estas são as únicas seguranças de proteção social. por isso, adianta Butler (2018), que apreender o roboteiro e a atividade que exerce como precário envolve todo um exercício de reconhecimento dos modos pelas quais estes são encarados na sociedade que estão inseridos. Durante a entrevista com Adão do Balombo, no dia 26 de Fevereiro de 2022, afirmou que:

As pessoas daqui te olha, te olha mesmo como pessoa que não presta. Mas eu que sei o motivo daquilo que estou a fazer, eu não tiro as coisas alheia. Eu faço do que eu consigo. É isso. Não tiro as coisas alheias e estou conseguir mesmo com o meu esforço (Entrevista concedida pelo trabalhador roboteiro Adão de Balombo, no dia 26 de fevereiro de 2022, no mercado dos Kwanzas, Cazenga).

Neste âmbito, percebi que os trabalhadores roboteiros e as atividades que exercem não eram vistas de forma formidável. Havia uma ruptura nas relações dos natos Luandenses com relação às pessoas oriundas do sul que desenvolviam a prática de robotar em Luanda, tratavam as práticas como uma atividade pejorativo, criando um conjunto de estereótipos sobre todo sujeito que viesse a exercer esta atividade ao mesmo tempo que usavam os seus serviços.

Para Butler (2018), se o reconhecimento caracteriza um ato, uma prática ou mesmo uma cena entre sujeitos, ou, então, a condição de ser reconhecido caracteriza as condições mais gerais que preparam ou modelam um sujeito para o reconhecimento. Assim sendo, isso envolve tanto o reconhecimento da atividade e o modo de vida destes trabalhadores enquanto prática não somente na admissão individual do trabalho, mas também através da relação com outros tipos de atividade laboral de cujo lucro o faz perceber a precariedade de cada um, por meio de relação de interdependência.

Utilizo o termo “precariedade” como um dispositivo de fuga e da não aceitação da realidade precária, porém como uma estratégia constante de resistência e existência de uma estrutura potencializada para violentar os grupos mais vulneráveis. As estratégias de sobrevivência dos trabalhadores roboteiros e de reprodução refiro a um conjunto de lógicas e práticas que articulam, que é fundamental no contexto das transformações e readaptações dos agentes na sociedade (RODRIGUES, 2003), que, muitas vezes perpassam também por situações de violências físicas e morais por parte de outros agentes sociais:

Sim. Esse trabalho aqui, há pessoas que me respeitam, há pessoas que nó me respeitam. Porque ‘esses que andam com carro de mão, tipo tamém são maluco’, yá. Nó terem trabalho. Eu já vi parar ali, eu estou passar com carro de mão, eu lhe disse ‘ó pai, com licença!’, ele me chamou de ‘burro’: ‘nó tem nada pra você fazer, seu burro merda!’ Até que arrespondeu é uma mamã que tá vender meia aí, só lhe concentrou, disse ‘ó pai, isso é palavra que você, ó pai que tem filho, isso é palavra que você expressa assim no irmão aí?’ Yá. Eu até tamém fiquei me’mo lhe olhar só assim, nó lhe disse nenhuma palavra, só fui! (Entrevista concedida pelo trabalhador António Kanda, no dia 4 de Agosto de 2022, nos Armazéns, Cazenga).

A violência sofrida pelos trabalhadores se dá por conta do não reconhecimento destes indivíduos enquanto sujeito, e, por outro lado, porque eles são encarados como sujeitos estigmatizados⁴² pelos seus jeitos aparentemente humildes, calmos, vulneráveis e deslocados. Desse modo, ao enquadrar os modos de vida dos roboteiros, pude perceber também que as suas experiências narradas não são integrais ou de um lugar específico com relação a violência, que, muitas vezes parte

⁴² Vale dimensionar que a construção do estigma enquanto identidade visual parte de Erving Goffman (2004), com pretensão de nos mostrar o quanto a relação com o diferente perpassa por relação de poder com outro ou alteridade como inferior. Neste trabalho, uso o conceito estigma para designar um atributo profundamente depreciativo, e que pode se destacar tanto na experiência da dominação do corpo, culpas de carácter individual ou coletivo, raça, nação ou religião e outros (GOFFMAN, 2004).

de suas resistências ou habilidades que elaboram a partir de seus lugares de precários como mecanismos de romper com estigmas construídos por terceiros.

Por isso, entendo que a precariedade enquanto uma experiência de vida implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de qualquer trabalhador, seja roboteiro ou não, necessariamente esteja sempre, de alguma forma, nas mãos do outro, em uma relação de interdependência constante, envolvendo respeito e aceitação da situação ou condição que o trabalhador se encontra (BUTLER, 2018).

Essa precariedade perpassa por uma relação de riscos e perigos tanto na experiência laboral dos trabalhadores como fora dela. Para tanto, procuro, entender os diferentes perigos que os trabalhadores enfrentam durante o fluxo de trabalho.

5.3. Risco no trabalho: experiências de roboteiros nos mercados dos Kwanzas e Armazéns

A primeira experiência que pude ouvir a partir dos relatos dos trabalhadores roboteiros foi acerca do desrespeito à dignidade humana, ou seja, a negação da atividade laboral exercida por estes homens, que, muitas das vezes, culmina em riscos ambientais de violência urbana. Conforme me relatou o trabalhador Bernardo do Benfica, no dia 4 de agosto de 2022, sobre a situação de insulto e desrespeito quando trabalhava numas dos bairros de hoje ya Henda:

Sim. Esse trabalho aqui, há pessoas que me respeitam, há pessoas que não me respeitam. Porque 'esses que andam com carro de mão, tipo também são maluco', yá. Nó terem trabalho. Eu já vi parar ali, eu estou passar com carro de mão, eu lhe disse 'ó pai, com licença!', ele me chamou de 'burro': 'nó tem nada pra você fazer, seu burro merda!' Até que arrespondeu é uma mamã que tá vender meia aí, só lhe concentrou, disse 'ó pai, isso é palavra que você, ó pai que tem filho, isso é palavra que você expressa assim no irmão aí?' Yá. Eu até também fiquei me'mo lhe olhar só assim, nó lhe disse nenhuma palavra, só fui! (Entrevista concedida pelo trabalhador Bernardo do Benfica, no dia 4 de agosto de 2022, no mercado dos Armazéns, Cazenga).

Quando me refiro aos riscos que os trabalhadores passam no exercício das suas atividades, procuro demonstrar de todo modo que são situações que não se restringem somente na falha técnica que possa vir resultar em ferimento físico, mas na dimensão moral e simbólica que estes vivenciam e que afeta diretamente a sua relação afetiva com a prática. Isso, todavia, estará presente choques diários das experiências contraditórias entre duas ou mais pessoas e que não terá necessariamente um resultado imediato (AREOSA, 2010).

É preciso perceber o risco, segundo João Areosa (2010), a partir das relações sociais que as pessoas vão estabelecendo uns com outros, que perpassam por configurações incontroláveis e contínuas. Nesse sentido, também destaco que o trabalhador roboteiro, na sua situação de limite, acaba enfrentando as relações mais brandas às mais difíceis, que nem a experiência do Alberto do Benfica, que teve sua renda do dia roubada, depois de um trajeto longo de atividade:

Ainda ontem fui trazer uma carga aí no quê, essa rua atravessar estrada. Chamam... dizem que 'na Antena'. Fui lá trazer uma arca, numa loja aí. Fui muito bem, mas todos já me concentraram. Na vinda como já voltei sozinho, me puseram numa roda. Graças três langas é que me tiraram naquele grupo, não me tiraram nada. Mas queriam! Yá, até [os langas] me fizeram companhia até na estrada. Aí nesses lados tem muitos marginais (Entrevista concedida pelo trabalhador Alberto do Benfica, no dia 4 de agosto de 2022, no mercado dos Armazéns, Cazenga).

Percebi, por meio desta narrativa, que a situação de roboteiro exige também segurança no trabalho, que perpassa muitas vezes não só nos acessórios, mas também na inteligência das zonas para onde atuar. Para tanto, Areosa (2010) defende que é preciso neste caso entender os riscos a partir dos seus contextos próprios e negar as experiências homogêneas dos lugares de atuação que envolvem bens culturais⁴³ não deslocados do sujeito que desenvolve uma determinada prática em que:

A essência do risco remete-nos sempre para algo condicional, isto é, está sempre presente uma certa dose de incerteza. Se o futuro fosse algo pré-determinado e indiferente das ocorrências do presente (atividades humanas ou forças da natureza), o termo não faria sentido (RENN apud AREOSA, 2010, p.12-13).

Estas condições perpassam por *habitus*, nas formas de se relacionar, agir, sentir e expor as atividades laborais, por meio de ações concretas que envolve toda uma solidariedade comunitária, através das redes de relações e impressões que os trabalhadores vão construindo ao longo do tempo, tendo em conta o trabalho local na

⁴³ Ao me referir ao conceito de bens culturais que o trabalhador deve ter no processo de tráfego nos bairros de Cazenga, limito-me a perspectiva de Pierre Bourdieu (2017), quando este apresenta três modalidades indispensáveis na projeção deste conceito. O primeiro, relativo ao seu estado incorporado, que se apresentar enquanto disposições duradouras que está em torno do trabalhador, quando por exemplo este usa o estrategicamente a sua pessoa para driblar certos riscos que perpassa pelas habilidades com tempo de trabalho, as habilidades comunicativas e leitura dos ambientes durante a venda. Por outro lado, temos os bens matérias que este possa usar para escapar dos riscos, raramente, eles estão armados, mas usam escondem os valores maiores e apresentam os pequenos para esquivar dos meliantes. Nesse sentido, o reconhecimento das suas habilidades é sempre questionado. Aberto para uma negação da inteligência destes trabalhadores, principalmente, pelas instituições (MARIA NOGUEIRA, 2017).

região de origem e pertencimento étnico, como mecanismo estratégico de antecipar por meio da informação de certos riscos (RODRIGUES, 2003).

Contudo, existem outros riscos que não estão necessariamente relacionados com a informação, bens culturais e recursos financeiros para ultrapassar os riscos que estes enfrentam na sociedade; estes outros perigos estão em torno de uma prática de grupo ou coletivo, que perpassa pela organização cultural dos trabalhadores.

Isto implica entender o grau de risco está também associado a todo um construto da natureza cultural (AREOSA, 2010). Nesse viés, o trabalhador Adão de Balombo afirmou que o risco no trabalho depende muitas vezes com o autocuidado do próprio trabalhador, através daquilo que busca ingerir durante a atividade laboral, que muitas vezes, pode ser pesado pela atividade que é exercido, como, por exemplo uma boa alimentação ou mesmo não usar bebidas alcoólicas durante a labuta:

Isso depende da alimentação. Você também tem que respeitar o teu corpo. Nó ta ver o carro, trabalha, mas você tem compra pneu novo, compra isso novo, yá. Compra leite. Um pouco de leite, simpre só. Eu na minha parte bebo só me'mo assim, simpre, pra limpar aquele lixo, yá. Agora se você trabalha com esse mambo, e chupeta [alcohol] também é contigo, pacote [whisky], ah, daí me'mo vai compra já autocarro, vai compra autocarro sem fatura (Entrevista concedida pelo trabalhador Adão do Balombo, no dia 4 de agosto de 2022, no mercado dos Kwanzas).

Percebi que não se deve interpretar os riscos culturais da atividade laboral dos roboteiros sem, no entanto, entender o processo construído por meio de relações sociais que estes desenvolvem no ambiente, com, por exemplo, quando pude perceber durante o campo, ainda no estágio da observação direta, uso constante de pacotes de whyski na mão dos trabalhadores como mecanismo de suporte para atender aquela atividade.

Na realidade, a experiência da atividade muitas vezes só acontecia quando o uso do álcool se fazia presente para os trabalhadores roboteiros. Isso também transparece em riscos materiais. Quando eles acabam por não suportar o peso, pois o material é sensível demais e envolve vidro, e temem levar para não ter correr o risco de quebrar e ter que reembolsar algo que pode lhe custar todo seu dinheiro ou mesmo uma vida de trabalho. Alberto de Balomo, em entrevista concedida em 4 de Agosto de 2022, confirmou que tem receio sempre de acarretar vidro por conta do perigo e, principalmente, quando chove.

Para tanto, procurei interpretar as diferentes representações simbólicas e materiais da pobreza na atividade laboral dos roboteiros, ou seja, para entender também a dinâmica da reprodução desta representação em Luanda.

5.4. Representação e reprodução da pobreza: experiências dos roboteiros no mercado dos Kwanza e dos Armazéns

A primeira coisa que me questionei ao querer entender a representação e reprodução da pobreza a partir da experiência dos trabalhadores roboteiros estava, num primeiro momento, relacionado com aquilo que foi a minha ida às províncias de Benguela, Huambo e Lubango, no ano de 2018, e me deparar com produção de subsistência agrícola massiva resultado de mão de obra das comunidades, em outro momento, associar aquela produção às comunidades com homens e mulheres em número reduzido ou mesmo desproporcional com a produção, e, posteriormente, ouvir os relatos de viagens constantes dos trabalhadores rurais às cidades de Luanda.

Levo-me a empreender a dimensão da representação e da reprodução da pobreza a partir da modalidade da distinção social, que não envolve só a questão raça, classe ou gênero, mas também a região como um critério indispensável no processo de classificação regional⁴⁴, conforme Maria Sousa (2001). Para isso, este processo perpassa por esquemas ou disposições interpretativos, tendo em conta os contextos de reprodução.

Nesse sentido, desafiei-me a contextualizar a realidade dos trabalhadores que atuam como roboteiros no mercado dos Kwanzas e dos Armazéns, mas com finalidade de entender a representação e reprodução da pobreza dentro daquilo que tem sido as suas trajetórias à capital. Nesse contexto, de acordo com a pesquisadora Maria Sousa (2001), a dimensão da representação da pobreza enquanto um construto simbólico está relacionado com uma dinâmica de luta interna ou externa de agentes que buscam legitimar um determinado ponto de vista, não só enquanto representação objetiva como também subjetiva.

⁴⁴ Apresento a questão da classificação regional a partir de um contexto histórico e social em que um determinado lugar ou região são reconhecidos por herdar bens simbólicos construído a partir de grupos hegemônicos ou estabelecidos em determinado período de tempo, cujo resultado se dá enquanto resposta estrutural e estruturante nos indivíduos que compartilha aquele mesmo região a partir de reprodução contínua ou descontínua, envolve geração e gerações (BOURDIEU, 2008).

Isso transpareceu na experiência de campo, quando me encontrava com o entrevistado o trabalhador Bernardo do Benfica no mercado dos Armazéns. Ele me demonstrou que a representação da pobreza permeia a dimensão simbólica da região e que não está somente na questão econômica, que acaba sendo mais consequência das narrativas construídas por àqueles que já passaram por lá:

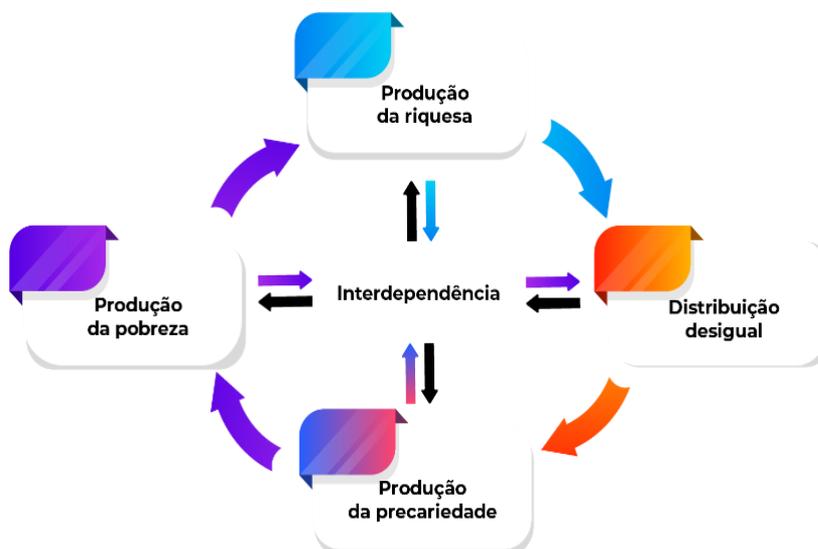
Ao perguntar que motivo o trouxe a Luanda? Ele respondeu de forma tão automático afirmando que é o trabalho. Perguntei se além dele alguém já tinha vindo à Luanda? Ele respondeu que já tinham vindo a Luanda a trabalho os tios, no período de 2007 a 2008. Perguntei se ele gostava de morar lá em Balombo? Ele respondeu que sim, de forma muito rápida. Quem te incentivou a vir a Luanda? Quando você trabalha parte da sua família. Você tem de fazer sentir...quando estudei o dinheiro não aparece muito. (Entrevista concedida pelo trabalhador Bernardo do Benfica, no dia 18 de Março de 2022, no Mercado dos Armazéns, Cazenga).

A dimensão simbólica da representação da pobreza começa logo com a classificação regional que estes ouvem dos trabalhadores que já migram à Luanda. Essa construção reflete de tal modo que a ir à capital se torna não mais espaço somente de trabalho e garantia à mobilidade social, mas transparece um lugar de privilégio para a pessoa que migra, tendo em conta os atributos ou bens acumulados historicamente que a cidade ganhara em diferentes modalidades.

Segundo Sousa (2001), todo o processo de representação é construído através de critérios que envolve uma triagem e uma determinada relação, que não dá conta da totalidade do real. Por mais que os trabalhadores roboteiros esperam através dos esquemas ou disposições pretéritas de outros trabalhadores existe toda uma dinâmica estrutural das mutações sociais, econômicas e políticas que torna possível ou não, a realização dos desejos ou interesses das idas à capital, ou seja, que possa vir a condicionar o sonho da realização própria, que se dá através da produção e reprodução da pobreza e da precariedade, cuja conversão⁴⁵ envolve superar essas estruturas.

⁴⁵ Quando apresento a categoria relativo a categoria de conversão refiro-me no intermédio da disposição em relação ao futuro, que, por sua vez, é determinada pelas oportunidades objetivas de reprodução do grupo em termos de mobilização para outras áreas mais bem estável que depende do volume atual e potencial do bens econômico, cultural e do social que o indivíduo ou grupo tem enquanto patrimônio (BOURDIEU, 2008).

Imagem 9 - Produção e Reprodução da Pobreza



Fonte: esquema construído pelo próprio autor (2022)

Pude demonstrar através da conversa que desenvolvi com o Adão de Balombo, quando o perguntei se queria ficar para sempre em Luanda, ou seja, o questionei a razão que não lhe tiraria da sua terra natal e ele respondeu o seguinte:

Pelo menos, se a pessoa conseguir uma ajuda...por exemplo, eu na minha parte, se eu conseguir, no mesmo município conseguir um pouco de serviço, né, pelo menos se a pessoa vai receber 20 ou ou 25 mil, a pessoa pode trabalhar, normalmente, porque é já do lado da família, imagina só nos deixamos as criança, mboa [mulher] e toda família. (Entrevista concedida pelo trabalhador Adão do Balombo, no dia 4 de Agosto de 2022, no mercado dos Kwanzas, Cazenga).

Percebi, então, que essas idas e voltas não representam somente pobreza, mas também estratégia de resistência e existência entre lugares que está em torno do agente, produtor de representações e de classificação não só de si, porém da região em que se encontra inserido, de igual modo que ao mesmo tempo que ele narra a história da capital, narra a si mesmo, enquanto parte desta representação e que se materializa através das experiências socialmente construídas.

Quando chegou em Luanda? Em 2019. Venho a Luanda com quem? Vim sozinho. Para que? A trabalho. Antes, fazia o que? Trabalhava no campo. Tinha como fazer dinheiro? Dava dinheiro. Por que trocou com Luanda? Troquei porque aqui dá mais dinheiro. E antes de vir aqui já alguém da família tinha vindo pra Luanda? antes de vir já tinha pessoas que vieram, como meu pai e mais dois irmãos dele e mais um filho que é o meu irmão (Entrevista concedida pelo trabalhador António de Balombo, no dia 18 de Março de 2022, no mercado dos Kwanzas, Cazenga).

Nesta conversa com o trabalhador António de Balombo, pude perceber, a partir de sua narrativa, que a representação da pobreza se dá também através da ausência de dinheiro. A dimensão simbólica da acumulação de dinheiro nem sempre é realizada pelos trabalhadores que cá vem, mas tende a apresentar o principal motivo da migração constante de todos os trabalhadores entrevistados que está presente tanto nos próprios agentes e agencias que produzem a pobreza como estratégia de retiro (SOUSA, 2001).

Portanto, afirma Sousa (2001):

A identificação de um determinado grupo como pobre não se restringe à particularidade da condição de se ter ou não uma determinada renda; pertencer a uma determinada classe social; de adotar práticas culturais específicas; de possuir determinados comportamentos, mas sim, na forma como tais condições são apreendidas e determinadas simbolicamente (SOUSA, 2001, p.15).

Nesse viés, quando entrevistei o trabalhador Justino de Londuimbali, ele afirmou que a atividade agrícola lhe possibilitava fazer dinheiro também, mas não na quantidade de Luanda, e que às vezes tinha produção e não tinha como escoar para capitalizar. Isso vai culmina em idas constantes e voltas em busca que dinheiro para atender as demandas do campo e outros bens materiais ou simbólicos.

Quando perguntei se gostava da atividade agrícola? Ele respondeu com firmeza. Perguntei o que ele plantava? Respondeu que na lavra dos pais saia milho, feijão, mandioca e batata. Esses produtos vendíamos na praça da Alemanhã. Era pouco produto. Perguntei então quanto produziam de quilos? Respondeu que 150 quilos e que vendiam um quilo por 100 kwanzas. O que lhe trouxe a Luanda? O que me trouxe a Luanda é a falta de condições no Huambo. Que condições? Emprego. Então, questionei o que ele gostaria de ganhar para lhe manter no Bailundo? Ele respondeu que qualquer salário no valor de 30.000 Kz. Perguntei se venho a Luanda por iniciativa própria? ele disse que teve ajuda de quatro amigos que trabalham com agricultura em Caxito, província do Bengo. Questionei por que não ficou em Caxito também? Ele disse que já cresceu trabalhando com a terra e que já estava aborrecido da mesma. Quero um trabalho que posso ajudar a minha família. Perquentei se alguém da família já tinha migrado também? Respondeu que era o único da família a migrar. (entrevista concedida pelo trabalhador Justino de Londuimbali, no dia 26 de março de 2022, no mercado dos Armazéns, Cazenga).

Por outro lado, percebi também que não se tratava só de ter muita produção, mas também de uma crise de identificação com o tipo de trabalho que condicionava uma nova geração que não queria mais exercer as mesmas funções dos pais, o que envolve toda uma contradição com os contextos e a realidade desses

trabalhadores; para isso é indispensável entendê-los considerando as suas representações diferenciais e suas significações contextuais (SOUSA, 2001).

Quando questionei a dimensão simbólica de Luanda enquanto representação ideal de fixação e reprodução contínua de um modo de vida não precária não só para eles, mas também para suas famílias, a maioria dos trabalhadores negaram ao afirmar que a capital seria somente este lugar estratégico de acúmulo de bens e não permanência.

Sente saudade de Balombo? Tenho mais saudade em Balombo de alguns familiares que ficaram lá. Não pretendo ficar aqui fora sempre. Praticamente, para mim este é o meu último ano. Algumas condições vão me fazer que eu tenho que voltar. Tenho de tratar os documentos do meu pai e dos meus filhos também, tem que estudar lá. Aqui não estão estudar. A primeira tem 7 anos, segunda 4 e o último 3 anos. É duro morar em Luanda. Apesar que já acostumei, mas é duro. Estou com 31 anos de idade (Entrevista concedida pelo trabalhador roboteiro Gomes de Benfica, no dia 26 de março de 2022, no mercado dos Armazéns, Cazenga).

Portanto, pude compreender que toda construção das narrativas sobre a representação da pobreza relativa aos trabalhadores roboteiros, enquanto sujeitos produtores e reprodutores de bens materiais e simbólicos, perpassa muito além da perspectiva econômica em que a pobreza é apresentada através de cálculos monetários, porém vai de em conta a abordagem comunitária em que maior contribuição se dá a partir de não negação ou passividade da racionalidade dos grupos subalternos, mas sim através de criatividade constante de um modo de raciocínio, ou ainda, na perspectiva antropológica em que a produção, na construção e na representação da pobreza que devem ser vistas nos contextos cultural, social, econômico e histórico, local e global porque estes domínios interagem e influenciam-se (MAHUMANA, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo por considerar a questão que me levou a empreender esta pesquisa cuja finalidade estava em analisar os fluxos migratórios em Angola, adotando como referência empírica o deslocamento dos trabalhadores das comunidades rurais durante o período pós-guerra civil e os seus atuais modos de vida como roboteiros em Luanda.

Assim sendo, levantei as seguintes questões: quais os fluxos migratórios, locais de origem e os determinantes da migração dos trabalhadores das zonas rurais que atualmente trabalham como roboteiros em Luanda? Quais dinâmicas do trabalho presentes na prática de robotar ou robotagem? Quais possíveis identidades (coletivas e individuais) de roboteiros e os espaços sociais por eles ocupados? Quais as configurações sociais e os modos de vida de roboteiros em Luanda?

Estas questões levaram-me a desenvolver cinco objetivos específicos. Num primeiro momento, busquei realizar um exercício epistemológico e reflexivo sobre o campo e os sujeitos das pesquisas, tendo em conta as variações sociais que determinaram de forma estrutural na realização da mesma. Além disso, contextualizei sócio-historicamente a migração de trabalhadores rurais à Luanda, de tal modo, que demonstrei a partir da identificação dos fluxos migratórios tanto da origem como o local de chegada dos trabalhadores. Assim feito, analisei uma configuração do mercado informal e as suas formas de organização historicamente estabelecidas com destaque a prática de robotar, construindo as identidades tanto coletivas como individuais dos trabalhadores.

Outrossim, elaborei, num primeiro momento, uma discussão metodológica que ajudou não só a compreender as abordagens e os instrumentos (teoria e prática) a serem utilizados durante o percurso da pesquisa como também a exercitar a imaginação reflexiva por meio do objeto ou sujeito em análise (Trabalhadores migrantes). Empreendo de forma teórica, os métodos de estudos sobre a trajetória dos trabalhadores rurais, por meio das narrativas de vida, em Luanda. Essa discussão me permitiu demonstrar as opções necessárias de uma pesquisa em andamento a partir de uma leitura crítica as mediações entre os sujeitos da pesquisa por meio da

sociologia da ação social, isto é, em determinado tempo-espacial na construção do conhecimento científico.

Procurei também identificar os fluxos migratórios de trabalhadores das diferentes províncias de Angola a cidade de Luanda. Para tanto, pude entender, durante a pesquisa, que a formação histórica e social da cidade de Luanda e a sua organização geográfica e demográfica são pontos indispensáveis na compreensão da migração interna em Angola.

A questão da migração de trabalhadores rurais à capital, considerando os diferentes contextos conjunturais que o país enfrentara desde o período da independência até o fim da guerra civil, tornara cada vez mais compreensível tendo em conta os documentos demográficos das províncias de Luanda, Benguela, Huambo durante o período pós-independência até o fim da guerra civil em Angola.

Isso me possibilitou analisar as diferentes formas que os trabalhadores constroem as suas identidades, considerando o espaço de atuação, isto é, o local de origem e na região de moradia a trabalho. Percebo que este processo de construção de identidade perpassa por uma relação constante de diferença e que não se reproduz em todos lugares e que atravessa sonhos, desejos e estratégias de superação de uma lógica estrutural de uma atividade estigmatizada.

Analiso também as narrativas e as experiências laborais destes agentes sociais no mercado dos armazéns e dos Kwanzas, considerando os desafios diários que eles enfrentam. Demonstra, do mesmo modo, como as relações trabalhistas perpassam por uma estratégia ou racionalidade cujo propósito está numa lógica de produção de bens e serviços ainda muito precário.

Para tanto, fiz uma discussão voltada para as questões sociais, tendo em conta a representação da precariedade, risco e pobreza na vida dos trabalhadores roboteiros, a partir das diferentes estratégias de organização e sobrevivência que estes desenvolvem em Luanda. Assim, desenvolvo um panorama conceitual sobre as questões sociais, considerando a sua historicidade e as mutações sofridas em diferentes sociedades.

Por outro lado, procuro empreender a representação da precariedade, riscos e da pobreza, no âmbito da atividade laboral dos roboteiros, considerando as relações sociais e das constantes contradições objetivas e subjetivas dos modos de produção

e reprodução de bens simbólicos e matérias nos mercados dos Kwanzas e dos Armazéns. Considero que não é possível entender as lógicas da produção e reprodução das vidas em situação de precariedade, risco ou pobreza sem apreender os modos estruturais e estratégicos de resistência e sobrevivência socialmente estabelecidos por meio de uma experiência prática.

Ademais, adianto que, em todo o processo de produção desta tese, atravessei momentos de muita dificuldade que não me permitiram atender questões relevantes sobre a realidade dos trabalhadores, uma vez que o tempo da pesquisa permitiu-me ter acesso somente à realidade dos trabalhadores nas suas áreas de atuação do mercado (Kwanzas e Armazéns), impossibilitando uma maior compreensão vivência destes nas suas respectivas residências em Luanda.

Além disso, não pude registrar as experiências de campo ou fotografar os momentos em que estava atuando, uma vez que eles não permitiram e tive que respeitar, o que me levou a fotografar as atividades em longas distâncias. Durante a pesquisa, a comunicação dos primeiros contatos foi muito difícil e os obstáculos linguísticos transpareceram em alguns momentos da pesquisa. Precisei melhorar a escuta para evitar constrangimento na transcrição.

Durante este processo, contei com colegas da Universidade Agostinho Neto, que me ajudaram em muitos momentos de entrevistas e organização dos textos, o que facilitou bastante na construção deste documento público e científico. Ademais, esclareço que todos os erros e incompreensões presentes neste trabalho são resultados, muitas das vezes, do tempo de produção, o que pode vir a ser melhorado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABOIM, Sofia. **Masculinidade hegemónica e pluralidade no masculino**: rumo a novos hibridismos de género. In: O que é masculinidade? Editora escolar: Lisboa, 2017 (p. 11-48).
- ALVES, M.A e TAVARES, M.A. A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização. In: Ricardo Antunes (organizador). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ALVES, M. A. **“setor informal” ou trabalho informal? uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade**. Campinas, Dissertação, 2001.
- AMSELLE, Jean-Loup. **Etnias e espaços**: por uma antropologia topológica. IN.: No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África. RJ, vozes: Petrópolis, 2017 (p.29-74).
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARAUJO, Abreu. **Memória, mediação e campesinato**. As representações de uma liderança sobre as lutas camponesas da Pré-Amazônia Maranhense. Edições UEA: Manaus, 2010.
- AREOSA, João. **O risco nas ciências Sociais**: uma visão crítica ao paradigma dominante. Revista Angolana de sociologia: Luanda, 2010 (p.11-34).
- BALANDIER, Georges. **Sociologia das Brazzavilles Negras**. Edições Mulemba: Luanda, 2013.
- _____. **A noção de situação colonial**. In: Sociologie Actuelle de L’Afrique noire: dynamique sociale en Afrique centrale. Puf: Paris, 1963 (p.107-131)
- BATSÍKAMA, Patrício. **Nação, Nacionalidade e nacionalismo em Angola**. Editora Mayamba: Luanda, 2016.
- BECKER, Howard. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2009 (p.7-130).
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. EDUFRN. Natal; Paulus. São Paulo, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. RJ: Vozes: Petrópolis, 2015.

_____. **Compreender**. In.: A miséria do mundo. RJ: Vozes. Petrópolis, 2012.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. Edusp: São Paulo; RS, Zouk: Porto Alegre, 2008.

_____. **Meditações Pascalinas**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2007.

_____. **A ilusão da Biografia**. In.: Usos e abusos da história oral. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Papyrus: Campinas, 1996.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.

CARVALHO, Paulo de. **Exclusão social em Angola**: o caso dos deficientes físicos de Luanda. Editora Kilombelombe. Luanda, 2016.

DILOWA, Carlos. **Contribuição à História Económica de Angola**. Editorial Nzila: Luanda, 2000.

DOMINGOS, A.A.X. **Trabalho e informalidade na Angola contemporânea**. In: Kwanissa, São Luís, nº 2, p. 71-90, jul/dez, 2018.

_____.
DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Ícone: São Paulo, 1994.

FELIX, Manuel. **Manual Prático de Demografia**. Editora Mayamba: Luanda, 2015 (p.221-241).

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar: Rio de Janeiro, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Vozes: Petrópolis, 2011 (p.13-94).

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Vozes: Petrópolis, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Centauro: São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura & Representação**. Editora Apicuri & PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2016.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora DP&A: Rio de Janeiro, 2011.

HOUNTONDJI, Paulin. **Conhecimento de África, conhecimento de africanos**: duas perspectivas sobre os estudos africanos. IN: Epistemologias do Sul. Cortez: São Paulo, 2010 (p.131-144)

IAMAMOTO, Marilda. **A questão Social no Capitalismo**. In: Revista da Associação brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Editora Grafile: Brasília, 2001 (p.09-33).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Relatório de Pobreza para Angola**. Editora INE: Luanda, 2020.

_____. **Relatório de Pobreza para Angola**. Editora INE: Luanda, 2016.

Inquéritos sobre Despesas e Receitas dos Agregados Familiares em Luanda – Ministério do Planeamento de 1990.

Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População (IBEP), INE, 2008-2009.

Tavares, M.A. Trabalho “informal”: os fios (in)visíveis da produção capitalista. In: Revista outubro. nº 7, 2002.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. IN.: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. RJ. Vozes: Petrópolis, 2014 (p.254-294).

KAPHAGAWAINI, Didier; MALHERBE, Jeanette. **African epistemology**. IN.: Goethee, Peter H.; Roux, Abraham P.J. (eds). Tradução: Marcos Rodrigues. The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002 (p.219-229).

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. RJ, Vozes: Maceió; RJ, Vozes: Petrópolis, 2013.

LAHIRE, Bernard. **Patrimônios de disposições**: para uma sociologia em escala individual. In: Dossier Bernard Lahire. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2017.

_____. **Variações de contextos nas ciências sociais**: observações epistemológicas. In: Dossier Bernard Lahire. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2017.

_____. **A fabricação social dos indivíduos:** quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. Educ.Pesqui: São Paulo, 2015 (p.1393-1404).

_____. **Retratos sociológicos:** disposições e variações individuais. Artmed. Porto Alegre, 2004.

LOPES, Carlos. M. **Candongueiros, kinguilas, roboteiros e zungueiros: uma digressão pela economia informal de Luanda.** VIII Congresso Luso-Afro-brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

_____. **A economia informal em Angola: breve panorâmica,** Revista Angolana de Sociologia, 14 | 2014, 61-75.

MAHUMANA, Narciso. **Ideias e perspectivas de representação da pobreza.** Editora Escolar: Lisboa, 2015 (p.59-90).

MANUEL, Adilson; SILVA, Octávio. **Haim Paulista em São Paulo e Cazenga em Luanda, uma observação comparada.** USJT: São Paulo, 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila. **Ser migrante:** implicações territoriais e existenciais da migração. Rio de Janeiro (v. 27, p. 407-424, dezembro 2010).

MARQUES, Pâmela; GENRO, Maria. **Por uma ética do cuidado:** em busca de caminhos descolonias para a pesquisa social com grupos subalternizados. Araraquara. São Paulo, 2016 (p.323-339).

MALAGUTI, M.L. **Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado.** São Paulo, Boitempo, 2000.

MENEZES, Marilda. **Migrações e mobilidades:** repensando teorias, tipologias e conceitos. In: Migrações: implicações passadas, presentes e futuras. Cultura acadêmica. São Paulo, 2012.

MENEZES, Solival. **Mamma Angola:** sociedade e economia de um país nascente. Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

MILLS, Wright. **Do Artesanato Intelectual.** In: A imaginação Sociológica. Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1965.

MOURA, Flávia. **Migrações e Trabalho:** a busca pela sobrevivência de camponês brasileiros e angolanos. Revista de Ciências Sociais: Fortaleza, 2022 (p.181-214).

NETTO, José. **Cinco notas a propósito da “questão social”**. In: Revista da Associação brasileira de ensino e pesquisa em Serviço social. Editora Graflina: Brasília, 2001 (p.41-49).

OBSERVADOR. **Covid-19. Angola anuncia mais 340 casos, três mortes e 74 recuperados**. Disponível em: <https://observador.pt/2021/10/03/covid-19-angola-anuncia-mais-340-casos-tres-mortes-e-74-recuperados/>. Acesso em: 05/10/2021.

PEREIRA, Gilson; CATANI, Afrânio. **Espaço social e espaço simbólico**: introdução a uma topologia social. Perspectiva: Florianópolis, 2002 (p.107-120).

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, 1992 (p.200-212).

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-fenart. Ed. Unesp: São Paulo, 2011.

QUEIROZ, Francisco. **Economia Informal: o caso de Angola**. Luanda, Almedina, 2016.

ROSENTHAL, Gabriele. **História de vida vivenciada e História de vida narrada**: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. Civitas: Porto Alegre, 2014 (p.227-249).

RODRIGUES, U. Cristina. **Trabalho assalariado e estratégias de sobrevivência e reprodução de famílias em Luanda**. Luanda, 2003.

SAMBA, Simão. **Trabalho informal em Luanda**: luta e persistência dos jovens migrantes. Cortez. São Paulo, 2018.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. Editora Perspectiva: São Paulo, 2001.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Mercado de Trabalho, ontem e hoje: informalidade e empregabilidade como categorias de entendimento. In: Santana, Marco Aurélio; Ramalho, Jose Ricardo. **Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SINGER, Paul. **Economia Política do Trabalho**. São Paulo: Hucitec, 1977.

SOUSA, C.N et al. “(in) formalidade do trabalho: uma interpretação dialética do trabalho no Brasil e no Pará. Moura, Flavia de Almeida; Teixeira, Tadeu Gomes; Keller, Paulo Fernandes. In: **Trabalho em contexto de crise: regulação, informalidade e tendências setoriais**. São Luís: EDUFMA, 2016.

SOUSA, Maria. **A pobreza como representação: o que faz um agente social ser considerado pobre no programa comunidade solidária.** Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2001.

UGÁ, Viviam. **A questão Social como pobreza: crítica à conceituação neoliberal.** Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2008.

VISENTINI, Paulo. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia.** Editora Unesp: São Paulo, 2012.

VIVEIROS, Mara. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América.** Papéis Selvagens: Rio de Janeiro, 2018.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Editora Universidade e Brasília: Brasília, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Relatório de pesquisa: Observação e exploração de Campo

Hoje, às 9:30 minutos, sábado, do dia 19 de fevereiro de 2022, tive a primeira experiência de campo, na rua Porto Santo, a caminho do mercado dos Kwanza. O objetivo deste encontro foi fazer um estudo de observação sobre a atuação dos trabalhadores roboteiros naquela região e conhecer os trabalhadores que atuam naquela zona. Na ocasião, pude encontrar um grupo de cinco trabalhadores acompanhados com seus respectivos carros de trabalho.

Aproximei-me a eles e saudei com um aperto de mão. Notei o estranhamento. Acredito que eles pensaram que fosse um cliente querendo o serviço deles. Apresentei-me dizendo o meu nome [...] e a carteira de estudante do Brasil. Pegaram na carta e aproximaram para confirmar o que eu estava a dizer. Um deles segurou e leu durante segundos e passou para outros companheiros. Eles prestaram atenção no que iria dizer depois.

Comecei a falar da minha trajetória em Angola. Falei que era angolano - pensei na questão de estranhamento do meu sotaque – uma vez que eu me encontro apenas a caminho de dois meses no país de origem, depois de ter passado quase 8 anos fora de Angola. Comentei da minha vivência no bairro do Cazenga relativo aos anos que residi até a minha ida pra o Brasil.

Expliquei da minha presença naquele momento. Disse que tinha partido a estudo para o Brasil no ano de 2013, na qual tive oportunidade de fazer o curso de Comunicação Social-Habilitação Jornalismo, que teve a duração de mais de 4 anos. Nesta formação, conheci a minha professora- uma mulher brasileira. Ela me orientou e formei. Posteriormente, passei no mestrado que acabei ficando mais dois anos de estudos.

Então, decidimos em 2018 vir à pesquisa em Angola, junto com a minha professora brasileira, em três províncias como: Benguela, Huambo e Huila. No momento me deu um apagão. Eu queria lembrar o município e a comuna que tinha ido lá em Benguela. Mas não me vinha a cabeça. Lembrei que tinha no celular e recorri logo a um trabalho que havia apresentado que continha as fotografias do campo.

Assim que recuperei as imagens no celular, fui mostrando a eles os slides. Não tardou, e encontrei a imagem de Benguela com o rosto do Soba e no nome da aldeia- Ndende Sede. Eles, ao avistarem a fotografia do líder político tradicional daquela religião, sentiram-se mais abertos para conversar comigo.

Um dos senhores aparentemente mais velho disse que conhecia o lugar. Aproveitei a brecha da sua forma mais à vontade, perguntei a região que eles moravam lá em Benguela? Ele respondeu em seguida afirmando que todos moravam no município de Balombo. Segundo ele, é o último município que faz fronteira com Huambo.

Perguntei se já havia muito tempo que todos eles estavam em Benguela, só para entender o trajeto temporal de cada um deles, eles foram respondendo as suas vindas à Luanda – que estava entre 2020 a 2022- o tempo pertinente para a pesquisa, sem deixar de reconhecer que eram sujeitos migrantes, outro elemento indispensável que pude encontrar no processo de interação com aqueles trabalhadores.

Não obstante, procurei conhecer os lugares de suas residências e disponibilidade para execução de uma intermediação que possa me ajudar no processo de deslocação para conversar com eles. Apenas um trabalhador disse que morava distante do trabalho. Os outros quatro residiam mais perto do trabalho, porém o que morava distante não mostrara desinteresse em participar do projeto, algo que deixou mais motivado para investir naqueles trabalhadores como sujeitos de pesquisa.

Em seguida, solicitei os contatos para uma possível aproximação em termos relacionais. Eles escreveram os seus próprios números e seus respetivos nomes. Isso me deixou mais confiante para regressar. Disse a eles se poderia voltar mais vezes pra lá e conversar sobre o trabalho que eles faziam. Disseram que não tinha problema nenhum. Deixei também o meu contato para eles e marquei um próximo encontro para o sábado.

Experiência na Rua dos Armazéns (dia 19 de fevereiro de 2022)

Num segundo momento da pesquisa, fui até as ruas dos armazéns 3km de distância do mercado dos Kwanzas. Onde me deparei com um trabalhador roboteiro que estava regressando da viagem. Aparentemente cansado e com bastante suor no rosto. Busquei de forma mais educada para bordar e pedir para conversar. Disse que

necessitava do trabalho dele e que precisava de mais homens. Ele respondeu que os seus colegas estavam de atividade em outras zonas não muito perto. Então, continuei questionando onde poderia marcar com ele e poderia realizar o trabalho. Ele mostrou o armazém ao lado e disse que era o lugar que eles costumavam a ficar sempre, e qualquer coisa seria mais fácil ir até lá.

Não tardou, ele pousou o carro e se sentou em cima dele. Eu me aproximei e avistei um ferro ao lado e me sentei. Comecei a me apresentar à ele. Disse que era pesquisador da área do trabalho. Mostrei a minha carteira de estudante. Falei que estudo no Brasil e que estava a realizar um trabalho sobre a vida dos trabalhadores roboteiros em Luanda. Voltei a me apresentar, mas desta vez historicizando a minha trajetória de Angola ao Brasil.

Em seguida, perguntei pelo nome e de que região ele era...ele estava um pouco tímido. Acredito eu por estar só, diferente do primeiro momento que estavam em grupo. Ele talvez não tinha muita certeza do que eu queria. Então, apresentei o meu documento novamente depois da apresentação, uma vez que ele não estava muito à vontade para conversar e eu não estava aí para forçar uma conversa. Mas ele chegou a responder que era de Mukubal, uma região de Benguela, e que se chamava “To te ver”. Obviamente, um nome fictício ou um apelido como dizem em Angola.

Todavia, procurei saber quanto tempo ele se encontrava em Luanda. Ele disse que acabara de chegar e não fazia muito tempo. Em tom de brincadeira, disse a ele que estava muito dinâmico ao vê-lo com um carro de mão cansado e trabalhando duro. Ele disse que comprou no mercado do Kikolo. Apontei a fonte de produção do carro de mão com perspectiva de ir conhecer a realidade de produção dos carros.

A conversa não estava fluindo, por perceber pelo tom de cansaço, busquei saber mais coisas práticas. Nesse sentido, perguntei da possibilidade de obter o contato – dele, mas ele retrucou rápido dizendo que não tinha. Em seguida, acrescentou que bastava vir até o Armazém para lhe encontrar.

Então, marquei um segundo encontro para o próximo sábado, dia 26 de fevereiro de 2022, às 10 horas da manhã. Sem mais, despedi-me dele e disse que voltaria sem falta.

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

Entrevista com trabalhadores no mercado do Kwanzas/ Cazenga (26 de fevereiro de 2022)

O: Bom dia! O papa vai falar o primeiro e o último nome.

E: [Abreu António] [Adão de Balombo]. Concebo essa entrevista para efeito científico.

O: Concordas mesmo?

E: Concordo (risos).

O: hoje vamos conversar sobre aquilo que tem sido a sua trajetória a Luanda. Gostaria de saber onde moravas antes de vir pra Luanda. Para falar um pouco sobre o lugar onde morava?

E: Eu sou de Benguela. Saiu de Benguela no município de Balombo.

O: Morava com quem papa?

E: Morava na minha casa.

O: Isso. Tinha família?

E: Tem.

O: Quantos filhos?

E: Tenho 4 filhos.

O: Lá morava com os filhos e a esposa?

E: sim. Exatamente.

O: Lá trabalhava de que?

E: Lá trabalhava nas minhas lavras.

O: era lavra grande ou pequena?

E: lavra normal.

O: Como é morar em Balombo? O que pai fazia no dia a dia?

E: é só trabalhar e cultivar. É isso.

O: Quem fez com que o pai viesse para Luanda?

E: isso é termo da miséria. Aquilo você quer não aparece. Por isso que viemos para Luanda para adquirir um pouco de dinheiro. Para conseguir viver com as crianças.

O: O que mano Abreu quer?

E: Isso é só para sobrevivência.

O: O que mano Abreu gostaria de ter para viver em Benguela? Para poder estar com os filhos perto, o que falta lá em Balambo? O que não tem lá?

E: sobretudo é só dinheiro que não tem lá. É só isso que nos trouxe aqui. Trabalhar dinheiro para viver bem.

O: tem outras coisas também que falta lá?

E: tem algumas coisas.

O: energia tem lá?

E: energia tem, mas é muito pouco.

O: Água?

E: água, é porque tem rio grande ao lado do município não é só muito sofrimento de água. Se água não tem no bairro vai só tirar no Rio.

O: como foi a vinda à Luanda?

E: É muito difícil.

O: como fazem pra vim a Luanda?

E: está vendo o nosso trabalho como a gente está com ele. Estamos empurrando charrua (carro de mão) risos, não tem como fazer, é isso. Aquilo que homem consegue fazer é isso. É isso que temos pra fazer. Ainda vamos fazer pra ver se vamos encontrar a sorte da vez.

O: é muito caro vir pra Luanda?

E: é muito.

O: Quanto que vocês gastam pra vir pra Luanda?

E: Esse tempo é 12 mil kwanzas. (Equivale 120 reais).

O: como fazem pra conseguir os 12 mil kz?

E: Aqui assim tem que lutar. Aqui em Luanda não é na lavra.

O: em Benguela?

E: sim, tira mesmo na lavra. Aquele dinheiro que tira na lavra vai juntando e fazer passagem.

O: o que vos atrai em Luanda?

E: quando você chega aqui se preocupa com o próprio carro de mão. É que faz dinheiro rápido. Porque dinheiro entra diariamente. Se tem no mesmo dia o dinheiro aparece.

O: Quanto que tira pelo menos por dia?

E: depende só do dia.

O: quando está ótimo quanto que faz?

E: Se está bom faz 3.000 mil kwanzas ou 4.000 kwanzas.

O: uma corrida é quanto?

E: depende da carga que você tiver.

O: a carga pesada?

E: ou 1000 kz ou 2000 kz.

O: a carga leve 150 kz.

O: a distância?

E: meio quilômetro.

O: como as pessoas de Luanda olha vocês trabalhando?

E: nesse tempo as pessoas não tem muita dificuldade. No tempo atual estava mesmo male, mas esse tempo está mesmo bem. Se tem alguma coisa que está te incomodando assim também fica mal. (Percebe-se a não percepção da pergunta e procurei refazer a mesma questão, porém de uma outra forma).

O: as pessoas tem preconceito por ser de Benguela?

E: isso, bem porque nós viemos pra trabalhar. As pessoas daqui se olha, te olha mesmo como pessoa que não presta. Mas eu que sei o motivo daquilo que estou a fazer.eu não tiro as coisas alheia. Eu faço do que eu consigo. É isso. Não tiro as coisas alheias e estou conseguir mesmo com o meu esforço.

O: Mano, estava olhando para o vosso trabalho, você preferia estar trabalhando essas horas em Luanda ou Benguela?

E: esse tempo ainda é aqui em Luanda. Depois estou lá em Benguela.

O: se for pra fica?

E: Gosto mesmo da minha província. Lá é bem melhor.

O: Mano, obrigado pela entrevista. Nós vamos estar aqui conversando e estarei aqui para apresentar todo relatório.

**Entrevista concedida no dia (26 de fevereiro de 2022) na rua Porto Santo,
mercado dos Kwanzas**

O: Primeiro e o ultimo nome: Luciano Milton.

O: Quantos anos tens 24.

E: Concebo essa entrevista para efeito ou fins científico.

O: você concorda mesmo?

E: Risos.

O: Fala um pouco de onde você veio? Onde morava antes de vir pra Luanda?

E: Cidade da Cruz.

O: Fica aonde a cidade da Cruz?

E: onde eu fico? É mesmo em Santa Cruz.

O: Lá morava com quem lá?

E: Morava sozinho.

O: Não tem mulher?

E: Não, não tenho.

O: E filhos?

E: filho também não tenho.

O: e lá trabalhava?

E: sim.

O: Trabalhava com o que?

E: Cultivar.

O : o que você cultivava lá?

E: cultivava mandioca e cana. É isso.

O : era bom?

E: é bom.

O: Porque deixou de cultivar pra vir a Luanda?

E: Aqui é mesmo pra procurar mesmo dinheiro.

O: E lá não tem dinheiro não?

E: Não tem.

O : é dinheiro que te trouxe aqui em Luanda. Lá tem pouco dinheiro?

E: Lá tem pouco.

O: como era morar lá, tem muita coisa boa?

E: Não. Não tem.

O : você gosta daqui de Luanda?

E: Não, não gosto daqui. Aqui é só pra procurar dinheiro.

O: Lá tem coisa boa?

E: Não, não tem.

O: O que você fazia fora de cultivar?

E: era só pra comer mesmo.

O: Trabalhava pra comer? Não vendia?

E: Não.

O: estas com vergonha né?

E: não.

O: como foi a vinda pra Luanda?

E: foi difícil. Vim na minha custa mesmo.

O: Como conseguiu dinheiro?

E: em cultivar aquela mandioca mesmo pouco a pouco.

O: foi muito caro a passagem?

E: chegamos 15....

O: quanto foi de passagem?

E: foi 9 mil kwanzas.

O: as pessoas de Luanda como eles olham o vosso trabalho?

E: eles olham mais ou menos.

O: como? Eles gostam?

E: Isso é sofrimento.

O: que eles falam do vosso trabalho?

E: Nada.

O: preferes trabalhar lá em Benguela lá ou aqui?

E: aqui vou trabalhar só pouco e depois vou voltar.

O: Preferes trabalhar lá então do que aqui em Luanda?

E: Sim.

O: Pois é, Luciano, vou lhe fazer aqui a última pergunta. você estas a gostar de trabalhar aqui?

E: Estou a gostar.

O: o que tem de bom que você gosta mais?

E: só dinheiro mesmo.

O: se não tiver dinheiro não vai ficar aqui?

E: Se ficar aqui vou tirar aonde a passagem.

O: foi bom conversar com você. Depois regresso pra conversar com outros manos. Obrigado.

As duas experiências de hoje se deram num ambiente de muito movimento. Não só por conta do feriado, mas também pela dinâmica do bairro, que é perto do mercado do Kwanzas. O fluxo pessoas é contínuo. Destarte, estávamos perto de uma parada de táxi de motos e duas lojas (cantina), bem ao lado, tinha uma barraca de venda de produtos diversificados de alimentícia. Ainda na mesma barraca, tinha um rapaz tocando música de modo muito alto. Tudo influenciou na articulação e na reação dos entrevistados. O primeiro, sendo um pouco mais velho conseguiu se abrir mais e responder às questões de forma mais aberta, apesar das suas limitações também relativo à linguagem.

Percebi, durante a entrevista, a dificuldade deles em falar a língua portuguesa. Muitas vezes tive de repetir a mesma questão. O segundo, não obstante, estava mais tímido durante todo o processo das entrevistas. Acredito que o ambiente não facilitou, por outro lado, o fato de ter um gravador ou um telefone gravando inibiu um pouco os entrevistados. Nesta perspectiva, buscarei num outro momento ter mais cuidado com o gravador e a escolha do ambiente, mas para o primeiro momento de exploração o espaço de trabalho tem sido mais fácil de acesso até ganhar confiança deles.

APÊNDICE C - Observação e exploração de campo dos Armazéns (26 de Fevereiro de 2022)

Depois de entrevistar os dois trabalhadores no bairro Porto Santo, Mercado dos Kwanzas, parti para os armazéns. Havia conversado no dia 19 de fevereiro com um trabalhador de Mukubal - Benguela, e tinha prometido que voltaria para conversarmos sobre a pesquisa, assim que ele reunisse outros colegas de trabalho.

Estando lá, deparei-me com dois carros de mão. Um estava sendo lotado com garrafas de água mineral e outro vazia. Não pude me aproximar para abordar o trabalhador do carro lotado, porque ele estava a serviço. Simplesmente, fiz um compasso e avistei que não daria ninguém. Portanto, continuei caminhando à rua dos armazéns. Não tardou, deparei-me com um trabalhador em um dos armazéns. Ele reconheceu o meu rosto, porque já tinha lhe abordado doutra vez na minha rua. Ele lembrou e logo falou que estava a serviço que foi buscar um cliente. Entendi. Depois me repassou o endereço antigo onde lhe encontrar. Disse que estava trabalhando lá perto do contector (contêiner) de cimento e que seria mais fácil chegar até lá.

Concordei. Disse em seguida que iria lá. Percebi o interesse por parte dele. Nos despedimos e continuei andando – meio cansado e sem muito sucesso. Quando me deparei, ainda no mesmo armazém, com uma fila de trabalhadores sentados em cima dos seus carros e conversando na sua língua étnica- ovibundo. Aproximei-me e apresentei a minha carteira, falando da pesquisa e se eles tinham interesse em colaborar. Destes, três eram do Huambo da região do bairro Benfica e outros três eram de Balambo, Benguela.

Apresentei-me e disse que estava l para desenvolver a minha pesquisa voltada a questão do trabalhador. Mostrei a carteira de estudante e um deles recebeu, ficou lendo bastante tempo e passou para os companheiros. Percebi um feedback por parte deles. Aparentemente eram mais jovens. Um deles tinha mais domínio da língua portuguesa. Pedi o contato para manter vínculo com eles. Percebi que eles tinham uma disposição para falar sobre as suas trajetórias à Luanda.

Perguntei se todos deixaram família nas suas regiões de origem – disseram que sim, em forma de coro. Continuei falando sobre a pesquisa e depois joguei outra questão- relativo ao local de trabalho- se eles estavam sempre aí e que seria um lugar estratégico para encontra-los e poder conversar. Um deles disse que sim. Em seguida

solicitei o número de celular. Passaram-me e disse à eles que voltaria no próximo sábado no mesmo horário.

APÊNDICE D - Relatório de Pesquisa

No dia 18 de Março, às 9:20, sexta-feira, voltei para conversar com os trabalhadores que doutra vez cheguei de avistar e conhecer nos armazéns. Na ocasião, deparei-me com um grupo novamente de trabalhadores roboteiros. Perguntei pelo nome de um deles que passara o seu contato. Um deles se aproximou e disse que ele não estava. Então, perguntei para este rapaz se reconhecia. Ele disse que sim, deixou-me mais à vontade com a reação, mas ele me perguntou o que eu estava mesmo a fazer? Que trabalho estava a fazer e o que ele poderia me ajudar? Percebi que ele não estava no dia que conversei com os trabalhadores. Expliquei em poucas palavras mas procurei não perder muito tempo com ele. Depois de esclarecido, ele me endereçou para um dos rapazes que estava naquele dia. Convidei para conversarmos, porém mandei comprar gasosa (refrigerante) devido ao calor. Ele recebeu a nota de 1000, 00 kwanzas (equivalente a 10 reais) e foi comprar cinco gasosas (Refrigerante).

Enquanto refrescava, busquei me entrosar com um dos trabalhadores que se encontrava sentado no seu carro de trabalho, ao lado, se encontra um outro carro, sentei-me e procurei conhecê-lo novamente. Apresentei-me! Ele também se apresentou. Em seguida, perguntei o nome. Ele respondeu que se chamava E.J. Quando perguntei de onde era? Respondeu-me que era do município de Balombo, Benguela. Em seguida, ele disse que nasceu e cresceu em Balombo.

Perguntei se estudava lá, uma vez que percebi que ele era um rapaz muito jovem. Ele afirmou que estudou até a 8ª classe. Perguntei o que ele fazia lá antes de vir a Luanda, e ele me disse que fazia só trabalho doméstico, vendia no mercado dos africanos lá em Balombo.

Perguntei, então, quantos anos ele tinha, ele respondeu que tinha 24 anos de idade. Questionei novamente que atividade ele fazia lá em Balombo, ele respondeu que as atividades dos jovens é ajudar mãe no campo.

Perguntei à ele se tinha filho, e ele disse que sim e que a criança está com 2 anos de idade. Ao perguntar que motivo o trouxe a Luanda, ele respondeu de forma muito automática que é o trabalho.

Perguntei se além dele alguém já tinha vindo à Luanda, ele respondeu que já tinham vindo a Luanda a trabalhar os tios, no período de 2007 a 2008.

Perguntei se ele gostava de morar lá em Balombo, ele respondeu que sim, de forma muito rápida.

Quem te incentivou a vir a Luanda? Quando você trabalha parte da sua família. Você tem de fazer sentir...quando estudei o dinheiro não aparece muito.

Morava com a família lá em Balombo? Não cheguei a morar junto com a minha família, ele respondeu.

Quanto foi a passagem? Antigamente a passagem era 65.000 a 7.500 kz. Hoje em dia mudou muita coisa e também alterou preço 1.000 para frente, disse ele.

Gosta de Luanda? Gosto mesmo. Gosto de trabalhar pra voltar, ele respondeu.

Gostaria de ficar aqui para sempre em Luanda? Não gostaria de ficar aqui para sempre. Nós trabalhamos pra acumular um pouco dinheiro para eu também voltar pra família, ele disse.

Quanto deves acumular? Depende de cada pessoa. Porque a pessoa tem que gastar com modo. Acumular 100.000 ou 80.000 mil kwanzas, disse ele.

O que faria com esse dinheiro lá em Balombo? Comprar um terreno. Fazer casa e colocar aluguel ou um terreno de campo pra fazer agricultura, respondeu o rapaz.

Agradei pela conversa e, logo, despedi-me dele. Enquanto terminava o outro também se aproximava para conversar comigo.

Conversa-2

Comecei por conversar com o meu segundo entrevistado. Perguntei como ele se chamava, uma vez que já havia me apresentado. Ele respondeu: J.F. Em seguida, perguntei de província ele era, ele respondeu que era de Balombo, Benguela.

Qual é a sua idade?

J.F.- Tenho 22 anos.

Quando chegou em Luanda?

J.F.- Em 2019.

Venho a Luanda com quem?

J.F.- Vim sozinho. Para que? A trabalho. Antes, fazia o que? Trabalhava no campo.

Tinha como fazer dinheiro? Dava dinheiro. Por que trocou com Luanda? Troquei porque aqui dá mais dinheiro. E antes de vir aqui já alguém da família aqui? Antes de vir já tinha pessoas que vieram como meu pai e mais dois irmãos dele e mais um filho que é o meu irmão.

Quando foi? Isto foi em 2001 a 2003. Estudou até que classe? Estudei até 7^a classe. Por que parou de estudar? A escola pedia propina (mensalidade) e não tinha como pagar aquele valor e não tinha como pagar.

Gosta de morar em Balombo? Gosto. Se tivesse trabalho lá eu não sairia de Balombo.

Deixou família? Deixei família. Mas infelizmente o filho morreu.

O que mais gosta em Luanda? O que mais gosto aqui em Luanda é trabalho mesmo. Como fez para vir a Luanda? Acumulei o dinheiro para vir a Luanda. Gosto do trabalho em Luanda? O trabalho aqui é para acumular e enviar para província.

Gosto do seu trabalho? Gosto deste trabalho. Qual é o seu sonho? Meu sonho é ser professor (Risos)

Querer morar aqui para sempre? Não gostaria de ficar para sempre... Antes fazia uma viagem e agora estou aqui a três anos. Ficaria em Luanda mesmo? Ficaria (risos).

Neste exato momento não pude continuar mais a conversa. Havia uma pessoa ao lado que estava intervindo na conversa e eu não estava mais controlando a conversa com o trabalhador. Mas, aproveitei para me despedir e disse que estava curioso para conversar também os manos que conheci noutra dia, da região do planalto, Huambo.

Ele me disse que estavam ainda ai mais cedo. Mas estavam no momento a trabalho. Respeitei o tempo dele e me despedi mais uma vez a eles. Perguntei mais uma vez para o rapaz que recebeu noutra dia...e que havia me dado o celular. Não demorou apareceu. Perguntei da disponibilidade dele. Ele me disse para voltar na semana próxima.

APÊNDICE E - Relatório de pesquisa (26 de Março de 2022)

Neste dia, acabei por chegar um pouco mais cedo no campo de pesquisa, eram por volta das 9: 30, e não pude me deparar com ninguém. Aguardei por alguns minutos enquanto observava o movimento dos armazéns. Não obstante, deparei-me com um trabalhador chegando em direção do lugar que tenho conversado com os trabalhadores roboteiros. Levantei-me e fui em direção a ele perguntar a razão dos outros colegas não estarem presente. Ele me respondeu educadamente que deveriam estar a trabalhar. Deduzi que ele tem frequentado as nossas conversas. Portanto, procurei saber se poderia conversar um pouco com ele. Respondeu que estava ocupado no momento. Quando, de repente, vi outros trabalhadores chegando no assento. Não descartei a possibilidade de conversarmos, mas procurei, num primeiro momento, me aproximar daqueles que já conhecia.

Saudei todos eles. E voltei a passar palavra no trabalhador que me recebera antes. Ele respondeu de um modo rude. Perguntei de onde ele era. Respondeu ainda mais nervoso, dizendo o lugar: Lubando, Huila. Em seguida, disse que não iria falar comigo. Não fiquei convencido e tentei pressionar um pouco. Mas percebia no tom de voz dele uma não vontade de atender a minha demanda e cada vez mais retrucando as respostas de forma chateada. Desisti e comecei logo a preparar o caderno de apontamento para continuar a escrita.

No dia, encontrei com o trabalhador Dx. A pessoa que noutra dia havia me dado o contato dele para conversar quando pudesse. Estava muito quente. Pedi para um deles comprar água e gasoso enquanto preparávamos os trabalhos. Comecei por entrevistar o trabalhador A.K.M [abreviação do nome completo do trabalhador]. Nascido na província do Huambo, município de Bailundo. Nascido e crescido lá.

A.K.M tem 23 anos de idade e trabalhava no Bailundo com agricultura. Quando perguntei se gostava da atividade agrícola, ele respondeu com firmeza.

Perguntei o que ele plantava, respondeu que na lavra dos pais saia milho, feijão, mandioca e batata. Esses produtos vendíamos na praça da Alemanha. Era pouco produto.

Perguntei então quanto produziam de quilos? Respondeu que 150 quilos e que vendiam um quilo por 100 kwanzas. O que lhe trouxe a Luanda? O que me trouxe a Luanda é a falta de condições no Bailundo. Que condições? Emprego.

Então, questionei o que ele gostaria de ganhar para lhe manter no Bailundo? Ele respondeu que qualquer salário no valor de 30.000 Kz. Perguntei se venho a Luanda por iniciativa própria? ele disse que teve ajuda de quatro amigos que trabalham com agricultura em Caxito, província do Bengo.

Questionei por que não ficou em Caxito também? Ele disse que já cresceu trabalhando com a terra e que já estava aborrecido da mesma. Quero um trabalho que posso ajudar a minha família.

Perguntei se alguém da família já tinha migrado também? Respondeu que era o único da família a migrar.

Gosta de viver em Luanda? Gosto, mas não é melhor do que estar com a minha família. Cultivar a terra com os meus país.

Teus permitiram você viajar sozinho? Eles permitiram porque não têm ou vejam outros trabalhos de empresa só em Luanda. Questionei se tinha estudado? Sim, desisti na 8^o Classe, por falta de condições. São escolas privadas que custam mensal 3000 kz a propina (mensalidade).

Como é viver em Bailundo? Bailundo é um município pequeno. Quanto tempo está em Luanda? Estou a dois anos em Luanda. Cheguem no princípio de 2020 a 2022. A passagem era na época 10.000 kz.

Como conseguiu dinheiro para vir a Luanda? Biscato [Bico], trabalhando nas lavras alheias. Moro na Dimuka, Sambizanga. Moro com a esposa. Não tenho filho. Lá não deixei filho.

Segundo entrevistado

Esta entrevista foi muito descontraída. O entrevistado tem mais domínio de Língua portuguesa comparando com os outros entrevistados. Ele me possibilitou em pensar utilizá-lo durante os próximos encontros como intermediário, na qual ele será o mediador das minhas perguntas em português e traduzidas por ele na língua Ovimbundu. Pensei mais no pessoal de Benguela e Huambo.

Perguntei com quem morava? Respondeu que morava com a família. Ele natural de Benguela, município de Balombo. Chegou em Luanda no ano de 2019. Vim com a minha esposa. Tenho três filhos. Duas meninas um rapaz.

O que lhe trouxe a Luanda? A procura de um bem-estar. Lá não tem? Quer dizer lá tem, mas é diferente de cá. Pra já é um município e aqui é a capital. Aqui fica mais em conta conseguir coisas.

Que coisas? Coisas de trabalho. Conseguir algum dinheiro para levar para casa. Fazia o que em Balombo? Estudava. Estudei até 11^a classe. Parei devido as condições. Porque quem pagava a própria era o meu pai, depois do seu falecimento tive que parar.

Tem muitas escolas públicas lá? Tem. A dificuldade está em se manter na escola. A minha vinda para cá foi barato. Paguei 5.000 e esposa num outro momento pagou 7000kz com as crianças.

Além da escola fazias mais outras atividades? Sim, fora o estudo eu trabalhava como moto taxi. Parei porque acidentei e o veículo acabou por estragar a moto.

O que lhe atraiu mais em Luanda? As pessoas dela são todas boas. Algumas boas e algumas más. Todos aqui não dão pra depositar muita confiança.

Onde moras em Luanda? Moro na rua do Tira Pistola. Me sinto normal. O luandense nos veja como animal que estamos aqui não somos pessoas, viemos do mato. Não é difícil conviver com os luandenses.

Sente saudade de Balombo? Tenho mais saudade em Balombo de alguns familiares que ficaram lá. Não pretendo ficar aqui fora sempre. Praticamente, para mim este é o meu último ano. Algumas condições vão me fazer que eu tenho que voltar. Tenho de tratar os documentos do meu pai e dos meus filhos também, tem que estudar lá.

Aqui não estão estudar. A primeira tem 7 anos, segunda 4 e o último 3 anos. É duro morar em Luanda. Apesar que já acostumei, mas é duro. Estou com 31 anos de idade.

Terminei as entrevistas às 10:32. Fiz completamente uma hora de conversa com eles. Tive de deixar para outro dia, porque a exploração dos fluxos dos pesquisados me permitir ver, por exemplo, a gênese dos trabalhadores roboteiros em Cazenga.

APÊNDICE F - Entrevistas no mercado dos armazéns

(Entrevista concedida no dia 04 de agosto de 2022)

Caracterização das narrativas sobre a identidade dos trabalhadores roboteiros	
Entrevistado	Com o trabalho
1. Bernardo do Benfica	<p>Só que lá assim não dá, porque lá já é no local tem muitas famílias.</p> <p>15. Lá não é bom fazer esse trabalho? Lá não é bom fazer esse trabalho.</p> <p>16. não é bom por quê?</p> <p>Não é bom porquê lá já é no local, no teu lugar já. Yá. Porque aqui num tem muitas famílias. Ninguém tá ver. Lá é vergonhoso mesmo. Só tem que ser aquela pessoa que não tem nada na vida. Épa, aqui praticamente a nossa família são os vizinhos. Mas pessoa da nossa província aqui num tem. Aqui você trabalha ninguém num te conhece. Agora assim dá vergonha no trabalho.</p>
Entrevistado	Negação da actividade
2. Luís Marques	<p>Um jovem nó pode ficar muito parado. Nó dá. Porque as mãe também nó trabalham mais pra nós! Nós já é que procuramo' o que é nosso, assim se necessitamos, yá. E tamémfizemo qualquer coisa pra mãe e o pai. Um bocado, um bocado. Também sempre ligo: 'oh, mãe, aqui!'. Tipo aqui como coiso é barato enxada, catana, machado... assim compro. Vou comprando e envio já lá. Assim também catana e machado, pra eles já acabou! Assim já tá em dia, chuva pode cair, yá, é só já rebentar a terra, sim. [Risos]</p>

	Atividade masculina
	As mulheres não. As mulheres vêm. É que nossas mulheres aqui não, não lhes encontra aqui, aqui só nós. Nossas dama, sabe você encontra onde... São Paulo, Scongolense, porque outras vendem bolacha, maçã, outro vendem coco, ta vender água, na Shoprite, ai lhes encontra.
Entrevistado	Negação da atividade laboral
3. António Kanda	Lá o trabalho mais vergonhoso é mesmo carro de mão. É muito trabalho. muito vergonhoso. Por isso, que muitos quando saem daqui lá num falam que o trabalho com carro de mão. É só mesmo 'to a trabalhar', 'to a vender', carro de mão mesmo é muito desprezível. Por isso que eu quando vendo, eu tiro as fotografias, meto no álbum pra lhes mostrar. Eu amostro só na minha casa. Tá aqui, eu vendi'. Ta ver mesmo, to no engarramento. A maior mesmo quando chegam lá, monstam fotografia pra falar 'não, tava vender', mas num monstam o trabalho que eles fazem, que é esse trabalho!
	Língua como fator da identidade coletiva
	Nós pra se conhecer assim é mais fácil. Tamo junto assim, ele tá falar baixo no dialeto dele, bastou eu responder, acabou [risos]

Entrevista no mercado dos kwanzas

(Entrevista concedida no dia 04 de Agosto de 2022)

Caracterização das narrativas sobre a identidade dos trabalhadores roboteiros	
Entrevista	Negação da atividade laboral
1. João de Balombo	: Eu já na minha parte, hum hum, eu nó falo! A mulher nó pode saber a coisa que eu tou trabalha, não, não! Às veze' naparte dos outro podem falar, mas eu, não! 'Eu lá em Luanda, estou a trabalhar assim, assim, não, não! [risos]. Ela

	pode perguntar, também vou lhe entrar [mentir] mais na outra forma! [risos]
2. Adão de Balombo	Nesse trabalho aqui, nós tamo' a trabalhar, por <i>causo</i> que não há empresa. Aqui também há mestre, há o quê! Pedreiros também, encontra. Yá, canalizador... aqui também tem! Yá. Os outro também da instalação da energia, também, [electricidade], é a mesma merda também! Aqui também tem! Os motorista que sabe conduzir o carro é que nó tem.
	Negação do atividade para os seus filhos
	pra eles também começarem a fazer isso? Não, eu na minha parte, não. Ainda o tempo que estou a vida, nó pode. Filho ainda tem que ficar ainda de lado, tem que estudar. Os mô filho nó podem ficar mais burro como o pai. Juro me'mo, os mô filho se começarem a pegar esse mambo, eu essa vida vou deixar! O dia que ele sair da província pra vir aqui em Luanda pra pegar também isso, eu essa vida assim também já corto!

Entrevista nos Armazéns

(Entrevista concedida em 4 de agosto de 2022)

Narrativas sobre modos de vida precária de trabalhadores roboteiros	
Entrevista	Produção da precariedade (Assalto)
1. José Mário	Ainda ontem fui trazer uma carga aí no quê, essa rua atravessar estrada. Chamam... dizem que 'na Antena'. Fui lá trazer uma arca, numa loja aí. Fui muito bem, mas todos já me concentraram. Na vinda como já voltei sozinho, me puseram numa roda. Graças três langas é que me tiraram naquele grupo, não me tiraram nada. Mas queriam! Yá, até [os langas] me fizeram companhia até na estrada. Aí nesses lados tem muitos marginais.
	Assalto
2. Luís Marques	Yá, na minha primeira viagem, quando nós viemo' aqui, yah, trabalhava, agora chegar no final do ano lectivo, já é dezembro, a nossa casa também foi assaltada com os gatuno! Levaram todo o dinheiro: me tiraram cem mil [muxoxos de aborrecimento do... e reações de lamentação dos pesquisadores]. Yá, assim já me aborreceu, voltava. Fui descansar lá um bocado. Depois voltava mais conseguia 150 mil e voltava. Agora essas horas assim... voltei mais no Huambo que é terceira viagem. Cheguei sexta-feira.
	Desrespeito no trabalho
1. José Mario	Sim. Esse trabalho aqui, há pessoas que me respeitam, há pessoas que nó me respeitam. Porque 'esses que andam com carro de mão, tipo tamém são maluco', yá. Nó terem trabalho. Eu já vi parar ali, eu estou passar com carro de mão, eu lhe disse 'ó pai, com licença!', ele me chamou de 'burro': 'nó tem nada pra você fazer, seu burro merda!' Até que arrespondeu é uma mamã que tá vender meia aí, só lhe concentrou, disse 'ó pai, isso é palavra que você, ó pai que tem filho, isso é palavra que você expressa assim no irmão aí?' Yá. Eu até tamém fiquei me'mo lhe olhar só assim, nó lhe disse nenhuma palavra, só fui!

Entrevista no mercado dos Armazéns
(Entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2022)

Características da narrativa sobre o mercado de trabalho	
Entrevistado	Modos de produção na região de origem
1. José Mário	A província de lá é mais no cultivo. No cultivo, precisa-se muita coisa, mas o essencial é adubo. Ya, então, uma pessoa quando tem uma lavra. Uma pessoa quando tem uma lavra, no cultivo, primeiro material que tem que ter são os bois. O gado, mas principalmente o boi. O boi é que te ajuda no campo, com a charrua, começar a te ajudar a cavar a terra. Então, sem isso, você terá um trabalho muito esforçado. Lá é mais memo criação de gado. Ya, esse mais essencial, agora esses trabalhos assim [roboteiro]...lá num se trabalha com esse carro. A coisa que nós precisamos mais lá é a mota. A mota é que nos ajuda no transporte. Tá ver isso, tá ver? [monstrou o seu carro de mão] É distante, num ajuda, mas agora com a mota ajuda, por causa das montanhas que lá tem.
2. Luis Marques	Fora campo, é mais mota. Falar de outras coisas assim, falar de empresa, outras coisas é muito raro. É difícil. Até lá empresa aparece só que aquele que trabalha na empresa é aquele que pai dele também já tem mais dinheiro ou relação com alguém que tem... as empresa que acalha naquele município já vem contado com os filhos dos pais já que coiso. Nossos pais é só no cultivo, então assim já também somos esquecido... Para além disso, as pessoa que têm empresa lá, na sua maioria são mais chineses. São mais as fazenda e se for pessoas assim é mais na cidade. Mas na nossa localidades onde nós vivemos, num tem. Empresa assim grande tipo aqui, é difícil. Nós é sené que metem lá só as loja, que vendem arroz, quê... yá. Se não, nós é só mesmo cultivo, tirando isso, se aparecer uma empresa dos chineses. Os chinês nó tiram ali, já vêm com eles [os seus trabalhadores]. Eles preferem assim tipo, isso é uma aldeia...

	os chinês preferem tirar mais de outro sítio do que tirar daquele bairro, por causa da desconfiança. Às vezes, alguns são gatuno. Vão começar tirar dali comida entre outras coisa, vão começar sustentar sua família. Então, os chinês não gostam isso. Eles preferem tirar de distante para que não houve roubo. Yá, é um estaleiro que se vive, não pode sair.
Entrevistado	Modo de produção do capital em Luanda
2-Luís Marques	Aqui já consegui 10.750, quando ‘tá fofo... Nunca vieram sem levar absolutamente nada, n’ê? Tipo, vem aqui todo o dia, não conseguir nada. Não [risos]. Assim é bem difícil, assim tás a brincar [risos]. Porque no cofre tem que ter mesmo 500 tem que entrar. Se ganhaste memo 2000, tira 500, os 1500 seleciona já: os 1000 já vai pro jantar, o 500 vais mandar umas duas gasosas, uma pra dama, uma pra ti.
3. AntonioKanda	sim, pelo menos 2500 kwanza leva ou 1500. Se você conseguiu 2000: Almoço é 500 kwanzas, sobra lá 1500 nos 2000! No decorrer do dia mesmo assim, de manhã e de tarde, porque aqui é mais de manhã e de tarde! Se de manhã tiver mal, então conta só com dinheiro de tarde. São trabalho fixe essa aqui, estamos acostumado, mas a pessoa tamém num pode fazer muito esforço: tá levar, tem que repousar sempre. Se você começa fazer esforço, tamém vai ter problema de caixa. Yá, se não assim, trabalhou, tá leva toda hora, tamém assim é complicado mesmo.
1. José Mário	Aqui? Aqui me custa um bocado. Yá, mas quando vendo, por dia 40, 50 mil venho com ele! Porque a minha sorte tamém ‘tá mais no vender mesmo. Eu quando vendo saio 5 hora, tou no Kikolo; 6, tou no Kinaxixi, estou arrumar, quando começa entra na via, até bater 12h, já vou teb conta uns 20 e tal! 13, vou descansar, 16 hora, minha hora de sair da via. Acabou.
	Variação dos mercados e os ganhos
	é aquele de vender. E de vender fico co’ muito dinheiro, ma nó fico cansado. Porque só falo co’ os papoite, quê, da agência! O negócio que ando com ele, os chinês do jeito que enfeita já o brinquedo dele, basta fica na agência já do quê, da unitel, já me chamam ‘moço entra’! não

	<p>vendemo aquele preço. Se vendia 7 mil, não. Você sobe já! [risos] Já vou dá conta que esse aqui, esse é bebucho: ‘esse aqui tá 16 mil, mas 14 mil pode levar.’ ‘Aqui tá 20 mil, 18 mil pode levar.’ Mas você compraste co’ 2 pau. Você por dia pode consegui de guarda 30 mil, mas fora o negócio, fora o dinheiro que você vai gastar, até voc~e pode ficar com duas mulher! [risos] No vender, não ‘tá bom!</p>
--	--

Entrevista no mercado dos Kwanzas

(Entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2022)

Características da narrativa sobre o mercado de trabalho	
Entrevistado	Modos de produção na região de origem
1. João Balombo	<p>Os jovens de lá, do Mbalombo, o trabalho é só me’mo cultivar! Os outro ainda às veze’, se você tem lá moto, pode fazer um puxada pra te ajudar, yá. Trabalho me’mo de lá é das lavra. 16h você pode fazer um pouco de puxada. Mas trabalho me’mo é das lá? Das lavra.</p>
2. Adão Balombo	<p>Modos de Produção de Capital em Luanda</p> <p>Sim! Um mês é três veze’, um ano, três veze’, já é nossa vida. você num pode ficar num sitio parado, se não, com as criança’ quem é que vai te ajudar?! Ninguém! Yá! Trabalha um pouco, compra essa madeira, 5 mil ou 8 mil, yá. Só vais ver num mês consegue lá uns 20 mil, ainda envia pra fechar aquele furo! Pausa lá mais uns 2 meses, manda lá mais uns 5 mil, seis mil, yá, é me’mo essa vvida que nós tamo’ a levar, yá, conseguimos’ um pouco, compramo’ uma mota, deixamo’. O tempo que você faz lá ainda vás conseguir lá um cupapata, ‘inda também a saia da mboa às veze’ também tá mal, vem mais aqui o</p>

	colchão também tá gato! É me'mo essa vida, mô irmão! [risos]
	Mudança climática maior a capitalização
Adão Balombo	Se fosse tempo de calor, yá, pelo meno' uns 5 mil, 4 mil, se naquele te saiu me'mo bem. Agora esse tempo mais, se você conseguiu 2 mil, assim trabalhaste. Yá, é me'mo, mas assim tempo, tempo de cacimbo é sofrimento. Ainda desde manhã, ninguém ainda tem 500 kz ou 200 pau. Aqueles bolos que me encontraste eu a comer, yá, aquele é a minha amiga que deixou.

Entrevista no mercado dos Armazéns

(Entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2022)

Características da narrativa sobre o mercado de trabalho	
Entrevistado	Modos de produção na região de origem
4. José Mário	A província de lá é mais no cultivo. No cultivo, precisa-se muita coisa, mas o essencial é adubo. Ya, então, uma pessoa quando tem uma lavra. Uma pessoa quando tem uma lavra, no cultivo, primeiro material que tem que ter são os bois. O gado, mas principalmente o boi. O boi é que te ajuda no campo, com a charrua, começar a te ajudar a cavar a terra. Então, sem isso, você terá um trabalho muito esforçado. Lá é mais memo criação de gado. Ya, esse mais essencial, agora esses trabalhos assim [roboteiro]...lá num se trabalha com esse carro. A coisa que nós precisamos mais lá é a mota. A mota é que nos ajuda no transporte. Tá ver isso, tá ver? [monstrou o seu carro de mão] É distante, num ajuda, mas agora com a mota ajuda, por causa das montanhas que lá tem.
5. Luis Marques	Fora campo, é mais mota. Falar de outras coisas assim, falar de empresa, outras coisas é muito raro. É difícil. Até lá empresa aparece só que aquele que trabalha na empresa é aquele que

	<p>pai dele também já ... as empresa que acalha naquele município já vem contado com os filhos dos pais já que coiso. Nossos pais é só no cultivo, então assim já também somos esquecido... Para além disso, as pessoa que têm empresa lá, na sua maioria são mais chineses. São mais as fazenda e se for pessoas assim é mais na cidade. Mas na nossa localidades onde nós vivemos, num tem. Empresa assim grande tipo aqui, é difícil. Nós é sené que metem lá só as loja, que vendem arroz, quê... yá. Se não, nós é só mesmo cultivo, tirando isso, se aparecer uma empresa dos chineses. Os chinês nó tiram ali, já vêm com eles [os seus trabalhadores]. Eles preferem assim tipo, isso é uma aldeia... os chinês preferem tirar mais de outro sítio do que tirar daquele bairro, por causa da desconfiança. Às vezes, alguns são gatuno. Vão começar tirar dali comida entre outras coisa, vão começar sustentar sua família. Então, os chinês não gostam isso. Eles preferem tirar de distante para que não houve roubo. Yá, é um estaleiro que se vive, não pode sair.</p>
Entrevistado	Modo de produção do capital em Luanda
2-Luís Marques	<p>Aqui já consegui 10.750, quando 'tá fofo... Nunca vieram sem levar absolutamente nada, n'ê? Tipo, vem aqui todo o dia, não conseguir nada. Não [risos]. Assim é bem difícil, assim tás a brincar [risos]. Porque no cofre tem que ter mesmo 500 tem que entrar. Se ganhaste memo 2000, tira 500, os 1500 seleciona já: os 1000 já vai pro jantar, o 500 vais mandar umas duas gasosas, uma pra dama, uma pra ti.</p>
6. AntonioKanda	<p>sim, pelo menos 2500 kwanza leva ou 1500. Se você conseguiu 2000: Almoço é 500 kwanzas, sobra lá 1500 nos 2000! No decorrer do dia mesmo assim, de manhã e de tarde, porque aqui é mais de manhã e de tarde! Se de manhã tiver mal, então conta só com dinheiro de tarde. São</p>

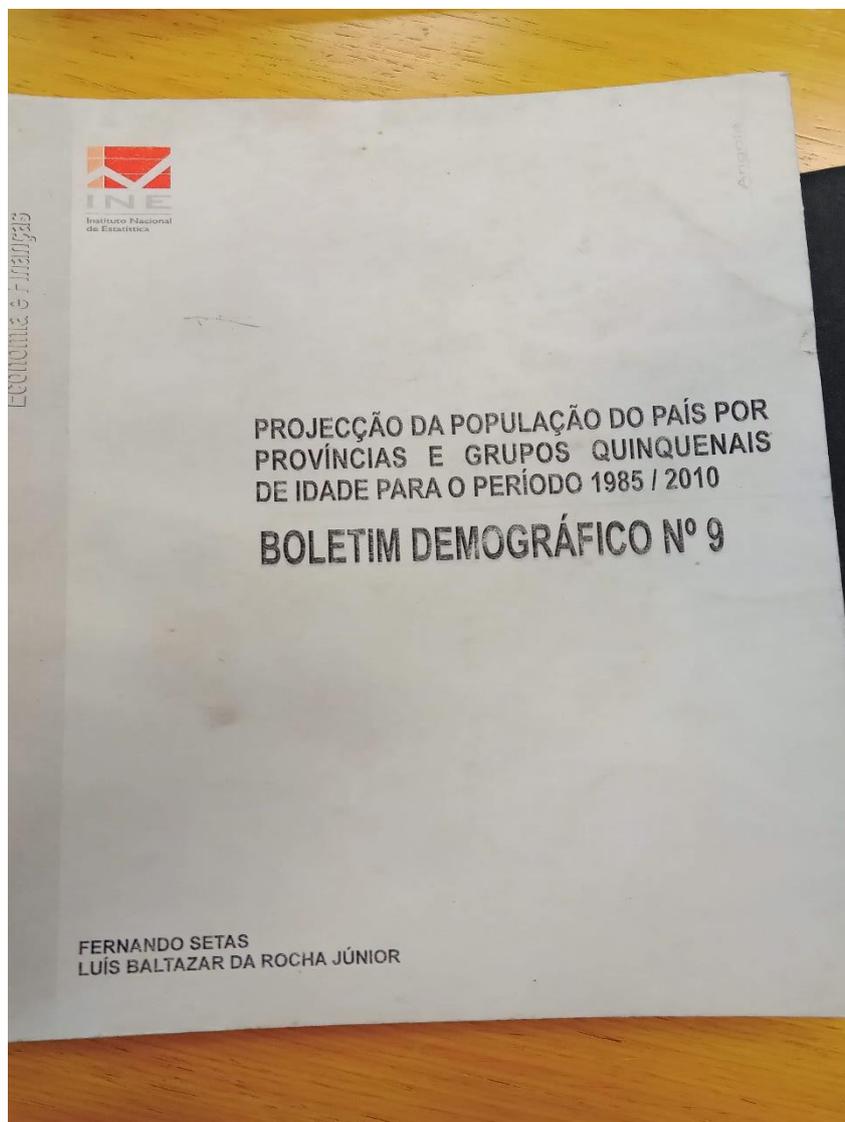
	trabalho fixe essa aqui, estamos acostumado, mas a pessoa tamém num pode fazer muito esforço: tá levar, tem que repousar sempre. Se você começa fazer esforço, tamém vai ter problema de caixa. Yá, se não assim, trabalhou, tá leva toda hora, tamém assim é complicado mesmo.
2. José Mário	Aqui? Aqui me custa um bocado. Yá, mas quando vendo, por dia 40, 50 mil venho com ele! Porque a minha sorte tamém 'tá mais no vender mesmo. Eu quando vendo saio 5 hora, tou no Kikolo; 6, tou no Kinaxixi, estou arrumar, quando começa entra na via, até bater 12h, já vou te conta uns 20 e tal! 13, vou descansar, 16 hora, minha hora de sair da via. Acabou.
	Variação dos mercados e os ganhos
	é aquele de vender. E de vender fico co' muito dinheiro, ma nó fico cansado. Porque só falo co' os papoite, quê, da agência! O negócio que ando com ele, os chinês do jeito que enfeita já o brinquedo dele, basta fica na agência já do quê, da unitel, já me chamam 'moço entra!' nó vendemo aquele preço. Se vendia 7 mil, não. Você sobe já! [risos] Já vou dá conta que esse aqui, esse é bebucho: 'esse aqui tá 16 mil, mas 14 mil pode levar.' 'Aqui tá 20 mil, 18 mil pode levar.' Mas você compraste co' 2 pau. Você por dia pode consegui de guarda 30 mil, mas fora o negócio, fora o dinheiro que você vai gastar, até voc~e pode ficar com duas mulher! [risos] No vender, não 'tá bom!

Entrevista no mercado dos Kwanzas

(Entrevista concedida em 4 de agosto de 2022)

Narrativas sobre modos de vida precária de trabalhadores roboteiros	
Entrevista	Produção da precariedade (Assalto)
1. João Balombo	nós aqui andamo fazer como... se aparecer no nosso meio tem um outro que 'tá doente, yá, ainda vamo' ver: se sempre, em fração de dois dias' ainda 'tá a dormir, assim nó pode ficar mais aqui. Se tem dinheiro ou se você nó tem,

	<p>nós vamo te aumentar lá. Se fizemo contribuição: mil, mil,mil, mil... se nós somo' 20 assim é 20 mil. Com 10 mil você chega na banda, 10 mil, chega já pro teu ajudo [hospitalização/medicação]. Não! Quem é que vai ficar com outro lá no hospital? Quem vai ficar a perder, se nós ainda 'tamo' a trabalhar quem é que vai ficar com outro lá no hospital? E aqui também nó temo' família, doente lá precisa muitas coisa. Vale a pena manda, yá! Doente vai com outro. Vai trazer, depois volta. Nó dá o outro 'tá morrer, vale a pena morrer ao lado da família, pra nó dá massada.</p>
	Precariedade no Trabalho
2. Adão Balombo	<p>Isso depende da alimentação. Você também tem que respeitar o teu corpo. Nó ta ver o carro, trabalha, mas você tem compra pneu novo, compra isso novo, yá. Compra leite. Um pouco de leite, simpre só. Eu na minha parte bebo só me'mo assim, simpre, pra limpar aquele lixo, yá. Agora se você trabalha com esse mambo, e chupeta também é contigo, pacote [whisky], ah, daí me'mo vai compra já autocarro, vai compra autocarro sem fatura.</p>

ANEXOS**ANEXO A - Projeção Anual da População total de Benguela, Huambo e Luanda
no período do Primeiro Governo pós-independência em Angola (1985-
1991)**

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA
DEPARTAMENTO DE DEMOGRAFIA E INQUERITOS

BOLETIM DEMOGRAFICO

N. 09

PROJECCAO DA POPULACAO DO PAIS POR PROVINCIAS
E GRUPOS QUINQUENAIS DE IDADE
PARA O PERIODO 1985 / 2010

FERNANDO SETAS

LUIS BALTAZAR DA ROCHA JUNIOR

Instituto Nacional de Estatistica
Departamento de Demografia e Inqueritos
caixa postal n. 1215 tel: 321997
LUANDA - REPUBLICA POPULAR DE ANGOLA

Quadro 1 - População projectada por grupos etários, segundo a área de residência e sexo, 2014

Grupos etários e idade mediana	Total			Urbana			Rural		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Luanda	6 979 233	3 418 565	3 560 668	6 793 889	3 324 583	3 469 306	185 344	93 982	91 362
0-4 anos	1 160 127	579 698	580 429	1 123 443	561 564	561 879	36 684	18 134	18 550
5-9 anos	994 039	487 122	506 917	966 734	473 495	493 239	27 305	13 627	13 678
10-14 anos	858 166	415 446	442 720	836 791	404 617	432 174	21 375	10 829	10 546
15-19 anos	751 237	361 306	389 931	733 749	352 322	381 427	17 488	8 984	8 504
20-24 anos	663 331	318 443	344 888	648 268	310 595	337 673	15 063	7 848	7 215
25-29 anos	576 629	278 288	298 341	563 574	271 419	292 155	13 055	6 869	6 186
30-34 anos	494 401	242 381	252 020	482 831	236 234	246 597	11 570	6 147	5 423
35-39 anos	410 223	203 522	206 701	400 349	198 274	202 075	9 874	5 248	4 626
40-44 anos	319 682	161 795	157 887	311 656	157 557	154 099	8 026	4 238	3 788
45-49 anos	247 531	126 390	121 141	240 942	122 955	117 987	6 589	3 435	3 154
50-54 anos	176 378	90 247	86 131	171 131	87 590	83 541	5 247	2 657	2 590
55-59 anos	126 574	64 328	62 246	122 420	62 273	60 147	4 154	2 055	2 099
60-64 anos	82 793	40 719	42 074	79 655	39 207	40 448	3 138	1 512	1 626
65-69 anos	53 487	25 132	28 355	51 176	24 064	27 112	2 311	1 068	1 243
70-74 anos	30 391	12 864	17 527	28 827	12 194	16 633	1 564	670	894
75-79 anos	13 547	3 944	9 603	12 651	3 629	9 022	896	315	581
80 ou mais anos	20 697	6 940	13 757	19 692	6 594	13 098	1 005	346	659
Menos de 1 ano	247 050	124 544	122 506	238 774	120 464	118 310	8 276	4 080	4 196
1-4 anos	913 077	455 154	457 923	884 669	441 100	443 569	28 408	14 054	14 354
0-14 anos	3 012 332	1 482 266	1 530 066	2 926 968	1 439 676	1 487 292	85 364	42 590	42 774
15-24 anos	1 414 568	679 749	734 819	1 382 017	662 917	719 100	32 551	16 832	15 719
15-49 anos	3 463 034	1 692 125	1 770 909	3 381 369	1 649 356	1 732 013	81 665	42 769	38 896
15-64 anos	3 848 779	1 887 419	1 961 360	3 754 575	1 838 426	1 916 149	94 204	48 993	45 211
65 ou mais anos	118 122	48 880	69 242	112 346	46 481	65 865	5 776	2 399	3 377
5 anos	211 051	104 094	106 957	204 965	101 070	103 895	6 086	3 024	3 062
6-11 anos	1 140 834	556 725	584 109	1 110 492	541 520	568 972	30 342	15 205	15 137
12-14 anos	500 320	241 749	258 571	488 068	235 522	252 546	12 252	6 227	6 025
15-17 anos	462 026	222 387	239 639	451 179	216 830	234 349	10 847	5 557	5 290
18 anos	146 370	70 331	76 039	142 999	68 594	74 405	3 371	1 737	1 634
18 ou mais anos	3 504 875	1 713 912	1 790 963	3 415 742	1 668 077	1 747 665	89 133	45 835	43 298
Idade Mediana	18,1	18,1	18,1	18,1	18,1	18,2	17,0	17,4	16,6

Quadro 2 - População projectada por grupos etários, segundo a área de residência e sexo, 2015

Grupos etários e idade mediana	Total			Urbana			Rural		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Luanda	7 215 624	3 537 255	3 678 369	7 026 216	3 441 219	3 584 997	189 408	96 036	93 372
0-4 anos	1 182 126	592 376	589 750	1 145 836	574 406	571 430	36 290	17 970	18 320
5-9 anos	1 027 570	505 066	522 504	998 850	490 782	508 068	28 720	14 284	14 436
10-14 anos	885 413	429 162	456 251	863 207	417 957	445 250	22 206	11 205	11 001
15-19 anos	772 106	371 662	400 444	754 154	362 430	391 724	17 952	9 232	8 720
20-24 anos	681 829	327 353	354 476	666 469	319 345	347 124	15 360	8 008	7 352
25-29 anos	595 014	286 686	308 328	581 731	279 709	302 022	13 283	6 977	6 306
30-34 anos	511 583	250 103	261 480	499 828	243 868	255 960	11 755	6 235	5 520
35-39 anos	428 052	211 870	216 182	417 935	206 490	211 445	10 117	5 380	4 737
40-44 anos	336 409	169 637	166 772	328 145	165 274	162 871	8 264	4 363	3 901
45-49 anos	260 838	133 011	127 827	254 081	129 480	124 601	6 757	3 531	3 226
50-54 anos	188 077	96 132	91 945	182 683	93 389	89 294	5 394	2 743	2 651
55-59 anos	134 241	68 267	65 974	129 985	66 159	63 826	4 256	2 108	2 148
60-64 anos	88 843	43 904	44 939	85 614	42 348	43 266	3 229	1 556	1 673
65-69 anos	56 810	26 857	29 953	54 448	25 762	28 686	2 362	1 095	1 267
70-74 anos	32 766	14 192	18 574	31 164	13 498	17 666	1 602	694	908
75-79 anos	15 405	5 147	10 258	14 471	4 801	9 670	934	346	588
80 ou mais anos	18 542	5 830	12 712	17 615	5 521	12 094	927	309	618
Menos de 1 ano	247 503	124 184	123 319	241 080	120 966	120 114	6 423	3 218	3 205
1-4 anos	934 623	468 192	466 431	904 756	453 440	451 316	29 867	14 752	15 115
0-14 anos	3 095 109	1 526 604	1 568 505	3 007 893	1 483 145	1 524 748	87 216	43 459	43 757
15-24 anos	1 453 935	699 015	754 920	1 420 623	681 775	738 848	33 312	17 240	16 072
15-49 anos	3 585 831	1 750 322	1 835 509	3 502 343	1 706 596	1 795 747	83 488	43 726	39 762
15-64 anos	3 996 992	1 958 625	2 038 367	3 900 625	1 908 492	1 992 133	96 367	50 133	46 234
65 ou mais anos	123 523	52 026	71 497	117 698	49 582	68 116	5 825	2 444	3 381
5 anos	217 688	107 781	109 907	211 256	104 593	106 663	6 432	3 188	3 244
6-11 anos	1 179 490	576 973	602 517	1 147 703	561 106	586 597	31 787	15 867	15 920
12-14 anos	515 805	249 474	266 331	503 098	243 040	260 058	12 707	6 434	6 273
15-17 anos	475 131	228 905	246 226	463 964	223 180	240 784	11 167	5 725	5 442
18 anos	150 327	72 291	78 036	146 878	70 511	76 367	3 449	1 780	1 669
18 ou mais anos	3 645 384	1 781 746	1 863 638	3 554 359	1 734 894	1 819 465	91 025	46 852	44 173
Idade Mediana	18,2	18,2	18,3	18,3	18,2	18,4	17,0	17,4	16,6

Quadro 4 - População projectada por grupos etários, segundo a área de residência e sexo, 2017

Grupos etários e Idade mediana	Urbana						Rural		
	Total			Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
	Total	Homens	Mulheres						
Luanda	7 714 644	3 787 626	3 927 018	7 516 505	3 687 190	3 829 315	198 139	100 436	97 703
0-4 anos	1 235 958	621 336	614 622	1 200 982	603 938	597 044	34 976	17 398	17 578
5-9 anos	1 093 711	541 499	552 212	1 061 724	525 671	536 053	31 987	15 828	16 159
10-14 anos	944 358	459 302	485 056	920 224	447 223	473 001	24 134	12 079	12 055
15-19 anos	817 193	394 060	423 133	798 092	384 254	413 838	19 101	9 806	9 295
20-24 anos	718 863	345 408	373 455	702 888	337 067	365 821	15 975	8 341	7 634
25-29 anos	632 526	304 189	328 337	618 699	296 935	321 764	13 827	7 254	6 573
30-34 anos	546 105	265 321	280 784	534 016	258 936	275 080	12 089	6 385	5 704
35-39 anos	462 484	228 098	234 386	451 914	222 478	229 436	10 570	5 620	4 950
40-44 anos	372 685	186 376	186 309	363 894	181 732	182 162	8 791	4 644	4 147
45-49 anos	286 998	145 905	141 093	279 904	142 190	137 714	7 094	3 715	3 379
50-54 anos	214 380	109 318	105 062	208 660	106 382	102 278	5 720	2 936	2 784
55-59 anos	149 889	76 173	73 716	145 425	73 953	71 472	4 464	2 220	2 244
60-64 anos	102 635	51 172	51 463	99 210	49 521	49 689	3 425	1 651	1 774
65-69 anos	63 923	30 496	33 427	61 452	29 346	32 106	2 471	1 150	1 321
70-74 anos	37 924	16 983	20 941	36 246	16 244	20 002	1 678	739	939
75-79 anos	18 561	7 089	11 472	17 565	6 694	10 871	996	395	601
80 ou mais anos	16 451	4 901	11 550	15 610	4 626	10 984	841	275	566
Menos de 1 ano	266 170	133 591	132 579	259 402	130 200	129 202	6 768	3 391	3 377
1-4 anos	969 788	487 745	482 043	941 580	473 738	467 842	28 208	14 007	14 201
0-14 anos	3 274 027	1 622 137	1 651 890	3 182 930	1 576 832	1 606 098	91 097	45 305	45 792
15-24 anos	1 536 056	739 468	796 588	1 500 980	721 321	779 659	35 076	18 147	16 929
15-49 anos	3 836 854	1 869 357	1 967 497	3 749 407	1 823 592	1 925 815	87 447	45 765	41 682
15-64 anos	4 303 758	2 106 020	2 197 738	4 202 702	2 053 448	2 149 254	101 056	52 572	48 484
65 ou mais anos	136 859	59 469	77 390	130 873	56 910	73 963	5 986	2 559	3 427
5 anos	230 060	114 952	115 108	222 859	111 393	111 466	7 201	3 559	3 642
6-11 anos	1 258 754	619 492	639 262	1 223 571	602 044	621 527	35 183	17 448	17 735
12-14 anos	549 255	266 357	282 898	535 518	259 457	276 061	13 737	6 900	6 837
15-17 anos	503 640	243 071	260 569	491 687	236 969	254 718	11 953	6 102	5 851
18 anos	158 810	76 511	82 299	155 167	74 626	80 541	3 643	1 885	1 758
18 ou mais anos	3 936 977	1 922 418	2 014 559	3 841 888	1 873 389	1 968 499	95 089	49 029	46 060
Idade Mediana	18,5	18,4	18,6	18,5	18,4	18,7	17,0	17,4	16,5

Quadro 5 - População projectada por grupos etários, segundo a área de residência e sexo, 2018

Grupos etários e idade mediana	Total			Urbana			Rural		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Luanda	7 976 907	3 919 101	4 057 806	7 774 168	3 816 353	3 957 815	202 739	102 748	99 991
0-4 anos	1 268 116	637 596	630 520	1 234 126	620 639	613 487	33 990	16 957	17 033
5-9 anos	1 125 470	559 639	565 831	1 091 678	542 946	548 732	33 792	16 693	17 099
10-14 anos	975 940	475 729	500 211	950 675	463 135	487 540	25 265	12 594	12 671
15-19 anos	841 591	406 217	435 374	821 810	396 088	425 722	19 781	10 129	9 652
20-24 anos	737 955	354 803	383 152	721 630	346 272	375 358	16 325	8 531	7 794
25-29 anos	651 304	313 088	338 216	637 179	305 677	331 502	14 125	7 411	6 714
30-34 anos	563 664	273 081	290 583	551 406	266 622	284 784	12 258	6 459	5 799
35-39 anos	479 422	236 000	243 422	468 637	230 268	238 369	10 785	5 732	5 053
40-44 anos	391 175	194 893	196 282	382 127	190 111	192 016	9 048	4 782	4 266
45-49 anos	300 903	152 628	148 275	293 619	148 813	144 806	7 284	3 815	3 469
50-54 anos	227 971	116 103	111 868	222 083	113 067	109 016	5 888	3 036	2 852
55-59 anos	158 682	80 576	78 106	154 101	78 293	75 808	4 581	2 283	2 298
60-64 anos	109 868	54 947	54 921	106 347	53 246	53 101	3 521	1 701	1 820
65-69 anos	68 062	32 615	35 447	65 527	31 436	34 091	2 535	1 179	1 356
70-74 anos	40 607	18 393	22 214	38 885	17 629	21 256	1 722	764	958
75-79 anos	20 099	7 976	12 123	19 077	7 563	11 514	1 022	413	609
80 ou mais anos	16 078	4 817	11 261	15 261	4 548	10 713	817	269	548
Menos de 1 ano	275 548	138 309	137 239	268 621	134 838	133 783	6 927	3 471	3 456
1-4 anos	992 568	499 287	493 281	965 505	485 801	479 704	27 063	13 486	13 577
0-14 anos	3 369 526	1 672 964	1 696 562	3 276 479	1 626 720	1 649 759	93 047	46 244	46 803
15-24 anos	1 579 546	761 020	818 526	1 543 440	747 360	801 080	36 106	18 660	17 446
15-49 anos	3 966 014	1 930 710	2 035 304	3 876 408	1 883 851	1 992 557	89 606	46 859	42 747
15-64 anos	4 462 535	2 182 336	2 280 199	4 358 939	2 128 457	2 230 482	103 596	53 879	49 717
65 ou mais anos	144 846	63 801	81 045	138 750	61 176	77 574	6 096	2 625	3 471
5 anos	235 781	118 447	117 334	228 197	114 702	113 495	7 584	3 745	3 839
6-11 anos	1 298 216	641 249	656 967	1 261 081	622 878	638 203	37 135	18 371	18 764
12-14 anos	567 413	275 672	291 741	553 075	268 501	284 574	14 338	7 171	7 167
15-17 anos	519 099	250 781	268 318	506 695	244 474	262 221	12 404	6 307	6 097
18 anos	163 414	78 797	84 617	159 644	76 849	82 795	3 770	1 948	1 822
18 ou mais anos	4 088 282	1 995 356	2 092 926	3 990 994	1 945 159	2 045 835	97 288	50 197	47 091
Idade Mediana	18,6	18,5	18,8	18,7	18,5	18,8	17,0	17,4	16,5